

SERIE 5.a — BRASILIANA
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena.
- 3 — Alcides Gentil: As idéas de Alberto Torres.
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação.
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e prof. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ray Barbosa.
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro.
- 11 — Luis da Camara Cascudo: O Conde d'Eu.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas de Imperador Pedro II ao Barão de Cotagipe.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A' margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda da Itzas.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Mauá.
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Murilo Mastroquinn: A Hoza do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Ramos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya.
- 29 — Jozuê do Castro: O Problema da alimentação no Brasil.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio.
- 33 — J. do Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Angyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira.
- 35 — A. J. do Sampaio: Phytogeographia do Brasil.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do meridiano.
- 37 — J. P. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil.
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia.
- 40 — Pedro Calmon: Espirito da Sociedade Colonial.
- 41 — José-Maria Bello: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil.
- 43 — A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indigenas do Nordeste.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil.
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças Africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O Selvagem.
- 53 — A. J. do Sampaio: Biogeographia Dynamica.
- 54 — Antonio's Gontijo do Carvalho: Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly — Mulheres e costumes do Brasil.

- 67 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folk-lore Musical Brasileiro.
- 68 — Auguste de Saint-Hilaire — Viagem à Província de Sta. Catharina (1820).
- 69 — Alfredo Ellis Junior — Os primeiros troncos Paulistas e o cruzamento euro-americano.
- 60 — Emílio Rivasseau — A vida dos Índias Guaycurús.
- 61 — Conde d'Eu — Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe de Orleans commentadas por Max Fieles).
- 62 — Agenor Augusto de Miranda — O Rio São Francisco (Edição Illustrada).
- 63 — Raymundo Moraes — Na Planície Amarenica (4.ª edição).
- 64 — Gilberto Freyre — Sobrados e Mucambos — Decadência do Patriarchado Rural no Brasil (Edição Illustrada).
- 65 — João Dornas Filho — Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moseyr — A Instrução e o Imperia (Subsidios para a Historia da Educação no Brazil) 1.º volume — 1823-1853.
- 67 — Pandá Calogeras — Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ás nascentes do rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz — 1.º Tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 69 — Prado Maia — Através da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco — Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — Auguste de Saint-Hilaire — Segunda Viagem ao Interior do Brazil "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Maddira.
- 72 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brazil no Seculo XVI (Pesquisas e contribuições).



SEGUNDA VIAGEM AO
INTERIOR DO BRASIL
ESPIRITO SANTO

403

Obras do traductor:

CAIÇARAS — 1933 — 1.^a edição.

CAIÇARAS 1934 — 2.^a edição — esgotada.

No PRÉLO:

O ROMANCE DE THEREZA-MARIA.

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

SEGUNDA VIAGEM
AO INTERIOR
DO BRASIL
ESPIRITO SANTO

Tradução de.
CARLOS MADEIRA



1936
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

N.º cat. : 17400
Cód. barra : 15165

Título do original em francês desta tradução:

2^{ième} Voyage à l'intérieur du Brésil



Auguste de Saint-Hilaire

Meu caro amigo.

Muito agradeço ao seu cavalheirismo o me haver proporcionado a leitura das paginas de "Saint-Hilaire", relativas ao Espirito Santo e traduzidas pelo meu illustre amigo.

Saint-Hilaire foi, como julgou o Visconde de Taunay, um dos maiores e mais uteis amigos do Brasil, botânico illustre, viajante tão veridico quanto minucioso, que percorreu, durante seis annos, muitas provincias do Imperio, centreas e do littoral até a Cisplatina. Esse juizo do auctor da Retirada da Laguna está vinculado no espirito de quantos estudam e estudaram a nossa Historia.

Merece francos applausos o seu trabalho e aqui registro os meus.

Com razão observa Rodolfo Garcia, grande sabedor de nossas cousas, que os seis volumes de Voyages dans l'interieur du Brésil são indispensaveis em qualquer bibliotheca brasileira. E traduzidos com o escrupulo mantido pelo meu amigo, seguindo o exemplo de outros que metteram hombros a igual tarefa, assim o desse jovem e competentissimo David A. da Silva Carneiro, quanto ao Paraná, as narrativas de Saint-Hilaire terão maior divulgação.

Seu trabalho, pois, offerece duplo aspecto valioso, impondo-se ao reconhecimento dos estudiosos, principalmente e benemeritamente dos estudiosos de nossa terra.

MAX FLEISS

INDICE

CAP.

- | | | |
|--------|--|-----|
| I — | Quadro Geral da provincia do Espirito Santo | 13 |
| II — | Os indios selvagens — A villa de Itapemirim | 39 |
| III — | A cidade de Benevente e os indios civilizados — A villa de Guarapary — Chegada ás margens da bahia do Espirito Santo | 61 |
| IV — | A bahia do Espirito Santo — Villa da Victoria — Detalhes sobre a agricultura | 89 |
| V — | A montanha de Mestre Alvo — A villa D'Almeida e os indios que a habitavam | 123 |
| VI — | A região situada entre a villa D'Almeida e o Rio Doce | 155 |
| VII — | O Rio Doce — A nova colonia — A lagoa Jupatanan | 169 |
| VIII — | Os empregados do autor adoecem na embocadura do Rio Doce — O posto de Couboios — A aldeia indigena de Piciquiassú | 205 |
| IX — | A nova colonia de Vianna — O convento de Nossa Senhora da Penha — O autor retorna ao Rio de Janeiro | 225 |

CAPITULO I

QUADRO GERAL DA PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

HISTORIA DA PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO. SUA DECADENCIA. PERFIL DOS GOVERNADORES ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME, MANOEL VIEIRA DE ALBUQUERQUE TOVAR E FRANCISCO ALBERTO RUBIM. VANTAGENS QUE DESFRUCTA A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO. ESTRAGOS DAS GRANDES FORMIGAS; ALGUMAS PESSOAS COMEM-N'AS COM PRAZER. LIMITES DA PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO; SUA POPULAÇÃO; SEU NOME; SUAS CIDADES. ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA; A DAS FINANÇAS; RENDAS. FORÇAS MILITARES. ADMINISTRAÇÃO ECCLESIASTICA. CARACTER DOS HABITANTES DO ESPIRITO SANTO; INCORREÇÕES QUE SE INTRODUIRAM NA SUA LINGUAGEM. COSTUMES. AS MULHERES DO ESPIRITO SANTO.

Os historiadores não estão absolutamente de accordo quanto ao nome das tribus selvagens que, no tempo do descobrimento, habitavam entre o Cabapuana e o Rio Doce, mas, sabe-se que na epoca em que o Rei D. João III repartiu o littoral do Brasil doou (1534) a provincia do Espirito Santo ao nobre portuguez Vasco Fernandes Coutinho. Este desembarcou na America, á frente de um certo numero de colonos, entre os quaes se achava D. Jorge de Menezes, ex-governador das Molucas, condemnado ao exilio por horriveis atrocidades.

Os portuguezes obtiveram, de inicio, muitas victorias sobre os indigenas apavorados; fundaram, perto da bahia do Espirito Santo, a cidade que se chama Villa Velha; construíram um forte e plantaram canna de assucar (1).

(1) Vê-se, portanto, que ha bem pouco tempo a canna de assucar havia começado a ser cultivada no Brasil, quando foi introduzida na provincia do Espirito Santo. Quem a plantou primeiro na America-portuguesa, por volta do anno de 1531, foi, como já se viu, Martim Affonso de Souza, fundador da Capitania de São Vicente. Esse illustre Capitão é chamado Martino Affonso, na "Agrostologia" do senhor Martius, porem, esses dois nomes não são absolutamente portuguezes e, como se suppõe, foram deturpados, por engano do revisor ou copista da excellente obra do sabio bavaro, que, parece, foi impressa distante delle.

Entretanto, essa situação favorável não foi duradoura. Exasperados pelas crueldades dos portugêses que, segundo a expressão de um dos seus historiadores, se mostraram mais barbaros que os proprios barbaros, os indios destruíram as plantações de seus inimigos, queimaram suas casas e massacraram todos aquelles que cahiram em seu poder.

Para fugir aos seus ataques, os brancos abandonaram a cidade que haviam fundado e se retiraram para o lugar onde está hoje a Capital da provincia do Espirito Santo. Lá, ainda foram atacados pelos indigenas; mas, finalmente, conseguiram, por sua vez, uma grande victoria e, crendo deverem esse successo á intervenção da Virgem Maria, consagraram-lhe o novo estabelecimento, denominando-o Villa de Nossa Senhora da Victoria.

Nos combates que os portugêses travaram contra os indios, succumbiram, successivamente, D. Jorge de Menezes e um outro nobre, tambem exilado, Simão de Castello Branco, que assumira o governo da Colonia emquanto Coutinho, animado com seus primeiros exitos, havia ido procurar novos auxilios em Portugal.

Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, governador da Bahia, morreu, tambem, na guerra contra os indios da Capitania do Espirito Santo.

Por fim, o Governador da colonia, depois de haver esgotado, para defende-la, seu patrimonio e as riquezas adquiridas nas Indias Orientaes, ficou reduzido a viver de esmolas e não deixou, sequer, um lençol para o amortalhar.

A tranquillidade de que a Colonia em formação tanto necessitava, e que os portuguezes não haviam conseguido, espalhando o terror entre os indigenas, esta tranquillidade, digo eu, os jesuitas souberam conquistar pela persuasão. Elles não temiam reprovar aos portuguezes sua espantosa tyrannia e, ao mesmo tempo, levavam, aos indios, palavras de amor, paz e liberdade.

Por seus cuidados e sobretudo pelos do heroico Anchieta, os indigenas converteram-se ao Christianismo e, reunidos em aldeias, conheceram os beneficios da civilização.

No 17.º seculo, não havia senão 500 homens de nossa raça na provincia do Espirito Santo; mas, contavam-se nella quatro reduções de indios, formadas pelos Jesuitas, as de Reritygha, hoje Benevente, Guarapary, São João, Reis Magos, e estes estabelecimentos foram os do numero daquelles que serviram de modelo á colonização dos Guaranyes, do Paraguay, tão commentada pelos mais celebres escriptores (2).

(2) Ver Montesquieu "Espr. lois" I, IV, capitulo VI — Raynal, Hist. ind. part. IV, I. IV — Chateaubriand, "Gen. Christ", part. IV, I. IV, capitulo IV.

Parece que os habitantes da provincia do Espirito Santo já gozavam de uma paz profunda, quando sua Capital foi atacada, em 1592, por um dos aventureiros mais audaciosos que hajam desolado os mares.

O famoso cavalheiro Thomas Cavendish, depois de haver soffrido um revés, em Santos, procurou desembarcar na Villa da Victoria, onde esperava achar provisões em abundancia, mas, os portuguezes e os indios reunidos o rechassaram e elle morreu no mar, acabrunhado.

Nessa epocha, a capitania do Espirito Santo não havia ainda saído da familia do primeiro donatario; ella pertencia a Francisco Aguiar Coutinho (3).

Por volta de 1690, um dos descendentes deste ultimo, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, vendeu-a, por quarenta mil cruzados, ao coronel Francisco Gil Araujo. Foi tambem, successivamente, propriedade de dois donatarios; mas, afinal, em 1717, o rei D. João V adjudicou-a, pelo preço que fôra vendida a primeira vez, e incorporou-a ao dominio da corôa (4).

(3) E' a elle que Alphonse de Beauchamp, na sua historia tão pouco conscienciosa, chama Aughian Coutinho (*Hist. Bras. II*, 170).

(4) Pizarro affirma (*Mem. Hist.*, VIII, 23) que foi Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho quem vendeu á corôa a capitania do Espirito Santo; mas, o mes-

Durante muito tempo, esta capitania fez parte do governo da Bahia e, então, foi administrada por capitães-móres. Por fim, em 1809, tornou-se uma provincia inteiramente independente e se lhe deu por governador Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, ao qual succedeu Francisco Alberto Rubim, que estava ainda em exercicio, na epoca de minha viagem (5).

Enquanto estas mudanças se operavam na administração da Capitania do Espirito Santo, a prosperidade de seus habitantes experimentava tambem grandes entraves.

Depois de ter, por defesa geral, um pequeno forte protegido por uma guarnição de 34 homens, a Capital da provincia acabou por adquirir importancia, e, por volta da metade do seculo 18, era considerada uma das principaes cidades da America portuguesa (6).

Mais tarde, a expulsão dos Jesuitas deu um golpe fatal na Capitania do Espirito Santo; e de todas as provincias da costa, ella foi a que menos

o historiador apresenta noutra parte (II, 7) documentos que provam que, depois de Antonio Luiz Gonçalves, houve ainda varios donatarios. Este ultimo era governador da Bahia.

(5) Southey — "Hist. do Bras.," I, 38, 286, 326, 362, 445. II, 665 — Corog. Bras. II, 56, 58, 67. — Piz. "Mem. Hist." II, 2-30.

(6) Southey — "Hist. Bras.," II, 665.

produziu (7). Uma grande parte da sua população era composta de indígenas; os Jesuitas os governavam com bondade; submetteram-n'os a um trabalho regrado, proviam-lhes todás as necessidades, transmittiam-lhes conhecimentos que eram susceptíveis de adquirir e tinham o cuidado, sobretudo, de apartar delles os brancos que os teriam, em pouco tempo, corrompido e tyrannizado.

Depois da extincção da Companhia de Jesus, que foi creada em 1535, os indios, raça fraca e descuidada, ficaram sem appoio.

Fizeram-se leis, em Lisbôa, em seu favor; mas, como podiam ser ellas applicadas a duas mil leguas do legislador, num paiz onde todos se julgavam com o direito de levantar sua fortuna sobre as ruinas dos desgraçados que uma inferioridade verdadeira fazia repudiados com orgulhoso desdem?!

Tratados como escravos, condemnados a rudes trabalhos, os indios foram aniquilados ou se dispersaram.

Nos tempos dos Jesuitas, havia em Reritygba ou Benevente e em seus arredores, doze mil indígenas; sob o primeiro parochó que succedeu aos padres da Cia. de Jesus, os indígenas foram então reduzidos de 9.000 e em 1820 toda a população da

(7) Southey — "Hist. Bras.", III, 811.

parochia de Benevente não ia além, segundo Pizarro (8), de 2.500 individuos.

Não era, somente, como chefes e protectores dos indios, que os Jesuitas deviam exercer sobre a capitania do Espirito Santo uma influencia feliz. Era do interesse da Ordem enviar membros distinctos a uma provincia onde a população lhe fosse, em grande parte, submissa, possuidora de grandes dominios.

Esses homens chegavam de seus paizes com conhecimentos que não podiam ter os descendentes incultos de aventureiros barbaros e, quando mesmo aos Jesuitas fosse prohibido instruir os brancos, era impossivel que, aqui, não se aproveitassem seus exemplos.

Os padres da Companhia de Jesus cavaram, na provincia do Espirito Santo, o unico canal que, ao meu conhecimento, haja existido na costa do Brasil Meridional.

Construiram nesta provincia e no districto limitrophe de Campos dos Goytacazes obras importantes e todos sabem que suas fazendas, onde os negros eram tratados com brandura, offereciam modelo de ordem e hũa administração.

Vi numa fazenda de Goyaz, onde se conservava a tradição, os methodos seguidos pelos Jesuitas para dirigir seus dominios ruraes e duvido

(8) Piz. — "Mem. Hist.", V, 99.

que existam no Brasil propriedades melhor administradas.

Depois da extincção da Companhia de Jesus, não se encontrou ninguém que fosse capaz, seja por preceitos, seja por exemplos, de propagar alguns ensinamentos entre os habitantes da provincia, quasi abandonada, do Espirito Santo, e a terrivel tyrannia dos governadores contribuiu ainda mais para a sua decadencia.

A' excepção da Justiça, os governadores do Espirito Santo, como os de outras capitánias (9), dirigiam todos os ramos da administração.

Obedecia-se-lhes com exactidão e pontualidade raramente verificadas no cumprimento das ordens do proprio soberano, e, por pouco que elles fossem apoiados por algum favorito, era-lhes facil derrubar a fraca barreira que as leis oppunham á sua autoridade.

Em principios deste seculo, o mathematico Antonio Pires da Silva Pontes Leme fôra nomeado capitão-mór da provincia do Espirito Santo, por protecção de D. Rodrigo, Conde de Linhares. Era um homem instruido, porém bizarro, que abuzou de sua autoridade e fez mal á provincia.

Contam-se deste magistrado extravagancias que seriam incriveis se não fossem attestadas por pessoas dignas de fé. Tinha a mania de tirar os

(9) Minha primeira relação, VI, I pag. 355 e seguintes.

agricultores de seus dominios e rete-los, meses inteiros, na Villa da Victoria, para exercita-los no serviço militar; sentia um prazer barbaro em fazer montar a cavallo os infelizes, aos quaes doencas secretas impediam esse exercicio; ou então, se elle passeiava com os officiaes da guarda nacional (milicia) forçava-os a comer o jantar nojento dos negros que encontrava no caminho.

Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, que succedeu a Pontes com o titulo de governador, administrou quasi tão mal quanto elle. Comprazia-se, igualmente, com o apparatus militar e roubava aos colonos um tempo precioso, passando-os em revistas inuteis, incessantemente.

Depois de Tovar, Francisco Alberto Rubim foi nomeado Governador da provincia do Espirito Santo e a administrava ainda na epoca de minha viagem.

Passava, geralmente, por ser um homem integro; tinha talento e actividade. A nova Villa da Victoria fundou-se por iniciativa sua; fez abrir estradas entre o littoral e Minas Geraes, fundou a igreja da Villa de Linhares, reedificou, na Villa da Victoria, uma parte do palacio do governo e ajudou a embellezar essa Villa; mas, se tal administração foi brilhante, careceu de que fosse de accordo com as leis do Estado e os principios de uma sabia economia. Ver-se-á com que rigor tratava os indios e esses desgraçados não eram as unicas victimas de seu despotismo.

A tudo punha embaraços, achava-se em toda parte e suas medidas, indicando a espantosa extensão de seu poder, evidenciavam ainda sua ignorância em administração. Como os seus predecessores, Rubim, para exercitar os colonos no serviço militar, fazia-os, continuamente, vir de varias leguas á cidade, e obrigava-os a deixar sem vigilância suas casas e seus escravos. No seu governo prohibiu vender algodão com semente e arroz com casca.

Finalmente, o que parece quasi inacreditavel, a farinha de mandioca, recolhida no arrabalde da Villa da Victoria, foi taxada em 2 cruzados o alqueire, enquanto que a de outros districtos da capitania ou de provincias visinhas podia-se vender a preço de especulação.

Resultava desse Regulamento que os agricultores dos lugares circumvisinhos da capital da provincia não plantavam mandioca, senão a necessaria ao proprio sustento; quasi toda a farinha consumida pelos empregados e trabalhadores, vinha de fóra e vendia-se a 4 ou 5 patacas o alqueire e o dinheiro dos moradores da Villa da Victoria ia enriquecer os de São Matheus (10), cidade que

(10) Escrevo este nome como se o pronuncia no paiz e da mesma maneira que Dazel e Pizarro. Encontra-se, na verdade, San Mateo na tradução franceza da obra do senhor principe de Neuwied, mas, o proprio sablo restabeleceu, recentemente, a verdadeira orthographia.

se encontra depois do Rio Doce, entrando-se na provincia de Porto Seguro, cujos arredores produzem muita mandiôca.

Contudo, quando a provincia do Espirito Santo fôr sabiamente administrada e seus habitantes tiverem mais instrucção, é possível que alcance um alto grau de prosperidade.

Se todas as terras desta provincia não são absolutamente ferteis (11), ella é porem de terras cuja fecundidade não pode ser posta em duvida. Produzem assucar, mandioca, algodão, arroz, café, milho e diversos legumes.

Em 1820 contavam-se, em toda a provincia, 60 engenhos de assucar e 66 distillarias (12) e no 1.º trimestre de 1818, só a Villa da Victoria exportou 4 mil alqueires de arroz sem palha. Excellentes madeiras para construcção e marcenaria puderam ser tiradas de florestas immensas que cobrem uma grande parte da provincia. Os rios banham-n'a, pequenos portos permitem-lhe uma cabotagem util e a bahia da Villa da Victoria, capaz de receber até fragatas, permitirá aos negociantes da região entregarem-se a grandes ope-

(11) Tinha-se antigamente, uma idéa muito exagerada da fertilidade da provincia do Espirito Santo. Eis aqui como se exprime Jean de Laet: "acreditou-se por muito tempo ser essa prefeitura a mais fertil de todas as provincias do Brasil por todas as cousas que preparadas são necessarias á vida humana.

(12) Piz. — "Mem. Hist.", II, 23.

rações, quando tiverem conhecimentos mais amplos e idéas menos acanhadas (13).

Emfim, quando o Rio Doce vier a ser navegavel, os habitantes do Espirito Santo poderão, em troca de seu sal, receber, a preço reduzido, os metaes de Minas Geraes. A ignorancia e a apathia, que se oppuzeram ao progresso do Commercio da provincia do Espirito Santo, desaparecerão, sem duvida, com o tempo, mas, os agricultores desta região lutarão contra um flagelo para o qual, insistentemente, até hoje procuram algum remedio efficaz. Eu falo das grandes formigas (alla cephalotes Fab. ou, pôde ser, alguma especie proxima). Esses insectos não atacam nunca, ou atacam pouco, o milho, a canna de assucar (14) e o feijão; mas, são muito sequiósos do algodão e mais ainda da mandiôca.

Uma noite só, basta-lhes para destruirem, inteiramente, campos vastos desta ultima planta, ou para despojar as laranjeiras de suas folhas (15).

(13) O Commercio estaciona por não haver no continente um só negociante capaz de animar os diversos artigos de industria (Mem. Hist., II, 24).

(14) O senhor Martius diz, com effeito, ("Agrost", 567), que as formigas fazem grandes destruições nas plantações de cannas; mas, é possível que as provincias do norte, percorridas por este sabio, sejam asylo de algumas especies que não existiam mais nas partes do Brasil que visitei.

(15) Veja-se como se expressa o sabio sr. Lund na sua "Carta sobre as formigas do Brasil" (Ann. oc. nat., XXIII, 118): "eu linha sempre olhado como exagero as

Toda a população do Espírito Santo não se afflige, contudo, com a abundancia das grandes formigas. Logo que, munidas de azas, venham a mostrar-se, os negros e as creanças apauham-n'as e comem-n'as; os moradores de Campos, que vivem num estado de rivalidade contínua com os da Villa da Victoria, chamam-n'os de papa-tana-

narrativas feitas pelos viajantes do d'anno que certas fôr-
migas causam ás arvores, despojando-as, num instante,
de sua folhagem mas, veja-se um facto que testemunhei,
relativo á especie conhecida, muito tempo depois, sob o
nome de *atta cephalotes*: passando um dia junto a uma
arvore quasi isolada, fiquei admirado de ouvir em tempo
bonançoso o ruido de folhas que tombavam em terra,
como o da chuva; augmentou minha surpresa ver que as
folhas arrancadas tinham sua côr natural e que a arvore
parecia gozar de todo o seu vigôr; eu me approximei
para achar a explicação desse phenomeno e vi que sobre
o peciôlo estava uma formiga trabalhando com toda a
energia: o peciôlo foi logo cortado e a folha tombou por
terra; uma outra scena se passava ao pé da arvore: a
terra estava coberta de formigas occupadas em relalhar
as folhas, á medida que ellas tombavam e os pedaços
eram transportados através dos campos ao formigueiro.
Em menos de uma hora o grande trabalho se completou
sob meus olhos e a arvore ficou inteiramente desfolhada".
A narrativa inteira do senhor Lund mostra quanto se
pode attender a este zeloso naturalista e não se o lerá
sem prazer. Eu me permittirei uma observação que em
nada prejudica o trabalho pessoal do sr. Lund: "con-
forme a narrativa dos viajantes, os planos elevados e
aridos da provincia de Minas Geraes são, diz elle, entre-
cortados de monticulos que de longe se tomará por ca-
banas de selvagens, mas que são obra das formigas".
Os viajantes citados não haviam provavelmente visto os
campos de Minas, nem os habitantes das termitas e, me-
nos ainda, as cabanas dos selvagens.

jurás, comedores de formigas. Não acontece unicamente na provincia do Espirito Santo, nutrirem-se de grandes formigas alladas; asseguraram-me que se as vendem no mercado de São Paulo, sem o abdomen e fritas; eu mesmo comi um prato dellas, preparadas por uma mulher paulista e não lhes achei gosto desagradavel.

A actual provincia do Espirito Santo não contém senão tres quartos da antiga capitania do mesmo nome (16) e se estende, pouco mais ou menos, de 19°,31' até 20°,16'. Limitada ao sul pelo rio Cabapuana, prolonga-se ao norte, até o territorio de Porto Seguro do qual a separa o Rio Doce, ou melhor, a ribeira menos meridional de São Matheus (17).

Mas, emquanto esta provincia comprehende no seu comprimento uma extensão de cerca de 38 leguas (portuguesas) de costa, sua largura é, em certos lugares, reduzida a uma faixa estreita e are-

(16) Caz. -- "Corog. Braz". II, 56.

(17) E' conveniente repetir que o Rio Doce é o limite da provincia do Espirito Santo; mas, não se observa assim na região; é incontestavel que Linhares, situada sobre a margem esquerda do rio, pertence ainda a esta provincia; Pizarro disse, positivamente ("Mem.", II, 29) que é o Rio S. Matheus que serve de limite á jurisdicção da *junta da fazenda do sul* (junta do Thesouro publico) do Espirito Santo; enfim, a auloridade dita se estende ainda sobre o littoral, p'ra lá do Rio Doce, numa distancia de algumas leguas até o porto militar de Barra Secca.

nosa; sobre nenhum ponto suas dependencias verdadeiras avançam no lado de leste, quanto na Villa da Victoria e, lá mesmo, não se acha nenhuma cultura, a mais de oito leguas do mar. A provincia do Espirito Santo offerece, portanto, somente uma faixa estreita, que, termo medio, não tem, provavelmente, mais de quatro leguas de largura. Além se acham immensas florestas que se confundem com as de Minas Geraes e servem de asylo ás tribus errantes dos botocudos, sempre em guerra com os portuguezes (18).

A população do Espirito Santo não se elevou a mais de 24 mil almas (19) e não se póde saber

(18) Seria possível que a paz concluída pelo francês Guido Thomas Marlière entre os botocudos do Rio Doce e os mineiros, tivesse uma influencia benéfica para a provincia do Espirito Santo. Entretanto, eis aqui o que declarou, em 18 de Novembro de 1825, o proprio excellente senhor Marlière: "presentemente não ha mais inimigos em Minas, entre os selvagens; ali tudo está calmo; eu desejaria poder dizer outro tanto da vizinha provincia do Espirito Santo; mas, como o systema que lá se estabeleceu para a civilização dos indigenas, consiste em dar-lhes golpes ou palmatoria e privá-los da liberdade, eu duvido que elles não se revoltem e sua rebelião não se propague aqui. Um grande numero de selvagens, da costa, vieram refugiar-se entre nós; que não nos venham todos esses desgraçados!

(19) Este algarismo me foi communicado por um homem cuja posição social o collocava em melhores condições que outros de saber a verdade — Pizarro (Mem.", II, 8) teve conhecimento da mesma avaliação, mas, rejeitou-a para admittir numa outra que fazia montar em 72.845 o numero dos habitantes do Espirito Santo, uni-

da superficie habitada desta provincia que, em 152 leguas quadradas, cada legua contem, termo médio, cerca de 150 individuos.

Eu disse, n'outra parte, que a população de Minas Geraes podia ser estimada em 10 pessoas por legua quadrada; por conseguinte, teria, sobre uma superficie egual, quinze vezes menos de individuos na provincia de Minas Geraes que na do Espirito Santo.

Mas, as populações dos dois governos não podem, realmente, ser comparadas com certa exactidão.

Com effeito, a de Minas foi disseminada sobre o immenso territorio dessa região e as aldeias se acham, frequentemente, separadas por desertos, que somos obrigados a incluir no calculo de sua superficie geral.

Na provincia do Espirito Santo, ao contrario, a população, retida pelo temor aos indigenas, se

camente. Com effeito, o desembargador Antonio Rodrigues Veloso d'Oliveira que tambem adopta (Mappa 2^{da} no Ann. Hum.) a cifra de 72.845 disse que alem da população do Espirito Santo esta cifra comprehende ainda a população do districto de Campos dos Goytacazes e não podia ser, absolutamente, de outra forma, porque o numero 72.845 é o resultado dos registros do Ouvidor da Villa da Victoria, e a jurisdicção desse ouvidor se extendia, nessa epoca, sobre Campos.

De resto, como a população de Campos não vae além de 31.935 individuos, restavam ainda para a da provincia do Espirito Santo 40.920 individuos, numero muito superior áquelle que eu cito.

acha disposta em pelotões no littoral e a apreciação que eu faço do territorio desta provincia não comprehenderia suas florestas, ainda desconhecidas e somente habitadas pelos índios selvagens.

Em Minas, Campos, Rio Grande do Sul e provavelmente em todo o sul do Brasil, quando se diz apenas a Capitania, é sempre a do Espirito Santo que se refere, e, no interior, mesmo desta ultima, não se usa quasi o nome de capitania senão para a Villa da Victoria, a Capital.

Alem dessa cidade, contam-se, ainda, seis outras na provincia do Espirito Santo, a saber: Itapemirim, Benevente, Guarapary, Villa Velha, Vianna e Almeida, que não têm Juiz e que merceriam apenas o nome de povoações.

Em segunda instancia, a Justiça é representada, na provincia, pelo Ouvidor da Villa da Victoria, cuja jurisdicção se estende, como disse, ao districto dos Campos dos Goytacazes.

As finanças da provincia do Espirito Santo são administradas por uma junta (Junta da Fazenda Real) composta do governador e de cinco membros que não têm honorarios mas que recebem certa commissão sobre o bruto das rendas da provincia. Na epoca da minha viagem, não havia mais que um membro da junta e o governador, que se reuniam, e a administração do Thesouro publico achava-se real e inteiramente a cargo deste ultimo. As rendas da provincia atingiam, então, a media de 30.000 cruzados, por trimestre, mas, a

cobrança que se procedia na Capitania, propriamente dita, entrava nesse calculo apenas por um terço, ou sejam 10.000 cruzados. Como as despesas da região se elevassem a muito mais que esse terço, applicava-se-lhe a maior parte dos impostos que se percebiam no districto de Campos dos Goytacazes e a somma enviada, todos os trimestres, de São Salvador, dos Campos, á Villa da Victoria, montava a 20, 24 e mesmo 26.000 cruzados.

As forças militares da provincia se compunham de um regimento de infantaria de milicia, de 10 companhias; de duas companhias de cavallaria, igualmente de milicia; de quatro de artilharia; varias de pedestres ou infantes; enfim, de uma tropa de linha; esta, comprehendia, com os officiaes, 114 homens, quasi todos brancos. Era commandada por um capitão e fazia o serviço dos fortes e do palacio do Governador. As companhias de artilharia pertencem á milicia; como as de cavallaria, não recebem pagamento, mas, têm, á testa, um capitão tirado do Exército, que recebe soldo. Os pedestres, todos mulatos ou negros livres, formam uma tropa de ordem inferior (20); elles são encarregados de levar as ordens do governo e occupam os differentes postos destinados a proteger a região, do ataque dos sel-

(20) Viu-se que existiam, tambem, companhias de pedestres, no districto dos diamantes.

vagens; recebem 80 reis de soldo diario e são obrigados a sustentarem-se; noutros tempos, usaram uniforme, porem, actualmente se lhes permite vestirem-se como lhes aprouver e todos os annos se lhes dão quatro mil reis pelo vestuario.

Deviam ser em numero de 400, porem, quando de minha viagem, a deserção os havia reduzido. Os fugitivos retiraram-se para S. Matheus, a villa da provincia de Porto Seguro mais proxima do Espirito Santo e o governo deixava-os em socego, para poupar-se ás difficuldades da extradição de criminosos de uma provincia para outra.

Os indios civilizados de Benevente, Aldeia Velha e provavelmente de toda a provincia, nunca fizeram parte dos regimentos de milicia luso-brasileiros, divididos em Companhias, ditas de ordenanças, que têm seus capitães obedecendo ás ordens dos capitães-mores (21).

Eu disse, noutra parte (22), que, sob o nome pomposo de divisões militares, estabeleceram-se, nas fronteiras da provincia de Minas, destacamentos encarregados de protege-la contra os ataques dos selvagens.

A provincia do Espirito Santo tambem tem suas divisões militares em numero de duas. O

(21) Como se viu, são tambem, assim, os indios da Aldeia de São Pedro dos Indios, na provincia do Rio de Janeiro.

(22) Ver minha 1.^a relação, vol. I, pag. 420.

quartel de Boa-Vista, perto da cidade de Itape-
mirim, é a cabeça de comarca da segunda dessas
divisões e a Aldeia de Linhares, ás margens do
Rio Doce, a da primeira.

Toda a provincia do Espirito Santo faz parte
da vasta diocese do Rio de Janeiro e comprehende
nove parochias submettidas á jurisdicção do vi-
gario da Vara.

Os padres desta provincia nada recebem dos
fieis pela communhão da paschoa; gozam da con-
grua de 200\$ — e têm, alem disso, o extraordinario.

Não ha aqui, como em Minas, assistente, por
nomeação dos padres; os fieis pagam, directa-
mente, aos capellães das egrejas que não são
parochiaes.

No estado actual das cousas seria, principal-
mente, repito-o, pelos cuidados do clero, que a ci-
vilisação penetraria entre os brasileiros; e é la-
mentavel que o clero do Espirito Santo tenha cos-
tumes tão pouco regulares.

Um magistrado esclarecido havia propos-
to (23) submeter os sacerdotes desta região a uma
vigilância mais activa e immediata, fazendo da
Villa da Victoria a cabeça de comarca de uma
diocese particular; esse projecto nunca será, pro-
vavelmente, executado e talento e instrucção não
poderão penetrar na provincia do Espirito San-

(23) Ver a memoria do senhor Antonio Rodrigues
Velooso de Oliveira, nos Annaes Fluminenses, 155.

to senão com extrema lentidão. Com effeito, se, como tenho dito, esta provincia goza de grandes vantagens, ella se acha, tambem, sob multiplas razões, submettida a influencias as mais desagradaveis. E' isolada, pobre, e nada, por assim dizer, nella atrahie os estrangeiros. As duas raças que vivem confundidas na região, devem, reciprocamente, communicar seus vicios. O calor do clima convida seus habitantes á indolencia, e os alimmentos pouco substanciaes de que se nutrem, contribuem, ainda necessariamente para augmentar-lhes a apathia. Os ricos, nella, são os unicos que comem carne. Os outros vivem de farinha de mandioca, peixe fresco ou secco, mariscos, feijão que juntam ao peixe, sem mesmo incluir toucinho, de que não fazem uso, porque a preguiça os impede de criar porcos.

As aguas ruins, que bebem, habitualmente, os colonos do Espirito Santo, podem concorrer para essa magresa, essa côr pallida, esse ar languido, que se observam na maioria delles, e priva-los da energia necessaria á nossa especie. De resto, se os habitantes do Espirito Santo não teem todas as qualidades que distinguem os mineiros, não são menos hospitaleiros; elles levam vantagem em actividade e industria sobre os agricultores da provincia do Rio de Janeiro ou pelo menos sobre os de uma grande parte dessa provincia e nada teem da desdenhosa indifferença que esses demonstram, frequentemente.

Na provincia do Espirito Santo as mulheres não se escondem, como acontece em Minas; recebem o estrangeiro, conversam com elle e concorrem em fazer-lhe as honras da casa. A tecelagem de algodão é a que ellas são acostumadas; quasi todas tambem fazem renda mais ou menos commun e tem o habito de trabalhar acocoradas sobre pequenos estrados, de um pé, mais ou menos, acima do soalho; é, sem duvida, pelo exemplo dos indios, que não escondiam as mulheres, que as da provincia do Espirito Santo devem a liberdade que desfrutam e esse resultado não é o unico neste paiz, sobre os costumes dos portuguezes em contacto com os numerosos indigenas. A lingua portuguesa tem sido alterada no Espirito Santo, por essas influencias continuas, e muitas palavras em uso, nesta região, não seriam, certamente, comprehendidas ás margens do Têjo ou do Minho, nem mesmo no Rio Grande do Sul ou Minas Geraes. Assim, os luso-brasileiros, da provincia do Espirito Santo, servem-se, para dizer *uma plantação*, da palavra indigena *capixabi*; da palavra *Manibo* por *sobras da mandioca*; de *quibando* (24) por *joeira*; *arupcmbua*, *uma peneira*, etc. Eu tinha difficuldade de comprehender os habitantes desta parte do Brasil, mais do que os de Minas Geraes. achava que, em geral, falavam

(24) E' bem possivel que *quibando* seja africano e não indigena.

mais depressa, pronunciavam menos claramente que os homens do povo, em particular se serviam de expressões menos correctas; feria-me o ouvido, sobretudo essa supressão, quasi inteira, do R final, talvez adquirida dos negros e que deixa a pronuncia destes ultimos tão infantil e estúpida.

Pelo que disse da pobreza dos habitantes da provincia do Espirito Santo, não se extranhará, sem duvida, o desleixo que os individuos de uma classe inferior revelam no trajar, qualquer que seja, aliás, a raça a que pertençam. Os homens teem, por traje, uma calça de algodão e uma camisa do mesmo tecido, cujas fraldas deixam fluctuar por cima da calça; as mulheres, como em Minas, vestem, com a camisa de algodão, uma simples saia indígena.

CAPITULO II

OS INDIOS SELVAGENS — A VILLA DE ITAPEMIRIM

O AUTOR ATRAVESSA UMA REGIÃO INFESTADA PELOS INDIOS CONSIDERADOS ANTROPOPHAGOS. NARRAÇÕES TENDENTES A PROVAR A REALIDADE DA ANTROPOPHAGIA. POSTO MILITAR DE BÔA VISTA. ILHA CHAMADA DAS ANDORINHAS. AINDA A ANTROPOPHAGIA. ALDEIA DO CERI. A VILLA DO ITAPEMIRIM. DISTRICTO DE QUE FEZ PARTE. POSIÇÃO DESSA PEQUENA VILLA. CULTURA DAS TERRAS. PLANTAÇÕES DE CEBOLAS. COMMERCIO. O RIO ITAPEMIRIM. ALDEIA DO AGA'. VENTOS QUE REINAM SOBRE A COSTA. RIBEIRA DE PIOMA.

Depois de haver abandonado Muribéca, para percorrer a provincia do Espirito Santo (25), atravesssei, primeiramente, florestas virgens.

Passei, em seguida, por um terreno onde se vê exclusivamente um saibro puro e onde crescem as especies de plantas que eu havia observado num sitio semelhante, perto de Cabiunas (26).

Emfim, ao cabo de algum tempo, eu me encontrava, ainda uma vez, á beira do mar, sobre uma praia firme e arenosa como a em que eu havia marchado na vespera (27). Desde o Rio de Janeiro não se havia deixado de commentar os perigos que se corria, entre Muribéca e Itape-mirim, por parte dos indios selvagens, e induziram-me, por toda parte, a fazer-me acompanhar por hoímens bem armados.

Antes, portanto, de partir de Muribéca, pedi ao administrador que permittisse que alguns dos seus negros viessem commigo, até Bôa Vista, posto militar do qual falei acima.

(25) Ver mais acima, pag. 163.

(26) Idem, pag. 96.

(27) Itinerario da fronteira da provincia do Espirito Santo até a villa da Victoria.

O bom padre deu-me tres escravos, que já haviam combatido contra os indios, armados de espingardas e de facão do matto.

A medida que nós avançavamos, os negros cuidavam de mostrar-nos os differentes sitios em que haviam apparecido, depois de alguns annos, esses inimigos ditos antropophagos.

Ouvindo nossos companheiros, meus criados se approximavam assustados; o mais profundo silencio succedia ás narrativas espantosas dos taes escravos e, constantemente, o arrieiro Manoel da Costa olhava a floresta, que guarnece a margem, e da qual era possivel que surgissem os indios.

No tempo da expulsão dos Jesuitas, não havia selvagens em todo este districto; foi somente seis ou oito annos depois della, que elles começaram a cometter estragos (escripto em 1818). A primeira vez que se fizeram notar mataram animaes a dente; cavallo, homens e depois ainda renovavam suas carnificinas e devastações.

Eu vou citar um facto que me foi contado por dois dos meus negros e terei cuidado de não transformal-os. Os selvagens atacaram, ha um par de annos, os vaqueiros de Muribéca e se apoderaram de um negrinho de 10 a 12 annos de idade. Sabendo o que se passava, o chefe da fazenda enviou, no mesmo instante, no encalço dos indigenas, cinco escravos bem armados, entre os quaes se achavam esses meus dois negros.

Os escravos surprehenderam os selvagens sentados ao redor de uma fogueira, atacaram-n'os a tiros de espingarda e mataram muitos delles. Havendo, depois, se approximado do fogo, encontraram o corpo do negrinho do qual os indios haviam arrancado pedaços que estavam, já em parte, assados. Cortaram, para mostra-la ao seu chefe, a cabeça de um dos indios que morreram no lugar e enterraram os despojos do negrinho.

Nós fomos felicissimos por regressar ao posto de Bôa Vista (28) (bella vista) sem haver apparecido algum selvagem.

O posto, como disse acima, foi estabelecido depois que os indios começaram a exercer sua devastação nesta provincia. Elle se compõe de vinte homens commandados por um sub-tenente (alferes) e dos quaes alguns são continuamente destacados para ir defender as margens do Rio Cabapuana, e outros pontos igualmente ameaçados.

A casa onde alojam os soldados está situada sobre uma colina que se eleva a pique acima do mar. Foi construida de barro e madeira, é coberta, simplesmente, com palha, e os ventos que, sem

(28) O nome de Bôa Vista terá, sem duvida, sido substituido, como mais agradavel, pelo de Barreiros, que o sabio principe de Neuwied deu a esse lugar. Mas, se, como elle disse, se quiz designar um sitio talhado a pique, seria Barranco e não Barreiras ou barrelros que significa lugar onde se tira barro; barreira é tambem um terreno de fortificação (ver Mor., Dec. 1).

cessar, reinam sobre esta costa, arruinam essa cobertura. Em torno dessa grande barraca, o matto é queimado pelos soldados, que cultivam algum legume; mas, fóra disso, não se vê, atraz da colina, senão florestas illimitadas, no meio das quaes as sapucaias se fazem notar pela immensa quantidade de flores vermelhas de que são coher-tas. Da outra parte do posto, a costa continua a elevar-se acima do nível do mar; quasi por toda ella as aguas arrebatam grandes porções do terreno e o barro, cortado verticalmente, contrasta, por sua côr vermelha, com o verde exuberante das florestas que delle irrompem. Deante de Bôa-Vista vê-se, á flôr d'agua, a pequena ilha das Andorinhas, onde irrompem algumas brenhas. Em-fim, ao pé mesmo da colina, sobre a qual a caserna foi construida, está um alpendre destinado a servir de abrigo aos soldados que montam guarda durante a noite. Visto da orla do mar, o conjunto desta paisagem é de um effeito extremamente pittoresco. A ilha das Andorinhas, de que venho de falar, não tem agua e não poderia, por consequente, ser habitada. Entretanto, como o peixe ahí é abundante, os homens da villa de Itapemirim vão a ella com as provisões necessarias; apanham o peixe e levam muito tempo para fa-ze-lo seccar.

Deixando Bôa-Vista, para ir a Itapemirim, atravessel uma floresta e em pouco tempo me en-

contrava no lugar que, depois de Curralinho, offerece uma areia solida sobre a qual se marcha sem atolar os pés.

Na parte visinha do posto, o terreno que margeia o riacho se eleva a pique, porem, mais adiante offerece uma declividade lenta. As primeiras plantas que se acham alem da areia núa são: uma amarantio de folhas verde-mar (29) e uma campanilha com talo rasteiro (30) e com grandes folhas, *commum sobre as margens do mar, perto do Rio de Janeiro*. Vêm, em seguida, os arvoredos que eu ja havia observado da banda do Rio das Ostras, como nos arvoredos de Mangueinhos, no centro dos quaes nasce aqui uma grande quantidade de guriris, essas palmeiras anãs, das quaes falei n'outra parte e que em geral não são raras sobre toda essa porção do littoral (*Allagoptera pumila* Neuw. Nees) (31).

(29) Ver a nota NN no fim do volume.

(30) *Convolvulus brasiliensis*; ver a nota O.O. no fim do volume.

(31) Observe-se que, para as plantas recolhidas pelo senhor principe de Neuwied cito sempre o seu nome como daquelles das pessoas que o tenham caracterizado. E' este certamente um bem fraco merito de descobrir uma especie nova, mas, parece-me menor ainda designa-lo por um nome ou por uma phrase. As mais das vezes, a descoberta de uma planta dá grande trabalho, isto é, bem poucas pessoas, de uma phrase latina bem curta e mais ou menos barbara, podem dizer se as folhas são pontuadas ou arredondadas, de flores solitarias ou dispostas muito ligadas.

Mais distante, surgem as matas virgens. A vegetação que venho de descrever não é, contudo isso, particular ao lugar visinho de Bôa-Vista; eu a observei, ainda, por muito tempo, seguidamente, antes de voltar a este posto. O official que o commandava me havia cedido quatro soldados para me acompanharem num trecho do caminho em que ainda se corria perigo. Esses militares tiveram o cuidado de mostrar-me uma casa cujos habitantes haviam sido mortos pelos selvagens. Logo que succederam esses acontecimentos, um individuo que foi extremamente feliz por escapar-se, refugiou-se no posto de Bôa-Vista. No mesmo instante, enviou-se um destacamento no encalço dos indigenas; elles foram alcançados e muitos foram mortos pelos portuguezes. Acharam-se os corpos dos colonos massacrados; os selvagens não lhes haviam desarticulado os membros, mas, tiraram-lhes as carnes e só a cabeça lhes deixaram intacta. Esses factos, dos quaes um dos meus soldados havia sido, disse-me elle, testemunha occular, e aquelles que me haviam narrado os escravos de Muribéca, tendiam provar a realidade da antropophagia; mas, é aconselhavel, eu creio, não accèptar plenamente essas narrativas de homens incultos, animados pelo rancor e susceptiveis de crear phantasias, em torno das suas acções (32).

(32) O senhor principe de Neuwied que percorreu esta costa, varios annos antes de mim, falou, igualmente

No lugar denominado Cerí, veem-se, em grande numero, palhoças que as incursões frequentes dos indios selvagens obrigaram a ficar em abandono.

Desta fôrma, o vasto imperio do Brasil, que n'outra parte apresenta uma extensão de 36 graus de Oriente a Occidente, é aqui, em verdade, limitado a uma praia estreita e despojada de vegetação. O unico habitante de Cerí era, no tempo de minha viagem, um velho que havia passado toda sua vida nesse lugar deserto e não se havia decidido a abandoná-lo, ainda que viesse a cair morto nas mãos dos indigenas.

Não me desinteressei de saber a que raça pertenciam os indios que desolam esta parte do Brasil. Os homens mortos pelos negros de Muribéca tinham os labios e as orelhas furadas, porem, aquelles que os soldados mataram, do Bôa-Vista, não apresentavam, no semblante, nenhum buraco artificial.

Dahi se conclue que as florestas visinhas, desta costa, servem de asylo a duas nações differentes.

Os selvagens que haviam perecido em Muribéca eram, evidentemente, botocudos, e como a

te, dos estragos commettidos pelos bandos de indigenas, entre Muribéca e Itapemirim; mas, elle não disse absolutamente nada que se fizesse considerar essts indios antropophagos.

tribu, da qual elles faziam parte, não ficou no littoral, senão um pequeno numero de annos, é de crer-se que vieram das fronteiras de Minas e que as perseguições das divisões militares (33) os fizeram decidír-se a abandonar seus velhos abrigos. Segundo alguns portuguezes, os índios inimigos, cujos labios e cujas orellias não são furados, não seriam senão os Coroados, semi-civilizados de São Fidelis, que depois de se terem mostrado amigos dos portuguezes, foram assassina-los na vizinhança de Itapemirim. Mas, como os Coroados de São Fidelis puzeram todo o interesse em transpôr vinte leguas de matta, para commetter uma tal traição? E' hem evidente que essa historia foi imaginada, afim de tornar os índios mais odiados. Os que motivaram os factos de que nos occupamos neste momento pertenciam sem duvida á nação dos Puris (34) que não se reuniram em aldeia (escripto em 1818).

Os soldados que me haviam escoltado, despediram-se de mim, logo que passei o Cerí; mais lon-

(33) Ver minha primeira relação, I, 420, 421; II, 138, 145, 144.

(34) Não se pode ler sem horror nos escriptos de Von Eschwege os detalhes dos maus tratos que os luso-brasileiros infligiram aos Puris. "Por isso, enquanto os brasileiros não fizerem, diz o autor, uma melhor idéa da religião de Christo, será inutil o governo tomar serias medidas para a civilisação dos indigenas (Jorn. von Bras. 1, 105).

ge, viam-se, de espaço a espaço, cabanas habitadas. Eu me afastei da beira do mar, a cerca de meia legua de Itapemirim. O terreno, a principio, um pouco montanhoso, volta a ser logo perfeitamente plano.

Este districto parece ter sido, outr'ora, coberto de mattas, mas, hoje não se lhe vêem senão bosques esparsos, entre as plantações de cannas ou de mandioca; é principalmente na visinhança da villa que se encontra grande numero de choupanas. A campina tem um aspecto alegre e assemelha-se, extremamente, aos arredores de Taquarussú, perto do Rio de Janeiro (35).

Entrei na nascente villa de Itapemirim, por uma grande praça onde se ergue o pelourinho; construida somente em uma parte da sua circumferencia, é inteiramente aberta do lado do caminho.

Eu tinha uma carta de recommendação para um dos principaes habitantes da villa, o senhor capitão Francisco Coelho; elle estava em sua fazenda; eu lhe enviei a carta por um mensageiro e fiz descarregar minha bagagem na porta de sua casa. Sem demora, o senhor Coelho teve a bondade de me enviar as suas chaves pelo seu filho e acompanhado por este meuino eu parti, immediatamente, para visitar o pae.

(35) Ver volume I, pagina 292.

Como a villa de Itapemirim está situada á direita do riacho do mesmo nome e a fazenda do capitão Francisco Coelho sobre a margem esquerda, embarquei numa piroga, afim de atravessar a agua. O riacho de Itapemirim está orlado de altas gramíneas e de arbustos do verde mais bello e se insinua em uma região plana e alegre, entrecortada de bosques e pastagens.

Sentado na minha piróga, eu percebia, no horizonte, a cadeia de montanhas, no meio da qual se ergue o pico chamado Morro do Frade e proximo via a villa de Itapemirim que, composta de uma pequena aglomeração de casas cobertas de palha, não se assemelha a mais que uma aldeia.

O capitão Francisco Coelho me recebeu da maneira a mais cortês e affectuosa, e mandou dar-me provisões que eu não teria podido certamente consumir, pelo espaço de uma semana.

A villa de Itapemirim não está senão em formação, mas, o nome que ella tem e que em guarany significa *pequena pedra chata*, foi dado ao seu territorio pelos indios, provavelmente mesmo antes da descoberta do Brasil, porque já se o encontra citado na relação tão interessante de Jean de Lery, publicada por volta do meiado do 16.º seculo (36).

(36) Lery escreveu Tapemiry (Viagem, ed. 1578, pag. 51) mas, na epoca delle não se ligava grande importancia á exactidão dos nomes.

E' possivel que tivesse havido, nesta parte, choças de indios ou cabanas de portuguezes. Foi somente em Junho de 1811 (37) que se deu o titulo pomposo de villa a Itapemirim.

O districto que tem esta villa por cabeça de Comarca (38) é administrado por dois juizes ordinarios; começando em Santa Maria, que está a meia legua de Cabapuana, do lado do sul (39), elle se estende para o norte, até a praia chamada de Piabanha e não tem mais de nove leguas do sul ao norte. Do lado do Occidente, offerece menor extensão ainda e é subitamente limitado por florestas que não são habitadas senão por selvagens. A população inteira desse pequeno districto se eleva, disseram-me, a uma media de 1.900 almas.

Itapemirim está situada sobre a margem meridional do pequeno rio do mesmo nome, a pouco mais ou menos meia legua do mar. A pretensa villa não é senão logarejo composto, quando muito, de 60 casas, das quaes a maior parte é coberta de palha e estão nas condições as mais deploraveis. Essas cabanas formam uma só rua muito

(37) Pizarro — "Mem. Histor.", V. pag. 88).

(38) Itapemirim não é, como se acreditou, a capital de uma comarca. Toda comarca é o territorio sobre o qual se estende a jurisdicção de um ouvidor e Itapemirim pertence á Ouvidoria da villa da Victoria.

(39) E' claro, depois disso, que o Rio Cabapuana não é exactamente o limite meridional da provincia do Espirito Santo.

curta e a praça inacabada, de que fallei mais acima. A igreja, um pouco distante da villa, é de mais pequena e não tem mesmo campanario, mas, do alto da colina em que está construída, descortina-se um panorama pittoresco, aquelle que eu já havia admirado, atravessando o Rio Itapemirim. Uma planície alegre se estende de todos os lados e offerece um conjunto encantador de pastarias, bosques e terrenos em cultura.

O Rio Itapemirim banha os campos, descrevendo numerosas curvas e do lado do nordeste o horizonte é limitado por altas montanhas que fazem parte, sem duvida, da cadeia maritima.

Se a Villa de Itapemirim não tem hoje uma grande importancia, ella está destinada a adquiri-la, pela sua posição. A entrada do rio, estreita e difficil, não tem verdadeiramente mais de oito a nove palmos de profundidade; mas, um tal volume d'agua é bastante para as embarcações sobre as quaes se carregam 60 caixas de assucar e, ás vezes, mais, e essas embarcações, podendo voltar até uma pequena distancia da villa, apauham o assucar, por assim dizer, á porta de varias fazendas.

As terras que margeam o Rio Itapemirim, sem terem a fertilidade miraculosa das dos arredores de Campos, devem, entretanto, ser consideradas muito fertes, pois permaneceram 20 annos sem descansar jamais e sem serem estrumadas. Ellas

produzem, igualmente bem, arroz, feijão e mandioca; porem, é a canna de assucar que interessa aos agricultores, pois a cultura della occupa, principalmente, os habitantes da região. Na epoca da minha viagem, eu contei nove engenhos de assucar nos arredores de Itapemirim, e outras varias colonias plantavam canna de assucar sem ter moenda, enviando sua colheita a qualquer proprietario de engenho com o qual dividiam o producto.

Os colonos dos arredores de Itapemirim cultivam o algodão, mas para uso proprio. E' justamente para o consumo da região que se planta' arroz e feijão; contudo, não é raro que os agricultores venham a ter um excedente desses generos e os enviem para o Rio de Janeiro.

Atravessando os arredores de Itapemirim, eu fiquei admirado de ver uma tão grande quantidade de terras para o plantio de cebolas.

Emquanto que na quasi totalidade do Brasil e na Villa da Victoria, por exemplo, esse legume não vinga senão a força de cuidado, e quando esteja a terra esterçada (10), aqui ao contrario, ella se multiplica, com extrema facilidade, e é no lugar um ramo de exportação assaz importante. De Itapemirim fazem-se remessas de cebolas ao

(10) Koster disse, expressamente, que a cebola degenerou em Pernambuco, que não produziu mais que uma pequena cebola de planta oblonga como, segundo o padre Deuterle, ella veio tambem das Antilhas.

Rio de Janeiro, à Villa da Victoria, a Campos e quando da minha viagem, o apanhado de cebolas que se dava por 80 reis, nos sitios onde haviam sido colhidas, revendia-se por 320 reis na capital da provincia do Espirito Santo.

Pequenas embarcações e grandes pirogas seguem, carregadas de cebolas, de Itapemirim para a Villa da Victoria e voltam com productos de olaria.

Aqui não se semeia esse legume, é plantado pela flôr, durante a lua nova de Março; em Junho se arrancam os tállos grossos, separam-se-lhe os novos tállos, replanta-se-os e se faz a colheita definitiva, dellas, em Dezembro. Este modo de desdobramento prova a que ponto, neste afortunado clima, a vegetação é exuberante e poderosa.

A maior parte dos agricultores de Itapemirim enviam o seu assucar por conta propria aos negociantes do Rio de Janeiro ou confiam sua venda aos commandantes dos barcos.

Somente se desfazem na região, do producto de sua colheita, aquelles que se acham obrigados pela necessidade de dinheiro ou os que não fabricam assucar bruto ou mascavo o bastante para encher uma arca.

No tempo de minha viagem, o melhor assucar branco vendia-se em Cachociro de Itapemirim por 2§ a arroba.

Quatro ou cinco embarcações eram sufficientes para transportar todo o producto que Cachoeiro de Itapemirim destinava á Capital. Quando o vento era favoravel, não gastavam mais de tres dias para a viagem. O frete se pagava á razão de \$100 a arroba.

Deixando Itapemirim, (4 de Outubro de 1818) eu fiz uma meia legua pela matta e voltei á embocadura do rio.

Essa embocadura é, uma parte, formada pelas arcias que as aguas têm amontoado e, como eu já disse, não resta ás embarcações outra passagem a não ser um canal estreito e difficil de 8 a 9 palmos de profundidade. Quanto ás nascentes do Rio Itapemirim, parece que se não as conhece ainda. Do lado de cima da villa, as pirógas podem subir esse pequeno rio no espaço de, mais ou menos, oito leguas, mas, dahi em diante, são detidas, quér por quedas d'agua quér por cascatas (41).

(41) Segundo Casal ("Corogr.", II, 62) o Itapemirim tem um curso muito extenso e quando elle atravessa a cadeia maritima já é consideravel. Affirma-se, acrescenta o mesmo autor, que um dos affluentes desse rio começou nas minas pouco conhecidas do Castello, que foram abandonadas devido ás incursões dos selvagens.

Segundo o senhor principe de Neuwied, o Rio Itapemirim não é tão extenso quanto pretende Casal; mas, elle passa nas montanhas de Itapemirim, que fazem parte da grande cadeia e que se pôde perceber da villa do mesmo nome. Pizarro, posterior aos dois escriptores que venho de citar, disse duas palavras do Itapemirim, mas, não faz referencia ás suas nascentes.

E' na propria embocadura do rio que se passa, quando se faz, por terra, a viagem, de Rio de Janeiro ou de Campos, para o norte do Brasil. Como ninguem tem querido arrendar esse lugar em que se atravessa, por ser empresa pouco lucrativa, dado o pequeno numero de pessoas que seguem essa rota, elle ficou a cargo do fisco. Para alcançar o outro lado de Itapemirim, tornei a percorrer uma praia arenosa, triste e solitaria, orlada por variada vegetação, já observada noutra parte (42).

Durante toda a jornada eu não achei, florindo, senão plantas communs; não percebi nenhum insecto; não encontrei um viajante e até Taopaba não vi nenhuma cabana. Os passarinhos, esses mesmos, abandonaram esta praia, onde não se encontra agua doce e se fica ensurdecido pelo barulho monotono das ondas do mar que vêm despedaçar-se sobre a areia. Em Taopaba (43), onde

(42) Eu não apresentarei uma identidade perfeita, da vegetação das partes do littoral em que mais se parecem; é preciso convir que é impossível traçar de novo tantas nuances diversas.

Entre Itapemirim e Saapaba, crescem, proximas da praia com o *Convolvulus Brasiliensis*, uma Rubiaceae e uma *Euphorbiacea*, ambas com o tronco na areia e emfim um *Eriocaulon* de folhas ásperas e picantes (*Eriocaulon Maximiliani* Schrod).

(43) Do termo indigena *tao*: grandes formigas; e *paba*: mortalidade (destruição das grandes formigas) Ant. Ruiz de Montoya: "*Tes leng guar*".

ha uma cabana, a região apparece um pouco montanhosa e os rochedos obstruem a praia. Então eu me distanciei do Oceano e depois de haver atravessado uma matta virgem, em que reparei num grande numero de *Lecytlis* carregados de flôres, voltei ao povoado do Agá. Os casebres, que o compõem, são construidos á beira do mar, ao fundo de uma pequena casa e atraz dessa mesquinha morada está uma certa extensão de terreno, hoje cultivado ou que o foi antigamente. Eu parei na casa do principal proprietario deste sitio. Sua aglomeração se compõe de varias cabanas muito pequenas, unidas e construidas sem ordem num campo que se estende até o mar e onde ha, plantadas, laranjeiras esparsas. Ao fundo do campo se acha uma colina, cujos flancos são cobertos de relva e no alto da qual, no tempo de minha viagem, haviam plantado mamona e algodoeiros. Bananeiras numerosas completavam essa plantação e ostentavam suas folhas horizontalmente, e todas, mesmo as mais novas, estavam rasgadas em lamínas estreitas, pelo vento impetuoso, desencadeado, incessantemente, sobre essa costa.

Por traz da colina de que falo, se eleva uma montanha arredondada, quasi a pique (44) e forrada de um rochedo cinzento, sobre o qual se

(44) E' sem duvida a essa montanha que o principe Neuwied chama Morro do Agá, e Pizarro, Montanha do Agá.

vêem, apenas, algumas plantas esparsas. Emfim, pelo lado da pastagem estão mattas virgens embelezadas pelos *Lecytlis* de flores vermelhas e de tronco alto.

Essa paysagem muito variada empresta algo de solenne ao barulho dos ventos e ao estrepito monotonico das vagas do mar.

Desde que viajava, os ventos sopravam sempre do nordeste. Mas, si elles são desagradaveis pela violencia, pelo menos têm a vantagem de refrescar, extraordinariamente, a atmospheria e desde o Rio de Janeiro o calor não me havia incomodado muito, seguindo á margem do mar, emquanto que, nos arredores de Campos, a algumas leguas da praia eu era atormentado pelo sol.

Sahindo de Agá distanciei-me do mar, momentaneamente, achando-me logo em seguida na praia, após atravessar uma porção de matta virgem. Aqui a vegetação é mais vigorosa do que a que eu havia observado, nos dias precedentes; os arbustos são mais altos, sua folhagem offerece um verdor mais fresco e um menor numero de galhos seccos. Depois de algumas leguas de Agá, chega-se á embocadura do pequeno rio de Piúniá, diante da qual estão tres ilhotas de pouca importancia.

Esse rio, disseram-me, não tem mais de oito leguas de curso e se embarcações de fraca tonelagem nelle entram, algumas vezes, é apenas para

se porem ao abrigo dos ventos contrarios. Acham-se na embocadura de Piúma algumas cabanas habitadas por indios civilizados, que vivem da pesca e cultivam um pouco de terra, perto da praia. Entrei numa de suas casas construidas com regularidade e divididas, no interior, em numerosas peças, mas, em que não se haviam empregado outros materiaes a não serem longas varas e palmas de palmeiras. Quanto ás outras cabanas, são, segundo o costume da região, construidas em barro e madeira. Havia, antigamente, ás margens do Piúma, mais indios do que hoje ha; o receio dos botocudos fez fugirem os que se adiantaram pelas terras a dentro; outros retiraram-se, para satisfazer a inconstancia natural da raça e para evitar os vexames de que são sempre alvo na provincia do Espirito Santo.

Uma ponte de madeira havia sido construida, ha alguns annos, sobre o Rio de Piúma, mas no tempo de minha viagem, estava quasi totalmente inutilisada (45) e para passar a agua, servia-se de uma piroga. Não era ainda certo ficar por conta do fisco esse transporte. Alem de Piúma, a região torna-se montanhosa e entra-se na matla, e tudo annuncia a visinhança de uma villa de al-

(45) O príncipe de Neuwied tambem passou nessa ponte em 1815 e deu-lhe 300 pés de comprimento. Era, disse, com razão, uma verdadeira curiosidade para a região.

guma importancia, pois, consecutivamente se vêem cabanas, terrenos cultivados e outros, que o haviam sido. A villa de Benevente mostra-se logo, entre os arvoredos; esconde-se muitas vezes, para reaparecer, instantes depois, e dá ao viajante uma sequencia de paisagens agradabilissimas.

CAPITULO III

A CIDADE DE BENEVENTE E OS INDIOS CIVILISADOS — A VILLA DE GUARAPARY. — CHEGADA ÀS MAR- GENS DA BAHIA DO ESPIRITO SANTO

PASSAGEM DO RIO BENEVENTE. POSIÇÃO DA CIDADE DE BENEVENTE. SUAS CASAS. SUA HISTORIA; DE QUE MANEIRA OS INDIOS, NELLA, SÃO TRATADOS. CULTURA E COMMERCIO. ALDEIA DE MELAIPE. A QUE RAÇA PERTENCEM SEUS HABITANTES. VILLA DE GUARAPARY. SUA HISTORIA; POPULAÇÃO. DESCRIPÇÃO DESSA VILLA. CULTURA DOS SEUS ARREDORES; SEU COMMERCIO. SITO DE PEROCÃO. RESPEITO DOS BRASILEIROS AOS SEUS SUPERIORES. ALDEIA DO RIO UNA. SAL BRANCO. PONTA DA FRUTA. O RIO JUGU'. CANAL ABERTO PELOS JESUITAS. VEGETAÇÃO ANALOGA A DE ALGUMAS PARTES DA PROVINCIA DE MINAS GERAES. VISTA DA BAHIA DO ESPIRITO SANTO. EMBAZAÇOS EXPERIMENTADOS PELOS VIAJANTES AO APPROXIMAREM-SE DAS CIDADES. PASSAGEM DA BAHIA. ARRABALDE DE JUCUTUQUARA. MANGUES. SITO DE SANTINHOS. CONVERSAÇÃO.

Quando cheguei diante de Benevente, que fica situado na margem septentrional do pequeno rio do mesmo nome, uma píroga veio buscar-me conduzida por um negro. Embarquei com Prément, o botocudo Firmiano e uma parte de minha bagagem. A píroga estava carregada, o vento soprava com força, a maré nos arrastava e o canoeiro era inexperiente. Não pude, confesso-o, esquivar-me de algum receio; entretanto, chegamos sem nenhum incidente.

Perguntei a algumas pessoas que vi na praia, onde poderia passar a noite, e foram accordes em dizer-me que não acharia alojamento, se não no antigo convento dos Jesuitas. Como esse edificio fica a uma certa distancia do rio, só meus burros podiam a elle levar minha bagagem e foi preciso que passassem a agua para installar-me. Houve sobre isso não sei quantas controversias inuteis. Enfim, os burros atravessaram o rio a nado, um após outro, seguros pelas redeas, por um ou dois homens que estavam na píroga. Passaram-se, mais ou menos, 2 horas, para que chegasse á margem esquerda do Benevente toda a minha caravana, e, durante esse tempo, tive de ficar na praia, com meus frastes expostos ao mais ardente sol.

Como aquelle dia era precisamente um domingo, ainda mais, da festa do Rosario, uma multidão de toda a vizinhança havia chegado á villa.

Apenas desembarquei, fez-se um circulo em torno de nós, e, a cada instante, mais augmentava o povo. Indios civilizados, negros, luso-brasileiros, nos olhavam quasi mudos, com ar estranho, estúpido. Mas, era, principalmente Firmiano que attrahia os olhares dos curiosos; suas orelhas e seu labio superior furados evidenciavam sua origem e como o nome de seu povo é aqui uma execração, faziam-lhe as invectivas mais injuriosas. O pobre moço, confuso, perturbado, baixava os olhos sem proferir uma palavra, sequer, e escondia seu rosto entre as mãos. Afinal, esgotou-se-me a paciencia: disse aos presentes as verdades mais duras e reprehendi-lhes a desconsideração, a crueldade e a estupidéz. Fui ouvido calmamente; nada me responderam; mas, ninguem pensou em retirar-se. Em honra da festa, todos os indios estavam mais ou menos embriagados e um delles, que provavelmente havia seguido o conselho dos outros, veio gritar nos meus ouvidos, que um botocudo não devia apparecer nesta região, senão para ser preso, accrescentando que ia dar aviso do que se passava ao commandante da milicia. Prêjent respondeu a esse homem com alguma dureza e poz os curiosos a seu favor. Não sei se o indio executou a ameaça que havia feito, mas, poucos ins-

tantes após a pequena scena, cuja narrativa venho de fazer, o commandante appareceu e pediu-me, para ver, meu passaporte; quando o leu, prodigalizou-me gentilezas e pôz termo aos meus aborrecimentos, fazendo preparar no antigo mosteiro o alojamento reservado para os viajantes. Logo depois o cura veio ver-me e em seguida mandou-me provisões com uma garrafa de bom vinho de Alicante. Livre dos importunos, pude, enfim, passear em Benevente e examinar sua posição.

Das montanhas que se descortinam á distancia, do lado de noroeste, desce um riacho que logo depois de sua embocadura dirige-se bruscamente rumo a oeste.

E' no angulo formado por essa curvatura que se ergue a cidade de Benevente, chamada tambem Villa Nova ou Villa Nova de Benevente. Compõe-se de cerca de 100 casas, cobertas, algumas de telhas e outras de palha, e das quaes, muitas têm um andar alem do terreo.

Ao redor do principal grupo de casas, que é o mais proximo do riacho e apresenta uma especie de triangulo, o terreno eleva-se, formando um declive rapido onde a rocha se mostra a nú. Esse declive termina numa plataforma muito larga dominando, não apenas a campina, mas, ainda o mar e lá se acham o antigo convento dos Jesuitas e sua egreja, hoje a parochia de todos os fics do districto. A entrada desta ultima defronta o Ocea-

no; o convento é apoiado contra o lado meridional do edificio e uma larga via, formada por casebres, confina-se no lado septentrional.

Sem ser muito decorada, essa egreja é, entretanto, notavel pela sua imponencia e sobretudo porque tem dois rebordos, genero de construcção do qual os templos brasileiros offerecem poucos exemplares. O antigo convento é de um andar, ao qual se sobe por uma escadaria exterior e forma o 3.º lado do mosteiro, cujo 4.º é a egreja.

O panorama mais aprazivel offerece aos olhos de quem se poste diante de alguma das janellas do claustro; descortinam-se ao mesmo tempo o rio, a matta magestosa que o margeia, sua embocadura, o oceano, a cidade de Benevente e os campos dos arredores. Benevente, outr'ora conhecida pelo nome de Aldeia de Reritygba (46) era uma das quatro reduções (47) que se achavam comprehendidas na provincia do Espirito Santo. Os jesuitas lançaram os alicerces desta Aldeia, logo após sua chegada ao Brasil (48). Nella reuniram um numero muito consideravel de indios; estabe-

(46) Reritygba virá das palavras indigenas *riru*: cesta e *tuba*: reunião — reunião de cesta?

(47) Chamam redução as villas de indios, fundadas pelos jesuitas.

(48) Os jesuitas, como se viu, desembarcaram, pela primeira vez, no Brasil, em 1549, com o governador geral Thomé de Souza.

leceram uma hospedaria para os viajantes de sua Ordem e Reritygba foi o principal theatro dos generosos trabalhos do Padre Anchieta.

Em 1716, a antiga redução foi erigida em Villa, sob o nome de Benevente, e, em 1795, foi feita cabeça de comarca de uma parochia independente (49).

Após a extinção da Companhia de Jesus, o governo apoderou-se do mosteiro; uma parte do edificio serve hoje de alojamento ao cura; o resto tem sido consagrado a muitos destinos differentes; nelle se fez uma prisão; dispuzeram de uma sala para a camara; em outra peça o Ouvidor dá suas audiencias, quando vem cumprir suas funções de corregedor; enfim, tiveram a generosidade de reservar um quarto para da-lo aos estrangeiros honestos, que passam pela região.

Quando expulsou os jesuitas, a Administração destinou aos indios civilisados de Benevente uma extensão inalienavel de seis leguas por outras tantas, mas, como o lugar era fertil, os governadores tão logo deram aos seus amigos porções dessas terras, sem considerar o direito dos indigenas que inutilmente o reclamaram.

(49) Diz-se, mais acima, que a população da parochia de Benevente elevava-se, em 1820, segundo Pizarro, a 2.500 individuos. O principe de Neuwied apenas a faz montar em 1815 a 1.400 almas, mas, pelo modo por que se exprime faz suppôr que essa cifra não comprehende a parochia inteira.

Entrementes, para poderem comprar aguardente, muitos indios cederam suas propriedades aos brancos, os quaes para se garantirem no gozo do valor declarado inalienavel *se comprometteram* a pagar uma pequena retribuição á Municipalidade de Benevente (50).

Outros indigenas, ao deixarem a zona, não fizeram nenhuma venda e portuguezes tomaram, pura e simplesmente, posse de suas terras. Entretanto, hoje se dão sesmarias em todo o districto, sem mesmo exigir fôro para a Camara; o Ouvidor da Villa da Victoria tem o titulo honoravel de conservador das possessões dos indios de Benevente, mas, realmente, nada mais tem a conservar.

As referidas terras tem passado, quasi todas, pelas mãos dos luso-brasileiros e os indios se comprazem em cultivar campos que deveriam semear para elles proprios.

Quando o indio pede justiça contra o portugûes, como poderá obte-la? E' aos amigos e patricios de seus adversarios que elle é obrigado a dirigir-se, posto que, os Juizes ordinarios de Benevente são exclusivamente portuguezes. E, ainda, como é que as queixas de uma raça de homens pobres e sem appoio chegarão até aos magistrados superiores, a uma tão grande distancia

(50) Tem-se visto (pags. 15 e 16) que assim se praticava ainda em São Pedro dos Indios.

desses infelizes, e surdos, a mais das vezes, á voz daquelles que se apresentam de mãos vasias?

Pouco tempo antes de minha viagem, haviam sido, conforme disse mais acima, abertas novas estradas na provincia do Espirito Santo; lançados os alicerces de uma nova villa, a de Vianna, e eram os indios empregados nos diversos trabalhos.

Tirava-se de Benevente (1818) certo numero delles, revesados de tres em tres meses; mandavam-n'os trabalhar bem longe de sua habitação; alimentavam-n'os mal e ao cabo do trimestre, apenas lhes davam 4\$000, mesmo assim sem regularidade. O receio dessas explorações illegaes espantou um grande numero delles e como são, principalmente, homens que abandonam a região, e noutra parte não encontrem mulheres, ficavam perdidos para a população.

Não é extranhavel que as terras de Benevente sejam muito procuradas pelos luso-brasileiros, pois são em geral de muito boa qualidade e se prestam igualmente ao arroz, ao algodão, ao feijão, á canna e á mandioca; esta, ao cabo de seis meses, apresenta raizes boas de arrancar.

Os colonos não colhem apenas o assucar, que enviam ao Rio de Janeiro, mas, tambem outros productos da região, e com abundancia que dão para serem despachados para a capital. A visinhança do oceano e a do rio favorecem, singularmente, aos agricultores do lugar.

Ao norte, a terra que limita o Rio Benevente ultrapassa a embocadura e forma no oceano um cabo muito grande e meio circular, que offerece abrigo ás embarcações. A entrada do rio tem 10 a 12 pés de profundidade; não oppõe ao navegante nenhuma difficuldade e dá passagem ás maiores sumacas. Parece que se não conhecem as nascentes do Benevente, mas, pode-se, com pirógas, subi-lo, numa extensão de 4 a 5 leguas (51).

Os pequenos navios que transportam habitualmente ao Rio de Janeiro os generos da zona, são

(51) O príncipe de Neuwied pensa (viagem trad. E. J. I, 249) que Casal se enganou ao applicar ao Rio Cabapuana, limite da provincia do Espírito Santo, o nome de Reritygba e, com effeito, seria bem extraordinario que os jesuitas houvessem construido a Aldeia de Reritygba sobre as margens de um rio que não seria o Reritygba. Pizarro, geralmente muito exacto, ainda mais augmentou a confusão; num trecho da sua obra (Mem. II, 28) distingue, positivamente, o Reritygba do Benevente e como diz que o primeiro se chama hoje Camapuã deve-se crer que como Casal teve em vista o Camapuã ou Cabapuana e entretanto, noutra parte (V, 95) elle accrescenta que os jesuitas construíram a Aldeia de Reritygba que chamavam vulgarmente Irititiba e que hoje se chama Camapuã: ahí está, então, o Reritygba ou Camapuã de novo tornado o Benevente, posto que não corre perto da cidade chamada, tambem, Benevente; mas, em seguida o autor brasileiro esquece os nomes de Reritygba, Camapuã e Benevente e diz que o rio que banha o lado meridional da villa é o Rio da Aldeia. Para se conformar com o uso da zona deve-se dar o nome de Rio Cabapuana ao que separa a provincia do Espírito Santo da do Rio de Janeiro, e o nome de Benevente ao que banha a villa de Benevente.

em numero de quatro ou cinco, e alem desses outros vêm, de tempos a tempos, pelo rio, fretados por negociantes da Bahia e da Capital. Esses negociantes, ou seus commissarios, vão á casa dos colonos adiantar-lhes algum dinheiro e tratarem certa quantidade de generos, que depois fazem transportar (52).

Não é sempre em numerario que se fazem as compras; não é nada raro os negociantes fornecerem mercadorias em troca dos productos da região. Vende-se communmente, por uma pataca e meia a duas, o alqueire de arroz em casca, por duas patacas o alqueire de milho, por duas a tres o de farinha de mandioca. O algodão, que durante muito tempo se vendia por duas patacas a arroba, ao tempo de minha viagem foi elevado a tres patacas, por compradores estrangeiros.

O que retarda o progresso da agricultura é o medo aos botocudos que ha 25 ou 30 annos (escripto em 1818) vêm causando damnos, no territorio deste districto.

Esses indios fizeram com que se abandonassem as margens de mais de um dos affluentes do Rio Benevente e não se pôde, por causa delles, afastar-se muito do littoral.

Entretanto, desde que se estabeleceu um destacamento militar ás margens muito fertes do ria-

(52) Vê-se que não era apenas em Benevente que o commercio se fazia dessa maneira.

cho de Iconha, os agricultores nella começaram a estabelecer-se.

Após ter deixado Benevente, caminhei a principio pela praia; passeio muitas vezes pela floresta, e desta para aquella e tendo percorrido 3½ leguas numa região montanhosa, pontuada de cabanas, cheguei á Aldeia de Meiaipe (53), dependente da parochia de Guarapary e situada á margem de uma enseada; ao norte desta apparece um grupo muito consideravel de casinhas; alem são colinas cobertas de matto e diante da aldeia, no mar, apparecem recifes negros; quasi á flôr d'agua. Não obstante os habitantes de Meiaipe se jactarem de serem brancos reconhece-se logo, sem custo, que a mór parte, não pertence, nem por mistura, á raça europêa. Elles não têm, na verdade, olhos differentes e a cor bistrada dos indigenas; mas, é de observar-se que esses caracteres se perdem, quasi sempre, pela preponderancia dos brancos e dos indios; aliás, os colonos de Meiaipe tem o peito largo e os hombros sem saliencia, como os americanos; sua cabeça é mais volumosa do que a dos verdadeiros portuguezes, e os ossos da maçã do rosto são nelles mais proeminentes que nos eu-

(53) Escrevi essa palavra conforme me pareceu ouvi-la pronunciada nesta região, entretanto, devo dizer que se acha *Miaipê* na sabia obra do príncipe de Neuwied. *Miaipê* virá das palavras indigenas *ubeim-tórta*; doce, e *aypê*-mandioca doce?

ropeus; enfim a brancura de sua pelle tem algo de embaçado e pallido que não se nota nos homens que pertencem inteiramente á raça caucasica (54). Os habitantes de Meiaipe cultivam um pouco a terra, mas, vivem, principalmente, da pesca, muito abundante neste districto; seccam os peixes que apanham e pequenas embarcações vêm de Victoria, comprar-lh'os e de S. Salvador dos Campos dos Goytacazes. Após deixar Meiaipe atravesssei, ligeiramente, um terreno de areia com a vegetação muito interessante que se assemelha á das restingas de Saquarema, de Cabo Frio, etc.

Logo alcancei a praia e depois, della me afastando um pouco, cheguei á Guarapary (55). Essa pequena villa foi na origem uma das quatro re-

(54) Veja-se o que disse dos caracteres e da physionomia dos mamelucos, no capitulo 1.º deste volume.

(55) *Guarapari* e não como se tem escripto *Guaraparim*: vem da palavra indigena *guará* passaro da praia chamado *ibis rubra* ou *tantalus ruber*, pelos naturalistas e de *pari*-armadilha (armadilha de pegar guarás). E' de observar-se que devia ser por extensão que a palavra *guarany pari*, que passou á lingua portugueza, no Brasil, achase applicada aos guarás, pois significa, a falar certo, armadilha de vime para pegar peixe (veja minha primeira relação, II, 275). O nome de *guarapari* significa, bastante, que outr'ora existiram guarás nas imediações dessa cidade, entretanto, actualmente não se vê mais nenhum, na provincia do Espirito Santo. No tempo de Earegraff (Hist. Nat. Bras., 203) as *ibis rubras* eram tambem muito communs no Rio de Janeiro e hoje a custo se sabe o nome desses magnificos passaros. Não achei mais *guards* senão no pequeno porto de Guaratiba

duções que os jesuitas formaram na provincia do Espirito Santo e o celebre José Anchieta ali fez, como em Benevente, triumphar seu zêlo pela civilisação e pelo bem estar dos indios.

Parece que no tempo da Companhia de Jesus haviam já os brancos penetrado em Guarapary pois, desde o anno de 1689 o lugar recebeu o titulo de Villa e na mesma epoca fundou-se nella uma especie de parochia (56).

Não nos é possivel dizer qual era, sob a administração dos Jesuitas, a população deste districto; tudo que sabemos é que hoje se contam no meio da jurisdicção clerical mais de 300 casas e mais de 2.400 adultos (57).

A villa de Guarapary foi construida em posição muito pittoresca na embocadura do rio do mesmo nome; mas, em vez de estender-se pela margem do rio, com elle confinou-se perpendicularmente; e não se pode alcançar a praia scão

que fica ao norte da provincia de São Paulo e como malam-n'os sem piedade, para obter-lhes as pennas e comem-se-lhes os ovos, ao que se diz, de um gosto agradável, é de se acreditar que logo um dos mais bellos ornamentos da costa do Brasil terá inteiramente desaparecido desta região.

(56) Pizarro — "Mem. Hist.", III, 252-4.

(57) Esta cifra é emprestada de Pizarro. O principe de Neuwick cita um numero pouco differente; eleva a população da villa de Guarapary em particular a 1.600 habitantes e a de todo o territorio a 3.000.

após atravessar a cidade em toda sua extensão. A rua pela qual cheguei ao rio Guarapary é bastante larga e ladeada de casas mal entretidas, a mór parte coberta de telhas. Em frente das portas e das janellas de sacadas ha, ordinariamente, uma especie de têla muito fina que substitue as venezianas e se assemelha á que se emprega em muitas partes do Brasil, para fazer peneiras. Não se teve o cuidado de calçar a rua de que acabo de falar e nella cresce, como em Cabo Frio, um gramado muito fino, de effeito bem bonito. Uma colina coberta de matto e corôada pelo antigo convento dos Jesuitas, parte da villa e arroja-se diante da embocadura do rio. Aquelle que em face da rua principal tem apenas a largura de nossas ribeiras de terccira ou quarta ordem, arremessa-se diante da pequena bahia, distando a cerca de um tiro de fuzil, das ultimas casas.

A' margem do rio Guarapary, opposta á cidade, quer dizer, á margem esquerda ou septentrional, elevam-se alguns rochedos negros; uma planicie coberta de arbustos e de espinhos se estende atraz; vê-se, do lado do septentrião, na margem da pequena bahia em que se lança a ribeira, uma fila de cabanas que forma um semi-circulo em que o horizonte é limitado por montanhas.

A cidade de Guarapary tem muito mais importancia do que Itapemirim e Benevente, pelo seu commercio. Seus habitantes são em geral pobres

e tem poucos escravos. As cannas que suas terras produzem não podem ser empregadas senão para fazer aguardente e se colhem algodão, arroz, feijão, mandioca, não é em abundancia para que se entretenha commercio regular com a Capital (58). De vez em quando, negociantes da Bahia ou do Rio de Janeiro entram no Guarapary com pequenas embarcações e compram dos agricultores os generos excedentes do consumo da região, porém, esse commercio se effectua com extrema morosidade.

Quando da minha viagem, uma embarcação que havia chegado da Bahia, para levar farinha, achava-se ha 3 mezes no porto de Guarapary sem ter podido completar seu carregamento (59).

Deixando Guarapary, eu passei o rio. Serve-se de uma piroga para transportar os homens de uma margem a outra e se obriga os cavallos e as bestas, em summa, a atravessar a agua, nadando. A *portagem* está a cargo do fisco. Logo que me vi da outra banda do rio, atravessei a planície que já havia percebido quando ainda na villa.

(58) Pizarro — "Mem.", III, 253 reprova aos agricultores de Guarapary a preguiça e a rofina.

(59) Não havendo tomado nota do pequeno commercio de balsamo feito pr Guarapary, abstenho-me de fazer referencias a esse respeito. Pela mesma razão, nada direi, tão pouco, de uma especie de republica de negros revoltados que se formou na visinhança da mesma villa e da qual se fallava muito na epoca da minha viagem.

Ella offerece uma superficie arenosa e apresenta a vegetação, que eu havia observado, semelhante áquellas das varias restingas que percorri até então. Do outro lado dessa planicie penetrei numa floresta e dali a pouco eu chegava a Pero-Cão, logar que emprestou seu nome a uma ribeira da qual as aguas correm na visinhança. A casa onde fiz alto tem pouca importancia. Mas, sua posição é muito pittoresca. Essa casa foi construida sobre o topo de uma pequena montanha que domina uma enseada assaz larga e d'onde se avista tambem o alto mar. Em vólta da habitação estão terrenos cultivados e algumas casas de negros.

Eu vi ao pé da colina o valle que rega o Pero-Cão; immensas florestas se estendem do lado oeste e, á distancia, se percebem as altas montanhas.

O proprietario do Pero-Cão alojou-me numa casa de negros; esta não era uma estalagem bem distincta, mas, ao menos eu poderia trabalhar com mais liberdade que na casa do proprio senhor. Este homem tratou-me logo muito cavalheirescamente, mas quando eu lhe disse que estava ahí na qualidade de enviado especial (homem encarregado pelo rei, de uma Missão, elle tomou attitude de profundo respeito, immediatamente. Os brasileiros tinham, em certa epoca, tal veneração pelo seu soberano que esta palavra *mandado* actuava como um talisman para a maioria.

Após haver deixado meu hospedeiro, passei o Pero-Cão que, pouco abaixo, se lança no oceano. A cerca de $\frac{1}{4}$ de legua dessa ribeira, eu achei uma outra igualmente pequena, a de Una (ribeira negra) junto á qual estão choupanas muito mal conservadas. Entrei numa dellas e vi sal branco, como a neve. Esse sal magnifico se forma, por uma evaporação natural, nos buracos onde o mar deixa a agua, depois das marés altas e os habitantes da região têm o cuidado de recolhe-lo.

Do mesmo modo que o rio Pero-Cão, a ribeira de Una se transpõe por uma ponte. Mais distante, atravessei terrenos arenosos, nos quaes a vegetação é aquella das restingas; costeei os charcos e por fim me vi, de novo, ás margens do mar, do qual me havia distanciado por algum tempo. Aqui a praia arenosa e despojada de vegetação tem mais extensão que em todas as outras partes em que eu havia seguido o rio, mas, para lá da praia, o terreno é mais elevado. A quatro leguas de Pero-Cão, fiz alto, numa aldeia de choupanas esparsas, construidas no pequeno promontorio chamado Ponta da Fructa. A casa, na qual passei a noite, está situada numa altura em que, á excepção do mez de Março, durante quasi todo o anno, o vento se faz sentir com violeucia.

Desde os arredores de Guarapary á Ponta da Fructa, as terras são menos productivas que na vizinhança de Itapemirim e mais ao sul. Aqui, as

grandes formigas desolam os agricultores pelos seus estragos bem mais que em Itapemirim e em Campos porque os terrenos aridos não oppõem a esses insectos os obstaculos que elles encontram nos sitios humidos, logo que desejam fazer seus ninhos.

Entre Ponta da Fructa e o sitio de Santinhos vê-se a bahia do Espirito Santo; o caminho, numa distancia de 4½ leguas, não costeia o mar; entretanto elle não se distancia de tal maneira que o viajante não possa, frequentemente, ouvir ainda o estrondo das vagas.

Atravessa-se sempre terreno plano, que offerece ora charcos, ora pastagens, ora capões, ora vegetação analoga áquella das restingas.

Pouco mais ou menos a meio caminho, encontrei o ribeiro de Jecú (60), perto do qual estão algumas choupanas espalhadas. Passa-se esse pequeno rio sobre uma ponte de madeira da qual a entrada é fechada por uma grande porta a cuja passagem exigem tributo.

O Jecú se lança no Oceano, um pouco abaixo da ponte, mas sua embocadura tem pouca profun-

(60) Escrevi essa palavra tal como a comprehendi pronunciar na região e como se aelta em Casal ("Corogr.", III, 62); mas, devo dizer que o príncipe de Neuwied e Pizarro são accordes em escrever Jecú. Póde ser que o nome Jecú tenha sido o de umas pequenas ribeiras que se lançam na bahia do Espirito Santo, ao lado sul.

didade para dar entrada a outros barcos alem de pirogas. Essa circumstancia havia decidido os jesuitas, possuidores de tres fazendas, situadas á margem do Jecú, a cavar um canal que, communicando o ribeiro á bahia do Espirito Santo, puzesse os generos alimenticios ao abrigo dos riscos que elles corriam transportados em canoas, pelo mar. Eu já tive occasião de fazer referencia a esse canal, noutra parte, o unico existente, que eu saiba, em todo o Brasil meridional, com o de Capitlinga, perto de Paracatú e o das forjas de Gaspar Soares (61).

Além de Jecú, entrei num bosque, depois cheguei a uma vasta pastaria, onde se poderia crear muito gado. O horizonte é limitado pelo oeste, por colinas que fazem parte, sem duvida, da cadeia maritima e sobre um plano menos distante vêem-se montanhas, no meio das quaes é possível distinguir uma de forma conica, e cujo cume é coroado pelo famoso convento de Nossa Senhora da Penha...

Após haver atravessado a pastaria do Jecú, cheguei a um terreno extremamente arenoso, coberto de moitas pequenas e juntas, que no seu

(61) Ler-se-á em minha 30.^a relação que o canal de Capitlinga nunca serviu para nada e quiçá estará hoje inteiramente entulhado. Não me surprehenderia que se houvesse feito o mesmo no canal de Gaspar Soares.

todo apresentam o aspecto dos carrascaes de Minas Novas (62).

Mas, não é somente pela sua apparencia que a vegetação deste sitio se approxima ás de certas partes de Minas Geraes. Eu ahí achei plantas que já havia recolhido nessa ultima provincia e posso mesmo dizer em geral, que as especies de restingas da costa são a miudo aquellas que crescem nos planaltos humidos e arenosos de Minas, de outro modo, a menos que pertençam aos mesmos generos. Isto corrobora para provar que, quando a elevação do solo não é extremamente consideravel, contribue menos que as variações do terreno para provocar differenças na vegetação (63).

Havendo proseguido meu caminho cheguei a uma pastaria, onde não encontrei vestigios de homem ou de cavallos; pensei haver-me transviado e voltei para traz; entretanto, soube logo pelos habitantes de uma colonia visinha, que eu não havia errado o caminho, conforme pensei. Estava então em vias de chegar á Villa da Victoria; mas, nessa região viaja-se tão raramente por terra que, por assim dizer, o unico caminho que conduz ás portas da Capital, desapparece inteiramente, nas hervas que o cobrem.

Subi logo a uma colina coberta de grama e

(62) Ver minha 1.^a relação, volume II, pag. 22.

(63) Ver minha introdução á "Historia das Plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay", pag. XXV.

no alto encontrei uma humilde choupana. D'ali descortinei uma grande parte da bahia do Espirito Santo. Vi o canal pelo qual a ella chegam as embarcações e que se acha limitado ao norte pelo monte Moreno e ao sul pela pequena ilha do Boi. Deante de mim succediam-se os contornos irregulares da bahia circundada de colinas e montanhas.

Nessas alturas de formas bem variadas percebi, successivamente, grandes florestas, verdes pastagens, campos cultivados e terrenos magros que nada offereciam a não ser espinhos.

Entre todas essas montanhas, seria impossivel não se notar a de Jucutacoara que termina por um rochedo nú, arredondado no cume, e cylindrico. Ao norte surgia, entre os morros, sobre um plano afastado, o pico de Mestre Alvo, distante 8 a 9 leguas. Voltendo, de novo, minha attenção para a bahia, era-me agradável contemplar as ilhas de que é semeada e que são entre ellas pouco semelhantes pela extensão e pela forma. Ao pé da colina, de cujo cume eu admirava esse magnifico panorama, vi as aguas do Aribiri reunirem-se ás da bahia, após haverem serpenteado na campina. A Villa da Victoria estava escondida, por ultima; no entanto, algumas cabanas se mostravam aqui e ali sobre os morros e a vista da bella habitação de Jucutaeoara tornava menos austera a das montanhas visinhas. Nas partes do Brasil em que se viaja por terra, sente-se, chegando ás

idades, as maiores difficuldades para encontrar hospedagem e sobretudo para guardar os animaes.

E' natural crer que eu tenha sentido algum embaraço, quando cheguei proximo da Capital do Espirito Santo. Não estava estabelecida passagem regular entre a Villa da Victoria, situada numa ilha, e a extremidade do caminho em que eu me achava, então.

Apenas, vi uma piroga, em baixo da colina, de cuja altura havia contemplado a bahia do Espirito Santo e essa piroga estava presa em correntes, com cadeado. Felismente, o homem que me havia mostrado o caminho, quando eu suppuz le-lo errado, disse-me que possuia uma barca e consegui que m'a trouxesse; chegou pouco depois e *informou-me que* o capitão-mór da Villa da Victoria, para quem eu levára uma carta de recommendação, era o proprietario da grande habitação de Jucutacoara, de que falei acima e que avistara ao longe, do alto da colina. Deixei em terra minha bagagem e minhas conducções e entrei na canoa com o novo guia, para ir á casa do Capitão-mór. Logo divisei a Villa da Victoria e não tardei em chegar ao outro lado d'agua. Desembarcando, não pude deixar de dispensar alguma attenção aos mangaes que crescem na praia. Seus ramos não cahem para tomar raizes na terra e formar herços; no entanto, a uma altura de cerca de 8 a 10 pés acima do lôdo, o tronco dá nascimento

a raizes que vão procurar o sólo e a arvore parece carregada no ar sobre especies de cordas, obliquamente estendidas. Presumo que essa vegetação singular seja devido á humidade com a qual o mar nutre os troncos porque as raizes começam no ponto alcançado pela agua nas marés altas (64).

A habitação de Juculacoara, para a qual me havia dirigido, era construida na posição a mais agradável. Era grande, regular; e elevava-se a meia encosta sobre o morro coberto de erva rasteira. Em frente a casa estende-se um valle atravessado por um riacho ladeado por montanhas cobertas de matto, das quaes a mais notavel era a que dá nome á propria habitação.

Grossos rochedos estão esparsos no valle. Um engenho e cabanas de negros, construíram-se á direita e á esquerda, em baixo da residencia do dono. Na extremidade do valle, estava uma plantação de canna de assucar, no meio da qual o olhar pousa sobre um grupo de elegantes palmeiras; vêm depois os mangues; mais adiante descortina-se uma parte da bahia e alem algumas montanhas que a limitam ao sul.

(64) A figura do *Rhizophora mangle* Lin, publicada pelo celebre Turpin em "Elements de Botanique" do sr. Mirbel, dá idéa bastante precisa da vegetação que procuro aqui descrever. Essa vegetação mereceria ser estudada com todos os seus desenvolvimentos desde a epoca em que a planta germina até a em que pôde reproduzir-se.

O rochedo de Jucutacoara não é, realmente, cylindrico como me havia parecido, quando o avistei, do alto da colina em cujo cume havia admirado, pela primeira vez, a bahia do Espirito Santo. Ao norte esse rochedo é cortado a pique, mas, pelo sul arroja-se por um declive accentuado e do lado éste apresenta dois largos buracos arredondados; nelles não se tem penetrado e, dizem, mereceram dos indios o nome que têm hoje (65).

O proprietario da habitação que venho de dar a conhecer, o senhor Capitão-mór Francisco Pinto recebeu-me muito bem e prometeu-me alojamento em sua casa. Como era tarde, porem, combinamos que não me mandaria uma barca senão no dia seguinte de manhã, para transportar minha gente e minhas bagagens e que, voltando, eu passaria a noite no lugar chamado sitio de Santinhos. Observei que o proprietario d'esse sitio, que apenas possuía um reducto muito pequeno, estava pouco disposto a receber-me; entretanto, acabou por decidir-se a isso, mas, fez-me pagar a sua tardia complacencia, amolando-me, durante meu trabalho, com sua inexgotavel tagarelice. Esse homem revelou-me seu odio implacavel aos botocu-

(65) Jucutacoara, sem duvida quer dizer buraco da ponta. Com effeito *coara* significa, certamente, buraco, na lingua geral e encontra-se no dictionario dessa lingua (Dicc. Port. Bras.) Jucutu, cutuca, por golpe de uma ponta.

dos, sentimento compartilhado, de resto, pela maioria de seus patricios e, talvez, por todos.

Os botocudos, disse-me o hospedeiro, em meio de seus fastidiosos discursos, são como os francezes, só gostam da guerra (66).

(66) Um autor brasileiro cujas grandes pesquizas merecem grandes elogios, senhor Pizarro, não mostrou para com a nossa nação muito menor severidade que o seu patricio proprietario do Sítio de Santinhos. Eis, com effeito, como se exprime: "esse povo (os francezes) teve sempre uma ardente sêde de estender o seu imperio não somente sobre as terras recentemente descobertas, mas tambem sobre aquellas que as nações visinhas possuem tranquillamente; exações, crueldades inauditas, nada lhe custa, quando se trata do interesse de sua gloria e do seu commercio" ("Memorias Historicas", I, 9). Não podemos deixar de fazer observar que, ao escrever essas phrases, o sr. Pizarro esquecia que duas ou tres paginas abaixo teria que mencionar uma carta de Mem de Sá em que esse illustre capitão fala de uma maneira muito differente dos francezes que vinha de combater: "o seu chefe (disse) porta-se com os indios, differente de nós; para elles é de uma extrema generosidade; faz-lhes exacta justiça e pune, com rigor, aquelles dos seus que os maltratam; e elle é singularmente estimado pelos selvagens (16 de Juho de 1560)".

O sr. Pizarro esquecia, tambem, que os portuguezes estenderam suas immensas conquistas até a extremidade da India; que para fundar o imperio do Brasil apoderaram-se de todo o territorio comprehendido entre o antigo Paraguay e a Guyana; que destruíram um grande numero de povoados selvagens e que — segundo seus proprios historiadores — se mostraram para os indigenas mais barbaros que os barbaros mesmos; esquecia essas perseguições aos indios, que os paulistas fizeram, permanecendo, tantos annos, esses estabelecimentos, na coça da Africa, que não eram senão horribeis emporios

Surprehendi o pobre homem, declarando o paiz em que nasci e elle apressou-se em retratar-se.

No dia seguinte de manhã, (10 de Outubro de 1818) o capitão-mór, conforme me promettera, mandou-me uma barca até o sitio de Santinhos. Minha bagagem foi transportada para o outro lado da bahia e meus burros átravessaram-n'a a nado, fazendo uma parada numa ponta de terra. Naquelle dia e no precedente o calor foi intenso e soffri muito dos nervos. Tinha necessidade de ter diante de meus olhos rostos sorridentes, do poder entregar-me, por vezes, a manifestações de confiança e de amizade e estava reduzido ao triste convivio do pobre Préjent, cujo humor e saude se alteravam cada dia mais.

Obstinei-me em querer ir ao Rio Doce e, entretanto, não posso pensar nessa viagem sem estremecer.

para o commercio dos escravos; as conquistas recentes das missões ao Uruguay e, enfim, as guerras feitas em nossos dias, aos colonos hespanhoes do Rio de La Plata. Queira Deus que não recáhiam sobre o sr. Pizarro as suas accusações; pretendemos, nós franceses rectificar os erros; queremos mostrar apenas que estamos longe de ser unicos culpados; todos os povos da terra poderiam attribuir-se, reciprocamente, semelhantes recriminações, posto que todos teem passado periodos de barbaria. Desde mais de um seculo, os philosophos de todos os paizes teem feito sentir a injustiça e a vaidade das conquistas; esperamos que, enfim, os povos abjurem inteiramente os preconceitos que datam da infancia da sociedade e que, entre elles, unidos, não procurarão mais a gloria senão na civilisação, na paz e nas artes.

CAPITULO IV

A BAHIA DO ESPIRITO SANTO — VILLA DA VICTORIA. — DETALHES SOBRE AGRICULTURA

CONTRADIÇÃO DOS AUTORES QUE TEEM TOMADO A BAHIA DO ESPIRITO SANTO POR EMBOCADURA DE UM GRANDE RIO. DESCRIÇÃO DESSA BAHIA. VILLA DA VICTORIA; SUA POSIÇÃO; RUAS E CASAS; PRAÇAS E FORTES; EGREJAS E CONVENTOS; HOSPITAES; PALACIO DO GOVERNADOR; ADMINISTRAÇÃO; POPULAÇÃO; COMMERCIO; COMESTIVEIS. CONDIÇÃO DA AGRICULTURA NAS CERCANIAS DA VILLA DA VICTORIA. A MANEIRA PELA QUAL O CAPITÃO-MÓR FRANCISCO PINTO DIRIGIA SEUS ESCRAVOS. INFLUENCIA DA LUA SOBRE A VEGETAÇÃO. PREPARAÇÃO DA TERRA. AFOLHAMENTO. CULTURA DO ALGODÃO. QUALIDADE E PREÇO. MANEIRA DE EXTRAHIR AS SEMENTES. TECIDOS DE ALGODÃO. OBSERVAÇÃO GERAL DA CULTURA DO ALGODÃO, NO BRASIL; SOBRE A ANTIGUIDADE DESSA CULTURA, SEUS LIMITES E AS VARIEDADES BRASILEIRAS DO ALGODÃO. ALGUMAS PALA-

VRAS SOBRE O FEIJO E O MILHO. CULTURA DO ARROZ. DIFFERENTES ESPECIES. COLHEITA. COMO SE PILA E SE LIMPA O ARROZ. CULTURA DA MANDIOCA. FARINHA EXTRAHIDA DAS RAIZES DESSA PLANTA. DE QUE MANEIRA SE COME A FARINHA DE MANDIÓCA. OS INCONVENIENTES QUE APRESENTA A CULTURA DESSE VEGETAL. OBSERVAÇÕES SOBRE A HISTORIA DA MANDIÓCA E SOBRE SUA VARIEDADE DE RAIZES VENE- NOSAS. CULTURA DO REPÓLHO, LINHO E FRUMENTO. CAVALLOS, GADO E BACURI- NHOS. MORDIDA DE SERPENTES.

Autores modernísimos consideraram as aguas de Victoria como pertencentes á embocadura de um grande rio que, segundo dizem, se chamara Rio do Espirito Santo e teria sua nascente nas montanhas visinhas de Minas Geraes (67). Mas, realmente não é assim. Nenhum rio, no sentido que damos a essa palavra, traz o nome de Espirito Santo; a extensão d'agua assim designada é uma bahia verdadeira, como a do Rio de Janeiro ou o reconcavo da cidade da Bahia.

A entrada da bahia de Victoria é bastante larga e estende-se desde a montanha do Moreno do lado sul, até a ponta de Pirahé, do lado norte; a parte septentrional tem pouca profundidade; os navios passam por um canal, apenas comprehendido entre o Moreno e a pequena ilha muito plana a que chamam ilha do Boi, perto da qual se

(67) Gazal, muito mais exacto nesse ponto de geographia do que o abade Pizarro, não cita nenhuma ribeira de nome Espirito Santo e exprime-se como segue: "A bahia do Espirito Santo é espaçosa... entre as varias torrentes que nella vêm perder-se é só consideravel o Rio de Santa Maria ("Corogr.", II, 62)"

A extensão que os brasileiros dão á palavra *rio* foi precisamente a causa de muitos erros, pois applicam-n'a egualmente a um lago ou a um estreito, ás menores ribeiras e aos maiores rios.

acham outras ilhas de diferentes tamanhos. Alem da embocadura, a bahia se alarga e fórma uma bacia irregular, ladeada ao sul pelos Morros de Jaboruna (68), onde fica situada a casa de Santinhos e do lado norte pela parte oriental da grande ilha em que foi estabelecida a capital da provincia.

Algumas ilhas menores, cobertas de matto, surgem dessa bacia cercada de todos os lados por morros, sempre muito pittorescos, e revestidas de florestas, de pastarias, de plantas cultivadas. A grande ilha em apreço teria quatro leguas de circumferencia, prolongava-se em quasi toda a extensão da bahia e era, em parte, cultivada.

Ao norte é apenas separada do continente, por um braço de mar demasiado estreito, e vista de certos pontos, confunde-se com a terra firme (69). Esta tem sido posta em communicação com a ilha, por uma ponte de madeira sobre o braço de mar, no lugar chamado Passagem de Maroipe, (70). Outr'ora, a grande ilha era chamada Ilha de Duarte Lemos (71); hoje não tem mais nome

(68) Terá vindo essa palavra das expressões indigenas *Jabirú*, especie de passaros, e *una*, preto?

(69) D'ahi o erro, sem duvida, de que a ilha da Victoria era construida na margem septentrional do Rio do Espirito Santo.

(70) Marahape em guarany significa: ignominiosamente.

(71) Piz. — "Mem. Hist.", II, 13.

geral, mas, cada uma de suas partes tem um nome particular e é assim que se dá o de Jucutacoara, de que já disse alguma cousa, á fazenda que foi construída pouco abaixo della, nos morros visinhos. A oeste da larga bacia que mostrei acima, a bahia se estreita e não deixa mais ás embarcações senão um canal. Este, que tem pouco comprimento, é defendido, ao norte, pelo pequeno forte de São João, construído na grande ilha, e ao sul é ladeado por um rochedo quasi nú e a pique, o qual tem o nome de Pão de Assucar.

Além da embocadura interior que acabo de descrever, a bahia, alargando-se, de novo, forma um bello canal alongado, que se estende um pouco além da Ilha de Duarte de Lemos, e termina por uma grande angra, onde a lama apparece nas marés baixas e no sul da qual se lança o Rio Santa Maria.

E' do lado septentrional desse canal e mais ao centro que surge a Villa da Victoria. A Ilha de Penedo, situada diante da villa, não é inteiramente cercada pelas aguas da bahia; as que a banham pelo sul, são as de dois riachos, dos quaes um é o Arabiri e entre os quaes se acha o paúl. A oeste da Ilha de Penedo e na mesma direcção vê-se outra de tamanho menos consideravel, chamada Ilha do Principe, onde se construiu um deposito de polvora. Muitos rios lançam-se na bahia; no entanto, com excepção do de Santa Maria, tem pouca im-

portancia (72). A Villa da Victoria foi construída, conforme se viu, a sudoeste da grande ilha chamada outr'ora "Duarte Lemos", e do lado mais occidental da bahia; occupa o dorso de uma collina pouco elevada; appoçada á montanha de variada forma é muito pittoresca e coberta de florestas, entre as quaes rochedos se mostram a nú.

(72) João de Laet que escrevia em 1633 descreveu melhor a bahia do Espirito Santo que os modernos. Eis, com effeito, como se exprime: "...porem, o porto da cidade, segundo nossos patricios observaram, assim se apresenta: abre-se em proporcionado seio, o que este continente admite aberto para o oriente em que ha algumas ilhotas esparsas; porem, para o lado do norte, recifes e baixios jazem insidiosos aos navegantes; mas, de repente, os que chegam observam primeiramente um monte alto em forma de campainha, ao qual os navegantes dirigem seu rumo; o local está, porém, entre o continente, duas leguas pouco mais ou menos da praia; depois, um pouco proximo das plagas de areia, vê-se uma torre branca em um monte a pique, não distante do oceano: é uma egrejinha que os portuguezes chamam Nossa Senhora da Penha, fechada por um ambito murado, onde outr'ora houve o municipio, do qual ainda restam algumas casas e hoje chamam esse lugar de Villa Velha, cuja chegada é precedida por enseadas, as quaes aperta, ao chegar, uma ilha pequena e oblonga. Dahi em diante a navegação é mais facil e menos perigosa. Aos que chegam, porem, mostra-se primeiramente, do lado direito, uma pedra surgindo do solo á maneira de cone obtuso; depois, pela esquerda, um monte elevado a que os portuguezes chamam Pão de Assucar, porque tem essa forma. Dessa região para a direita vê-se um porto largo e um pequeno quadrado edificado, de pequenas casas, e assim finalmente chega-se á mesma cidade construída á direita, com um porto largo a tres leguas do alto mar, pouco mais ou menos, e não cortada por nenhum fosso nem muralhas.

Do outro lado do canal, o terreno não é montanhoso; entretanto, vêm-se defronte da cidade algumas colinas onde se percebem rochedos negros, entre arvores de pouca vegetação. Emfim, á distancia, descortina-se, a oeste, essa cordilheira que se prolonga, parallelamente ao mar (serra do Mar).

As ruas de Victoria são calçadas, porem o são mal; teem pouca largura, não offerecendo nenhuma regularidade.

Entretanto, não se veem, aqui, casas abandonadas, semi-abandonadas, como na maioria das cidades de Minas Geraes. Entregues á agricultura, ou a um commercio regularmente estabelecido, os habitantes da Villa da Victoria não são sujeitos aos mesmos reveses dos cavadores de ouro e não têm razão de abandonar sua terra natal. Elles tem o cuidado de bem preparar e embellezar suas casas. Um numero consideravel d'entre ellas tem um ou dois andares. Algumas de janelas com vidros, e de lindas varandas trabalhadas na Europa. A Villa da Victoria não tem caes; ora as casas se estendem até a bahia, ora se vê, na praia, terreno sem construcção que tem sido reservado para o embarque de mercadorias. Esta cidade é tambem privada de um outro genero de ornamento: não possui, por assim dizer, nenhuma praça publica, posto que aquella existente defronte do palacio é muito pequena e é com muita

condecoração que se dá o nome de praça á encruzilhada enlameada que se prolonga da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia até a praia. Ha, na Villa da Victoria, algumas fontes publicas que tambem não contribuem para embelezar a cidade, mas, que, pelo menos, fornecem agua, de excellentes qualidade, aos habitantes.

Contam-se, na Capital do Espirito Santo, nove igrejas, incluindo-se a dos mosteiros. A igreja parochial é muito grande, muito limpa e não apresenta nada que provoque a curiosidade. Desde a expulsão dos jesuitas, os conventos não são senão em numero de dois, o das Carmelitas e o de São Francisco, construidos fóra ou quasi fóra da cidade. O convento de São Francisco, que abrange o panorama de uma parte da bahia e as campinas visinhas, nada tem de notavel a não ser sua posição. Quando de minha viagem, contavam-se nelle dois religiosos; entretanto, embora pequeno, o edificio poderia recebe-los em numero maior; de resto, as receitas dessa casa são pouco consideraveis.

Quanto ao convento do Carmo, pareceu-me qual o dos franciscanos; mas, a administração tomou o pavimento terreo para fazer a caserna dos soldados pedestres. A igreja desse convento é muito limpa e bem clara, a exemplo de todas do Brasil; é contristante que se a tenha enfeiado, collocando, em cima dos altares, as mais feias figuras que eu jamais vi. Da communitade do Carmo de-

pende uma bellissima fazenda; mas, essa propriedade, disseram-me, é, desde muito tempo, muito mal administrada; os monges, animados do mesmo espirito da maioria dos brasileiros, apenas pensam em fazer dinheiro de tudo, destróem as mattas e não deixarão aos seus successores senão terras inuteis.

Existem, na Villa da Victoria, um hospital militar e um pequeno hospital civil. Na occasião de minha viagem, haviam projectado reuni-los e tinham vontade de estabece-los em cima do morro que se eleva a uma pequena distancia da cidade, bcm no extremo occidental da ilha. Teria sido impossivel escolher-se uma posição mais favoravel, pois são os ventos de nordeste desta região que afastarão, precisamente, da cidade, as emanções perigosas.

Em 1818, os edificios do hospital projectado se erguiam já a alguns pés do chão, parecendo que seriam notaveis.

O mais bello ornato da capital do Espirito Santo é, sem contradicção, o antigo convento dos jesuitas, hoje palacio do Governador, situado na extremidade da cidade. É um edificio de um andar e quasi quadrado, tendo num dos seus lados vista para o mar, e a fachada voltada para a cidade, dando sobre uma pequena praça, fronteira a uma igreja, a da Misericordia; essa fachada tem cerca de cincoenta pés de comprimento, e cada um

dos dois lados quasi 60. Diante da parte que dá para o mar, ha uma especie de terraço coberto de grama ao qual se chegava, vindo da bahia, por uma escadaria ladeada por duas filas de palmeiras.

Um *arctocarpus* e uma *manjifera*, plantados à direita da escadaria e bem entrelaçados, contrastam com a simplicidade elegante das palmeiras, pela sua espessa folhagem, e pelos seus numerosos ramos. A igreja do palacio ou dos jesuitas tem sua fachada comprehendida na do proprio palacio. Essa igreja é grande, porem, nada offerece de notavel (73).

(73) Quando os jesuitas se retiraram da provincia do Espirito Santo, deixaram toda a prataria de suas egrejas, mas não fora achado numerario nos seus conventos. Eis um facto que me foi narrado por um cura que me pareceu ser um homem honesto e verdadeiro. Esse ecclesiasta cavava perto de um edificio, quando um indio velho veio dizer-lhe com mysterio que não devia cavar mais porque ali havia cousas escondidas. O cura fez então esse homem entrar em sua casa, deu-lhe aguardente e incitou-o a falar e o indio acabou por dizer-lhe que se cavasse num certo lugar que designou de modo preciso e que o padre n'ò indicou acharia uma chave; segundo o conhecimento que tinha da localidade, o cura julgou que a descoberta de algum thesouro escondido pelos jesuitas traria à região perseguidores; fez parar as escavações e repôr as cousas no estado primitivo. O indio velho que sem duvida estava ligado ao segredo por algum juramento, arrependendo-se de ter sido infiel, desapareceu para sempre.

Nella foi enterrado José de Anchieta, o bem-feitor mais ardente e generoso dos índios do Brasil; morreu em 9 de Junho de 1597, na Aldeia de Reritygha (74).

A Villa da Victoria é cabeça de comarca de uma parochia muito consideravel e o centro da jurisdicção do Ouvidor encarregado de distribuir justiça em toda a provincia. Quanto ao termo da Villa da Victoria, em particular, é submettido á autoridade de dois juizes ordinarios; esses magistrados, segundo o costume, são escolhidos entre os habitantes da região; mas, a dependencia em que os governadores têm o habito de mante-los, impede aos homens mais notaveis de accetar o cargo. Aqui, como alburess (75), a duração das funcções de juizes ordinarios não vae alem de um anno; as eleições não se processam, na verdade, senão de tres em tres annos, porem, nomeiam-se seis juizes ao mesmo tempo. Além dos juizes ordinarios, elege-se, na Villa da Victoria, um juiz dos orphãos, que fica em exercicio durante os tres annos.

A população de Victoria elevava-se, em 1818, a 4.245 habitantes, entre os quaes cerca de 1/3 de escravos e um pouco mais de 1/4 de brancos.

Um quadro estatistico na minha 3.^a relação mostrará com detalhes qual é aqui a proporção

(74) Diz "Mem. Hist.", II, 20.

(75) Veja-se minha primeira relação, vol. II, pag.

das differentes raças entre si, e qual é, nas diversas raças, a proporção dos individuos, nas differentes idades. Tudo que se disse até agora, prova que a Villa da Victoria é vantajosamente situada para o commercio; entretanto, os commerciantes desta villa, apenas imperfeitamente, tiram proveito da sua posição favoravel. As fragatas podem entrar na bahia do Espirito Santo, quando estão sem muita carga; mas, nunca se vêem embarcações mais notaveis do que lanchas e sumacas.

De resto, se os habitantes desta região se limitam a cabotagem mais insignificante, isto é devido em parte, pode-se dizer, ao insuccesso da unica expedição por elles feita, nestes ultimos tempos.

O governador Tovar, usando de seu despotico poder, forçara aos principaes proprietarios consignar assucar a uma casa de Lisbôa, de que se suspeitou que fosse elle socio. Nada se recebeu do que se mandou e a lembrança desse infeliz negocio ainda está presente no espirito dos negociantes, pouco esclarecidos da Villa da Victoria, contribuindo para impedi-los de sahirem da rotina.

Por menor que lhes seja a possibilidade, fazem, annualmente, viagem á Bahia, ou ao Rio de Janeiro; a provisionam-se e procuram bem sortir suas lojas. Alem d'isso, não se estendem suas idéas. Ha, em geral, uma differença de 30 a 50%

entre os preços do Rio de Janeiro e os da Villa da Victoria.

O ferro em barra e os instrumentos de agricultura são os artigos que acham aqui o mais facil consumo. O que esta região fornece á Bahia é milho, arroz e feijão; mandam-se os mesmos generos ao Rio de Janeiro e alem disso assucar, madeira e algodão. Assim que isto se ache realizado em outros postos pequenos, os proprietarios ricos despacham os seus generos por contra propria para o Rio de Janeiro ou para a Bahia, alguns mesmo os carregam em embarcações que lhes pertencem; mas, os colonos menos abastados vendem o producto da sua colheita aos negociantes da região.

Essas vendas se fazem a diuheiro ou como em Campos: o agricultor toma a credito; na casa do commerciante, as mercadorias de que tem necessidade, e, em seguida, elle se quita, com o producto de suas colheitas. E' muito raro vir á Villa da Victoria negociantes de fóra. Pouco antes da minha viagem, entrou na bahia desta villa um navio de Lisbôa, o que foi considerado um acontecimento extraordinario. O proprietario desse navio havia vendido no Rio de Janeiro uma partida de suas mercadorias, pelo que retomou a marcha de volta, vindo em seguida á Villa da Victoria e depois de se haver desfeito do resto de sua carga

que consistia, principalmente, de enxadas, machadinhas e outros instrumentos de ferro, completou seu lastro, com assucar e algodão. E' facil observar que a população da provincia do Espirito Santo é fraca, por que taes operações são extremamente lentas.

Não ha na Villa da Victoria nenhum negocio publico.

O embaraço de atravessar a agua fez com que dos arredores se tragam á villa poucos legumes e outras provisões; tambem as pessoas que não possuem senão choupana, diligenciam, apenas, os alimentos indispensaveis á vida.

Na verdade, matam-se bovinos duas vezes por semana na Villa da Victoria, mas, não se o faz em maior numero por ser isso desnecessario ao consumo dos habitantes.

Depois de haver dado a idéa do estado do commercio na villa capital da provincia do Espirito Santo, seria util fazer conhecer de que maneira se cultivam nessa região as plantas que lhe fazem a riqueza.

Para recolher informações certas sobre as praticas em uso, entre colonos, eu não podia estar melhor collocado do que em casa do capitão-mór Francisco Pinto, homem intelligente e bom agricultor. Herdeiro do conhecimento dos methodos que os jesuitas introduziram na administração de

suas terras, o senhor Pinto tratava seus negros com humanidade (76).

Elle tinha o cuidado de uni-los, e por sabias medidas conservava as creanças em conjunto com suas mães.

Emquanto consecutivamente, seus vizinhos se punham com capricho a fazer, a todo o preço, um pouco de assucar, no maximo, o senhor Pinto cultivava o algodão, tanto quanto a canua, e por sua vez, podia dar trabalho aos seus escravos sem os forçar, no campo, sob um sol causticante.

Até que um anno transecorresse, cada mãe ficava em casa tecendo algodão, e amamentando o filho recém-nascido.

Passo aos detalhes que eu havia annuciado. Os agricultores da Villa da Victoria crêm muito na influencia da lua. Elles têm o cuidado de plantar no mingunte todos os vegetaes de raiz alimenticia, taes como os carás (dioscorea), as batatas, a mandiôca; e, ao contrario, plantam, durante a lua nova, a canna de assucar, o milho, o arroz, o feijão.

Elles tem, egualmente, o cuidado de fazerem as derrubadas, no mingunte e pretendem que, feitas em outra epoca, são bem cedo atacadas pelos vermes e não tardam a apodrecer. O sr.

(76) Se minha memoria é fiel, o senhor capitão-mór Francisco Pinto herdou sua fazenda de um tio e lhe devia a tradição da administração dos jesuitas.

Pinto me disse que, logo que se pôz á frente de sua propriedade, começou a discutir essas affirmações de preconceitos, mas que a experiencia o havia forçado a voltar aos costumes communs (77).

Que um campo tenha sido antigamente cultivado ou que a cultura succeda immediatamente ao incendio de uma matta virgem, tem-se tido, sempre, a preocupação de dar um geito á terra antes de nella plantar feijão ou milho e soube-se que esses vegetaes davam pouco quando se deixava de preparar o solo. Quanto á mandioca,

(77) Idéas desse genero foram, sem duvida, trazidas para a America pelos agricultores europeus, applicadas ás plantas, objecto de seus novos cuidados. Entretanto, deve-se observar que, segundo o padre Dutertre (Hist. Nat. Ant., II, 114), tem-se, nas Antilhas como no Brasil, o cuidado de observar-se o mingunte da lua, para plantar a mandioca; e os habitantes das Antilhas não tem, que eu saiba, relação directa com brasileiros. Como quer que seja, a crença na influencia da lua, generalizada entre os agricultores, tem sido combatida pelos agronomos versados em agricultura e sabios naturalistas. Lanquinterie, Nardman, Buffon, Reaumur, Reichart, Hartenfels (veja-se Olbers, "Da influencia da lua no Calendario de 1832") e pelo concernente aos bosques, em particular, Duhamet, tem feilo uma sequencia de experiencias habilmente combinadas, da qual o resultado tende a contrariar a opinião que têm em geral os lenhadores e os proprietarios de florestas sobre a actuação da lua (veja-se "Exploração das madeiras", 1, 380, 93). Ninguem quer adoptar, embora estribado, uma doutrina professada por homens celebres e appoiada em factos e raciocinios; nós não dissimularemos, entretanto, que certos sabios não são favoraveis ás idéas dos camponeses de todos os paizes, sobre a força da lua e pensamos que é licito desejar-se experiencias melhores.

pode-se planta-la num terreno virgem, sem dar nenhum preparo ao terreno. Durante a segunda estadia que fiz, no mes de Novembro, na casa do capitão-mór Pinto, vi negros plantarem mandiôca numa terra antes coberta de capoeiras.

Após a primeira colheita que, segundo o costume, foi feita ao cabo de 18 meses, deviam plantar mandiôca no mesmo terreno. Pensavam, após isso, plantar, duas vezes em seguida, milho, e feijão, com canna, que dá aqui tres côrtes. Emfim, quando a terra tenha assim produzido, sem ser adubada durante nove annos consecutivos, deixam-n'a descansar durante cinco annos para fazerem nella, em seguida, novas plantações.

Os agricultores que não possuem um terreno muito extenso, não dão ás suas terras senão dois annos de repouso. Os pobres, mesmo, não deixam repousar as suas, mas, sente-se que acabarão por exgota-las. Dividem suas propriedades em tres partes, todas ellas plantadas de algodão e como esse vegetal produz tres annos seguidos, arrumam as cousas de maneira a ter sempre duas partes em novedio e uma terceira recentemente plantada na qual fazem vir, com o algodão, feijão e milho, plantas que progridem mal no meio do algodão, cujas raizes se tornam vigorosas.

Se o algodão não entrava no afolhamento a que submettia o capitão-mór o campo em que vi seus escravos plantar mandiôca, era porque, du-

rante um numero grande de annos, deixaram sem cultura essa parte do seu dominio e os terrenos novos não convêm muito aos algodões. Após os cinco annos de repouso que deviam, conforme disse, seguir os nove annos de producção, plantarão algodão e a essa cultura farão substituir duas plantações de cannas, de 3 annos cada uma (78).

O arroz, a mandioca, a canna, o algodão, são as plantas de que se occupam mais os colonos da provincia do Espírito-Santo, em particular os da Villa da Victoria.

Plantam-se, ou semeiam-se os caroços de algodão, após as primeiras chuvas, quer dizer, nos meses de Setembro, Outubro e Novembro, dependendo, se a estação das aguas fôr mais ou menos demorada.

Os agricultores experientes semeiam o algodão em vez de planta-lo porque, por meio desse systema os brotos adquirem maior vigor, quando provêm de grãos postos juntos no mesmo buraco e porque, no meio de um grande numero de pés, escapam sempre alguns aos damnos das formigas.

(78) Vê-se, de accordo com o que disse aqui, que tenho commetido uma grave falta de attenção quando, levado pela redacção rapida da "Exposição da Minha viagem", publicada nas "Memorias do Museu" (volume IX), disse que fôra somente em Campos que eu havia achado uma fraca percepção do systema regular do afolhamento.

Quando se segue esse methodo, limpa-se a terra ao cabo de tres meses (79), quando se arrancam os pés superfluos. Aquelles que preferem plantar o algodão, fazem buracos e jogam, em cada, um punhado de sementes.

Quanto mais fertil for o terreno, mais elles afastam as fossas porque, nas boas terras, o algodão se expande mais; entretanto, em geral, deixam, entre as cavidades, uma distancia de seis palmos.

No mês de Janeiro dão um geito, com a enxada, á terra e apenas conservam dois ou tres

(79) Num precioso artigo sobre a cultura do algodão no Maranhão os senhores Spix e Martius citam a herva de São Caetano como uma daservas más que crecem nas plantações de algodão, e, sob o nome de *Momordica Macropelala* fazem dessa *Cucurbitacia* uma especie nova (Reis., 816). Não é absolutamente impossivel que a herva de São Caetano do Maranhão seja uma planta da que é conhecida pelo mesmo nome no sul do Brasil; porem, esta ultima é certamente a *Momordica Senegalensis* Lam., do que me convenci pela comparação dos meus especimens brasileiros com os da *M. Senegalensis*, trazidos da Africa pelo senhor Perrott (veja-se meu quadro da vegetação primitiva da provincia de Minas Geraes nos "Annaes das Sciencias Naturaes", volume XXIV, 64). O que me levaria a crer na identidade da *Cucurbitacia* dos senhores Spix e Martius como *Momordica senegalensis* é, não somente o nome de herva de São Caetano, que recebeu com este ultimo, mas, tambem o de *Macropelalas* que os sabios bavarezes dão á sua especie; pois as grandes petalas contribuem para caracterizar a *M. Senegalensis*. Já publiquei observações sobre esta ultima ou herva de São Caetano na minha "Memoria sobre as Cucurbitaceas", pag. 31, ou "Memorias do Museu".

algodoeiros que nascem em cada buraco. A colheita dura desde o mês de Junho até o mês de Outubro. Como em Minas, deixam-se abrir as capsulas, nas hastes e dellas se extraem flócos de algodão. Quebram-n'os immediatamente após a colheita, no chão; ou no mês de Janeiro, quando preparam a terra. Os mesmos algodoeiros produzem, dois ou tres annos seguidamente. O algodão do Espirito Santo, de uma qualidade muito inferior ao de Minas Novas, vendia-se, quasi na epoca da minha viagem, a 1\$120 a arroba, com sementes. Para separar o algodão do caroço, servem-se aqui da pequena machina de dois cilindros, em uso tambem na provincia de Minas Geraes, da qual fiz a descripção em outra parte (80).

Uma arroba de algodão com caroço dá 8 libras de algodão lavado. Duas mulheres, trabalhando durante um dia, podem separar uma arroba dos caroços e por isso se apuram 240 reis.

Os habitantes do Espirito Santo não só vendem quantidades consideraveis de algodão em rama, como tambem remettem para o Rio de Janeiro muito em tecido.

Tambem se faz, na provincia do Espirito Santo, um tecido grosso, branco, de algodão, semelhante ao de Minas Geraes; uma parte desse tecido é despachado para a Capital do Brasil, e

(80) Veja-se minha 1.^a relação, vol. I, p. 406.

para outros portos; o resto serve na região para fazer as camisas e as calças dos escravos. Os proprietários que tem certo recurso, mandam fabricar tecido mais fino. Algumas pessoas plantavam aqui o algodão de fibra amarella; no entanto, como não procuravam seus productos, hoje cultivam-n'o somente para mistura-lo em uma especie de tecido encorpado e solido que os agricultores fabricam para o uso de sua familia e que não sahe da região (81).

(81) Os mais antigos viajantes acharam o uso do algodão diffundido entre os indigenas da costa. Os tupinambás e outras tribus da sub-raça tupy denominavam esse vegetal de *amanyú* (dic. Port. Braz., 9) e o empregavam na confecção de córdas, de rêdes e mesmo de uma especie de camisas e faixa ("Hans Stade in th. Bry.", I). Hoje a cultura do algodão se estende desde a fronteira septentrional do Imperio Brasileiro até cerca de 30°2', lat. Sul e, por consequencia, muito mais longe que a Serra das Furnas, indicada, por inadvertencia, como limite absoluto na "Flora Brasilia Meridionalis", I, pag. 254. Se, como eu havia dito noutra parte (veja-se minha 1.ª relação, II, pag. 107) é difficil que não exista, numia extensão de terreno tão immenso, uma quantidade de especies de variedades differentes de algodoeiros, e igualmente que, segundo as localidades e sobretudo a distancia do Equador, não se preocupe de introduzir differenças na cultura desta planta. O brasileiro que tomasse a util empresa de realizar uma monographia geral dos algodoeiros de seu paiz, acharia nos meus escriptos detalhes sobre a cultura dessa arvore nos arredores de São João Del Rei, Pessanha e de Minas Novas, sobre a maneira de tratar os algodoeiros nas visinhanças do Rio das Contas, provincia dos Ilhéos, no pequeno tratado de José de Sá Bittencourt, intitulado "Memoria sobre a plan-

Pode-se, com o algodão, plantar milho e feijão, porem, no primeiro anno somente; mais tarde, *esses vegetaes seriam absorvidos pelos novédios vigorosos dos algodoeiros, o que não acontece*

tação de algodoeiros”, etc.; a obra de Arruda, que tem por titulo “Memoria sobre a plantação de algodoeiros”, *lho fornecerá informações sobre essa cultura em Pernambuco; enfim, poderá consultar, com os maiores proveitos, o interessante artigo que os senhores Spix e Martius inseriram sobre o algodão do Maranhão na “Reise in Brasilien”, pagina 814. Observe-se que José de Sá Bittencourt seguiu, para distinguir os algodões do Brasil, pouco mais ou menos os principios que Rohr adoptou depois. Veja-se, em poucas palavras, de que maneira elle caracteriza as sete especies de que fez menção:*

- 1.º) O algodão do Maranhão tem sementes aglutinadas e negras, de que o todo é alongado.
- 2.º) O algodão vulgar tem sementes aglutinadas e negras de que o todo é meio prolongado como na especie precedente e do qual a lã é mais fragil.
- 3.º) O algodão tem sementes aglutinadas cobertas de uma sub-pennugem parda.
- 4.º) O algodão tem sementes aglutinadas cobertas de pennugem verde.
- 5.º) O algodão tem sementes aglutinadas, tem lã parda ou preta.
- 6.º) O algodão da India tem sementes separadas, cobertas por uma pennugem branca e flores côr de fogo.
- 7.º) O algodão da India tem sementes separadas e negras, sem pennugem.

Além dessas variedades, todas cultivadas, José de Sá indica ainda duas especies selvagens que crescem, disse elle, nas caatingas do Rio das Contas que sem duvida eram do numero d'aquelles dos quaes os indios aproveitavam. Essas especies, conclue Sá, assemelham-se aos algodoeiros ditos da India; mas, sua lã é parda e rustica.

entre as sócas de cannas de assucar que se elevam sem se estenderem.

Socha-se o feijão e o milho, um mês depois que foram plantados e fazendo-se essa operação deve-se ter o cuidado de approximar a terra aos brotos afin de preserva-los dos ventos que n'esta região são frequentemente muito violentos (82).

Antes do governo do Marquez de Lavradio, o arroz, de sobrecarregado imposto, era pouco cultivado na provincia do Rio de Janeiro (83) e parece que o mesmo acontecia no norte do Brasil, porque em 1768 o Maranhão não exportava senão 283 arrobas desse cereal emquanto que actualmente elle tem exportado 284.721 arrobas (84). O arroz é igualmente, na provincia do Espírito Santo, um artigo de exportação. Não se cultiva aqui, como em Minas, a variedade guardada de pendão; das duas variedades, sem embargo, que se conhecem nesta região, uma tem o grão de côr branca e é plantada em geral, a outra tem o grão vermelho e traz o nome de arroz vermelho; vende-se com difficuldade e não é usada senão para doentes.

(82) Eu dei, na minha primeira relação, os detalhes sobre a cultura do milho, para o que diz respeito a origem dessa planta. Veja-se a nota RR. no fim do volume.

(83) Piz. — "Mem. Hist.," VII, 98.

(84) Spix e Martius, Reis, 874.

Essas duas qualidades cultivavam-se unicamente nos terrenos alagadiços, mas, aqui não se tem de dispensar os cuidados aos arrozaes, como em Piemonte e nas Índias; fazem-se com a enxada buracos pouco profundos, afastados de cerca de um palmo e meio e nelles se lança um punhado de sementes (85). E' necessario defender as plantas até que os grãos brotem porque ha uma chusma de passarinhos que os comem, particularmente os das especies conhecidas na região pelo nome de Guaxi ou Icovaso, Papparoz e Grumará. As pessoas que não têm recursos pecuniaros para preservar seus campos, jogam as sementes em buracos mais profundos, feitos com um piquete e onde os passaros tem difficuldade de ir procura-los; mas, logo que se estabeleceu esse methodo os arrozaes nasceram muito proximos e se prejudicaram mutuamente.

E' no mês de Setembro, um pouco antes da estação das aguas, que se planta o arroz; socha-se-o, quasi um mês e meio depois, e a colheita se faz em Fevereiro. Nesta obra, corta-se a haste logo abaixo da espiga, servindo-se de uma faca ou de um pedaço de pau cortante e se abandona a palha.

(85) O snr. Martius diz que no Maranhão não se plantam senão tres sementes em cada buraco.

(86). As espigas se batem com longas varas; em seguida, expõe-se o grão ao sol durante um dia ou um meio dia e pila-se-o. Tem-se o cuidado de não se deixar o grão muito tempo ao sol porque seccando-o mais do que o necessario elle se quebra na pilagem. De outra forma, para certificar-se do grau necessario de seccagem, toma-se uma pequena quantidade d'elle, que se põe sobre uma mesa; tem-se o costume, assaz bizarro, de passar-se-lhe por cima um sapato e logo que, por essa operação, os envolveros se separam sem difficuldade, começa-se a pilar. Num dia, uma negra pôde, com o pilão, separar dos involucros um alqueire de arroz e um negro a quantidade de um alqueire e meio a dois alqueires. Pagam 160 reis por alqueire, quando se não servem dos proprios escravos. O Capitão-mór Francisco Piuto, havia construido uma especie de moinho que fazia agir varios pilões ao mesmo tempo; mas, obrigado, por falta de uma cascata, a servir-se de bois para pôr a machina em movimento, acabou por achar mais economico fazer pilar seu arroz pelas suas escravas. Dava-lhes por empreitada, pilar um alqueire

(86) Isso que escreveram os senhores Spix e Martius sobre a maneira de cortar arroz no Maranhão prova que se seguiu o mesmo methodo na provincia do Espirito Santo (Reis, 874 — "Agrost.", 560) e provavelmente é o mesmo por todo o Brasil. Viu-se na primeira relação (I, 391) que o trigo se cõrta tambem em Minas, abaixo da espiga.

por dia; ordinariamente acabavam ás duas horas da tarde e em seguida descansavam. Como esse trabalho era muito fatigante, o senhor Pinto não obrigava a mesma negra a pilar durante dois dias seguidos. Quando a pilagem está concluída, limpa-se o arroz por meio de uma joeira feita de palha e quasi chata, que póde ter 2 $\frac{1}{2}$ a 3 palmos de diametro. Afinal, separa-se, por meio de uma peneira, os grãos inteiros dos que foram partidos pelo pilão. Calcula-se que aqui o arroz é produzido de 100 a 110 por 1.

Eu não devo esquecer-me de dizer que após a colheita, piza-se aos pés a palha para se a quebrar.

A raiz produz logo rebentos e no mês de Maio seguinte faz-se uma 2.^a colheita (87) que dá o terço da precedente. Novos rebentos succedem os primeiros; no entanto, como renderiam pouco, não se permite que cresçam, e deixam a plantaçoão ao gado muito guloso da palha do arroz.

A mandioca não é menos cultivada que esse cereal, pelos habitantes do Espirito Santo. Assim como disse, assisti, no mês de Novembro de 1818, a plantaçoão da mandioca, numa parte dos domínios do capitão-mór. A terra havia ficado muito tempo coberta de capoeiras e podia, sob varios

(87) Os senhores Spix e Martius dizem tambem que no Maranhão deixam perder a palha do arroz e que os mesmos pés dão duas colheitas (Reis 874).

pontos de vista, ser considerada virgem. Havia-se começado, segundo o costume, por abater e queimar as mattas. Na vespera do dia de plantação preparou-se o terreno com enxada. No momento de plantar, os negros fizeram no campo largos buracos, pouco profundos e obliquos, dando um golpe de enxada, puxando a terra e virando-a na extremidade do buraco. O feitor tinha perto d'elle pacotes de talos de mandiôca, (maniba) cujas folhas e ramos haviam sido tirados, e cortava cada haste em pedaços de 5 a 8 polegadas. Negras pegavam-n'as e enfiavam-n'as obliquamente nessa terra que, como disse, havia sido levantada para a extremidade dos buracos.

No fim de 3 meses, limpava-se o sólo, arrancando-se-lhe as hervas damninhas com a mão e, de 3 em 3 meses, se repetia o mesmo trabalho, até o momento da colheita, que se costuma fazer 18 meses depois da plantação.

Póde-se, ao cabo de um anno, arrancar as raizes (88), mas então ellas contêm ainda muita agua. Não se utiliza a enxada para limpar os campos onde haja plantado mandiôca, porque as raizes desta planta são pouco profundas e sabe-se que as fendas, as mais leves, fazem-n'as apodre-

(88) Viu-se que em Benevente, onde a terra é muito boa, se podia arrancar a mandiôca ao cabo de seis meses; mas, essa precocidade, creio, deve ser considerada como excepção.

cer. Para fazer as estacas tem-se o cuidado de não usar senão as hastes que tenham ao menos um anno.

Ahi está de que maneira tenho visto preparar a farinha de mandiôca na provincia do Espirito Santo. Os negros começam por tirar a casca das raizes com uma faca, depois as submettem ao ralador. Este ralador é de latão e cobre a volta de uma grande rôda movel, numa mesa estreita. O negro vira a rôda por meio de uma manivella, e durante esse tempo apresenta as raizes ao raspador, apoiando-o na mesa. Debaixo da roda está um aparador onde cabe a pôlpa. Esta é comprimida a principio com as mãos; em seguida, para acabar de fazer sahir o liquido venenoso, que contem, conforme todo mundo sabe, — botam-n'a numa peneira, de uma especie de palmeira que chamam tipití (89).

A extremidade superior da rêde é presa no soalho, a outra a um cabrestante; este gira e por esse meio estende a rêde que, agindo sobre a pôlpa obriga o resto da agua a sahir (90). A pôlpa,

(89) Hans Staden, que visitou o Brasil antes de 1550, disse que então os selvagens se serviam, para exprimir a polpa da mandiôca, de um engenho chamado tipiti e era feito de folhas de palmeira ("Hist. Bras. in Th. Bru, I, 109).

(90) Não quero dizer com isso que não ha na provincia do Espirito Santo colonos que se servem de prensa; conto o que se praticava no lugar em que vi fazer

presa em seguida, é posta a seccar em cima de um forno, numa caldeira de terracôta, cuja orla é muito baixa e o fundo muito raso e onde se espalha sem interrupção. A maior parte das caldeiras para mandiôca empregada nos arredores da Villa da Victoria e provavelmente em toda a provincia, vem da Bahia; entretanto fabricam-n'as, tambem, num lugar denominado Goiabeira, situado proximo da Capital do Espirito Santo. Essas caldeiras variam um pouco de tamanho, mas, em geral tem 3 $\frac{1}{2}$ pés ingleses de diametro, uma pollegada de espessura e quatro de altura (91).

A farinha de mandiôca e a de tapiôca são muito conhecidas, para que me estenda muito sobre seu uso. Os luso-brasileiros chamam-n'a farinha de mandiôca ou de pau (92).

farinha de mandiôca. Não posso tambem assegurar que haja seguido a serie de todos os processos aqui detalhados; mas, os que não foram vistos me foram relatados nos lugares.

(91) Ha no Brasil lugares em que se usam caldeiras de latão.

(92) Outr'ora o nome de farinha de pau apenas se dava á farinha de mandiôca. Designava-se outra especie de farinha feita, por falta da primeira, triturando as hastes da palmeira chamada Urucuruba (Veja-se Marcg., "Hist. Nat. Bras.", 204 e Southey, "Hist.", I, 233). Com o tempo, as palavras *farinha de pau* ficaram synonymas de farinha de mandiôca, e o uso de fazer farinha com o pau da urucuruba, desapareceu completamente; pelo

Misturam-n'a com feijão e os outros pratos aos quaes costumam juntar salsas e quando a comem com alimentos seccos, lançam-n'a na bocca com uma dextresa emprestada, na origem, aos indigenas e que ao europeu custa muito imitar.

Não me é possível deixar de considerar a farinha de mandioca inferior á. de milho, empregada da mesma maneira pelos mineiros (93), mas, ha luso-brasileiros que preferem a primeira á segunda e acham mesmo que misturada a certas substancias alimenticias é mais agradável que o pão de trigo. Seja como fôr, deve-se desejar aos brasileiros que o consumo da mandioca diminua no seu paiz, pois parece que essa planta gosta dos terrenos novos e pêlo menos em certos districtos ella esgota o sólo; por consequente, a sua cultura deve acelerar a destruição das florestas. O padre João Daniel mostrou o quanto a cultura da mandioca é prejudicial aos habitantes das margens do Orellana ou Rio das Amazonas, e José de Sá Bittencourt disse que, já em 1798, os habitantes do termo da Villa de Camamú, provincia dos Ilhéos, se achavam reduzidos á miseria extre-

nome nunca ouvi mais falar dessa farinha e parece que Koster (Veja se "Voyages Sept. Bres.", Trad. Jai, II, 277) que morou no norte do Brasil, della não ouviu fallar mais do que isso.

(93) Veja-se minha primeira relação, volume I, pag. 211.

ma, por que a mandiôca não podia mais progredir na sua região despojada de mattas virgens, que houve, outr'ora, com abundancia (94).

(94) E' incontestavel que antes da chegada dos europeus ao Brasil, os indios da sub-raça tupy conheciam o uso e a cultura da mandiôca e por conseguinte, conforme observou o senhor Moreau de Jonnes ("Hist. da Academia de Sciencias", 1824). Reynal se tinha enganado quando disse que a mandiôca foi trazida das Antilhas pelos negros escravos. Entretanto, os indios do Brasil, não consideravam a mandiôca exotica em seu paiz; acreditavam que fôra trazida por um velho de barbas longas chamado Zomé ou Tzomé, vindo de leste e que havia jogado entre elles algumas sementes de civilização e industria; tradição que confirma plenamente minha opinião sobre a origem ao mesmo tempo mongolica e caucasica, dos indios do Brasil ou de uma parte delles. As praticas em uso hoje entre os luso-brasileiros para o cultivo e preparação da mandiôca, remontam a uma longa antiguidade porque ellas não têm, essencialmente, differença das que seguiam os indios. Os que querem ter uma idéa mais completa da historia da mandiôca entre os brasileiros, farão bem em consultar Southey, que a extrahiu de antigos autores ("His. do Bras.", I, 229), P. Vaseoncellos (Noticias Curiosas); Pison ("Hist. Nat. do Brasil", 65); Koster (Voyage Sept. Brés, trad. Jai, II, 275); enfim, este infelizmente padre João Daniel que quiz ainda tornar-se util, durante seu captiveiro, escrevendo o resultado de suas longas observações (Quinta parte do thesouro descoberto no Rio das Amazonas, II, 27). Pondo aqui Southey, no numero dos principaes autores que tem escripto sobre o cultivo e os usos da mandioca entre os brasileiros, creio ser de meu dever relatar uma falta de attenção que escapou a esse estimado e laborioso historiador. Suspeita que a mandioca não venenosa é cultivada pelos brasileiros, mas accrescenta que nenhum escriptor disso fizera menção. Lery que estava no Brasil em 1547, disse que a raiz do aipim (nome conservado para a mandioca doce) come-se assada na braza e

que tem o gosto de castanha, emquanto que a *manihot* não podia ser considerada alimento, sem o maior perigo, se ella não for reduzida a farinha (*Voyage* ed. 1578, pag. 136).

Parece-me assim que a mandiôca doce era como a venenosa conhecida dos selvagens do Brasil, antes da chegada dos europeos. Longe de ser Levy o unico que haja fallado da mandiôca doce. O padre A. Ruiz de Montoya, que escrevia em 1637, affirmou (*Thes. Leng. guard.* 24 bis) que a palavra aipim quer dizer em guarany uma especie de mandiôca doce; segundo Pison (*"Hist. Nat."*, 117) a mandiôca macaxeira come-se assada no fogo, sem nenhuma preparação; enfim Margroff disse que todas as especies de mandiôcas comidas crúas são mortaes, excepto o aipim macaxeira que é agradável assada na braza. Embora muito rara, a mandiôca doce era tambem corvida nas Antilhas, do tempo do padre Dutertre que escrevia em 1667; assava-se, então, toda inteira, como as batatas, sem espremer-lhe o succo e chamavam-na *Kamanioe* (*"Hist. Nat. Ant."*, 114); enfim, Aublet elogia ao camagnoc e diz que se come no Oyapoc sem ser espremido nem reduzido a farinha (Lery, II, *"Mem."*, 66). Não poderia, sem afastar-me de meu plano, referir-me com minucias, sobre todos os vegetaes de grande e pequena cultura que são objecto dos cuidados dos colonos do Espirito Santo. Entretanto, algumas palavras direi do repolho, porque o modo pelo qual se multiplica prova qual é, sob este clima feliz, o poder da vegetação. Aqui, como n'outras partes do Brasil, esse legume não se semeia mas propaga-se por si. Quando se tenha cortado a cabeça do repolho, nascem brotos ao redor do pé; separam-n'os, deixando em baixo de cada um pedacinhos do tronco; enfiam esse pedacinho de pé na terra e de cada broto logo nasce um novo repolho, capaz de perpetuar a especie do mesmo modo. Na chegada do Rei D. João VI ao Brasil, deram ordens aos agricultores das cercanias da Villa da Victoria, de plantar trigo e linho, distribuindo-lhes sementes. Mas em geral se dedicaram com pouca vontade a esse ensaio que pouco resultado teve. Entretanto como esse resultado não foi de

todo nullo, é de erer que si se dessem a novas experiencias e se procurassem principalmente a epoca mais favoravel para as plantações, poderiam ser recompensados por algum successo.

Não ha grandes pastagens na provincia do Espirito Santo e por consequente não se pôde criar nella muitos cavallos e gado. Em toda a provincia, seu transporte de mercadorias se faz por terra; não se conhece outro vehiculo a não serem as embarcações e as pirogas. Não é, portanto, surprehendente que não se veja em nenhuma parte burros, e os meus foram, por vezes, objecto de curiosidade das creanças. Não se usa senão cavallos, e, como não ha o costume de carregar esses animaes e as albardas são muito mal feitas, o cavallo que, extraordinariamente, carrega uma carga, um pouco longe, chega quasi sempre ferido. Enquanto em Minas Geraes os homens mais pobres criam porcos, os agricultores do Espirito Santo desleixam quasi que completamente desse genero de criação e se justificam allegando que esses animaes destroem as plantações de mandiôca.

Bem verdade que os bacurinhos fazem muito damno nessas plantações, quando nellas penetram; no entanto, com menos preguiça, os colonos poderiam cercar os seus campos e garanti-los.

Poderia parecer que os agricultores do Espirito Santo tem inimigos temiveis nos reptis; pois, o senhor capitão-mór Francisco Pinto disse-me que, desde que possuia sua fazenda, quatorze de seus negros foram mordidos por serpentes venenósas, porem a excepção de um só, curou todos os seus doentes. Eis o remedio de que fazia uso: no momento em que o homem era mordido, fazia-o engulir um punhado de pólvora misturada com o summo de tres ou quatro limões. Em seguida davam-lhe, por tres vezes differentes, durante o dia, uma taça de cosimento feito com raizes das 3 plantas seguintes: a aristolochia chamada milhomens; jarro, outra aristolochia e a batata de junça, hervas do brejo cujas raizes trepadeiras produzem, de distancia a distancia, tuberculidades e que, segundo a descripção que me fizeram, deve ser uma jonça ou uma cyperacea. O senhor Pinto

tinha o cuidado, tambem, de esfregar a ferida com a mesma soluçãõ em que se juntam, caso se queira, raizes do taririquim ou fedegoso do matto, especie de Cassia que, se não me engano, em geral tem as mesmas propriedades que o *C. occidentalis* L.

CAPITULO V

A MONTANHA DE MESTRE ALVO — A VILLA D'ALMEIDA E OS INDIOS QUE A HABITAVAM

PASSAPORTE. PAVOR DO RIO DOCE. PONTA DOS FACHOS. HOSPITALIDADE. REGIÃO SITUADA ENTRE O MAR E A MONTANHA DE MESTRE ALVO. ASPECTO DAS FLORESTAS NOVAMENTE QUEIMADAS. DE QUEM OS BRASILEIROS ADOPTARAM SEU SYSTEMA DE AGRICULTURA. FREGUEZIA DA SERRA. DE QUE MANEIRA O AUTOR FOI RECÉBIDO NESSA VILLA. INCOMMODOS CAUSADOS PELO CALOR. A MONTANHA DE MESTRE ALVO. RESPEITO DOS BRASILEIROS AOS SUPERIORES. ARMADILHAS CHAMADAS MUNDÊOS. SITIO DE GARAIPE. VILLA D'ALMEIDA. SUA HISTORIA E SUA ADMINISTRAÇÃO. DESCRIÇÃO DESSA VILLA. DE QUE MANEIRA OS INDIOS DA VILLA D'ALMEIDA FORAM GOVERNADOS NO TEMPO DOS JESUITAS. COMO SÃO TRATADOS HOJE. DECRESCIMO QUE A POPULAÇÃO TEM SOFRIDO. OCUPAÇÃO DOS INDIOS D'ALMEIDA. CARACTER DOS INDIOS EM GERAL. LINGUAGEM DOS D'ALMEIDA. O CAPITÃO-MÓR D'ALMEIDA,

Durante minha estadia na Villa da Victoria eu me apresentei em casa do governador da provincia, ao qual eu era recommendado. Elle me recebeu muito bem, deu-me um pedestre para servir-me de guia até o Rio Doce, razão da minha viagem, e entregou-me uma portaria (passaporte privilegiado) assignado de proprio punho. "Aquelle que vós tendes, do Ministro de Estado, disse-me elle, tornava-se, para vós, sufficiente, mas os soldados não sabem quem é o Ministro; elles não conhecem senão o governador, e minha assignatura vos porá a salvo de todos os embaraços que vos poderão suscitar".

E induziu-me, muitas vezes, a não proseguir minha viagem, e me apresentou sob as côres mais sombrias a região deserta que ia percorrer e sobretudo não se cansava de prevenir-me da insalubridade das margens do Rio Doce; "O Rio Doce é um inferno" taes foram as expressões de que se serviu, em me fallando desse rio (95). Mas, com todos esses discursos não se fazia arrefecer minha curiosidade; eu havia resolvido ir até as fronteiri-

(95) Se teve outras expressões o sabio Neuwied, foi, incontestavelmente, por algum interesse particular.

ras da Provincia de Porto Seguro e puz-me a caminho (96). Depois de despedir-me do meu hospedeiro, o capitão-mór Pinto, atravessei a ilha muito montanhosa onde sua casa e a capital da provincia estão situadas; e retornei pela margem do mar, que do lado do septentrião separa a ilha do continente. Esse pequeno canal pôde ter a largura de nossos riachos de 3.^a ou 4.^a ordem. Passa-se sobre uma ponte de madeira, que ao tempo de minha viagem estava no peor estado de conservação e que provavelmente não tardaria a tombar se, como tem succedido, não se lhe fizer nenhum reparo. Ora o caminho segue a praia, ora pelas mattas virgens de que é cercado. Depois de cinco leguas

(96) Itinerario approximativo da Villa da Victoria ao Rio Doce. Da Villa da Victoria a Ponta dos Fuchos,

Palhoça	5 leguas
Freguezia da Serra (aldeia)	3 1/2 leguas
Caraipe, sitio	2 1/2 "
Villa dos Reis Magos, villa	3 "
Aldeia Velha, sitio	3 "
Quartel do Riacho, posto militar	3 "
Quartel da Regencia, idein	7 "

27 "

Devo observar que passando pela Freguezia da Serra, augmentei meu caminho, porque essa povoação está situada á media de duas leguas da costa. Para evitar esse rodeio, pode-se, da Villa da Victoria, fazer alto na Aldeia de Carapibei, menos distante que Ponta dos Fuchos, e de Carapibei se vae ter, no dia seguinte, á Villa dos Reis Magos, d'outra forma, Villa d'Almeida.

eu me detive numa choupana construída sobre uma colina que domina o mar e que se chama Ponta dos Fachos. Fui muito bem recebido pelos moradores da choupana. Em geral, a proporção que eu avançava, era tratado com mais hospitalidade e em parte alguma encontrava essa desdenhosa indiferença dos habitantes dos arredores do Rio de Janeiro.

Eu já me referi a Montanha de Mestre Alvo (97) que eu havia percebido, chegando próximo da baía do Espírito Santo, atrás das colinas que bordam essa baía. Como o Mestre Alvo passa por um dos pontos mais elevados da provincia do Espírito Santo e como a elle chegando de Ponta dos Fachos eu não tinha de me desviar do meu caminho, eu me decidi a fazer essa pequena viagem; guiado pelo bom Luiz, esse pedestre que me acompanhou por ordem do governador, eu me dirigi para oeste e percorri, durante longo tempo, uma região plana, em que passa o Rio de Caraipe e que é entrecortada de capoeiras e mattas virgens. De distancia a distancia, eu tinha o prazer de ver algumas cabanas. Estava-se, então (13 de Outubro) na epoca em que se tem o costume de

(97) Jean de Laet, que publicou em 1633 seu excelente compendio, graphou Mons Alvoe (Nov. Orb., 584); acha-se no Abbade Cazal, Monte de Mestre Alvaro (Corogr., II, 63) e finalmente Pizarro ("Mem.," II, 30) Serra de Mestre Alvo ou Alvaro. Eu adopto a orthographia que me parece concordar com a usada nos proprios lugares.

queimar as mattas, abatidas alguns meses antes. Em muitos trechos eu passei diante de porções de florestas assim destruidas e incendiadas.

Nada podia ser mais triste que esse aspecto. Os ramos que com o incendio se haviam desprendido das grandes arvores, os cipós e os arbustos haviam sido consumidos; os grossos troncos não haviam sido senão tismados ou reduzidos a carvão e jaziam por terra sem nenhuma ordem, atirados um sobre os outros; a terra secca e coberta, aqui e alli, de uma cinza alvacentá; enfim, de todos os lados via-se elevar-se do meio desses destroços a base dos grandes troncos cortados, dois ou tres pés acima do sólo. O systema agricola adoptado no imperio do Brasil, é o dos Tupinambás, Carijós, Tupiniquins e outras nações indigenas da sub-raça tupy, hoje exterminada (98); os luso-brasileiros ainda adquiriram desses selvagens a cultura da raiz que fornece seu alimento principal, e a ella devem uma serie de applicações diversas; o conhecimento de alguns frutos bons e de varios remedios salutaes; innumerás palavras geralmente diffundidas entre elles; enfim, a maior parte dos nomes de suas montanhas e de seus rios. Deveriam ter, muito bem, um pouco

(98) Veja-se, como durante a epoca da descoberta do Brasil, se exprimia Hans Stade, fallando dos selvagens deste paiz: "cortam as arvores, nesses lugares, deixam-n'as, tres mezes cortadas, queimam-n'as e ali plantam" (Hist. Braz. in th Bry., I, 175).

de compaixão dos descendentes desses que foram seus mestres (99).

Antes de chegar ao lugar onde fiz alto, comecei a subir e logo me vi no meio de um grupo de colinas que apresentavam no cume largos planos de nível. Uma "Melastamée" e um "Composée" crescem em abundancia sobre os declives desses morros. Ha muito tempo que eu avistava a montanha de Mestre Alvo; alem, ella se apresentava á minha vista, com toda sua massa pesada e respeitavel; podia mesmo distinguir aqui e acolá plantações no meio das florestas que a cobrem. Ao occidente, o horizonte é limitado pelas montanhas da cadeia maritima. No planalto de algumas colinas de que venho de falar, estão as choupanas, distantes uma das outras, e esparsas; quasi no meio dellas vê-se uma igreja, circundada de relva, isolada como as proprias casas e sombreada por algumas palmeiras. Essa especie de villa tem o nome de Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Serra (parochia de N. S. da Conceição da Serra) ou simplesmente Freguezia da Serra e é a cabeça de uma parochia que comprehende

(99) Por uma aversão pueril contra os luso-europeos alguns destes do Brasil tomaram, em nosso tempo, nomes indigenas que provavelmente não entendiam. Seria mais nobre procurar melhorar de maneira efficaz a sorte dos indigenas.

um grande numero de habitações situadas a oeste e de uma população de mais de mil almas (100).

Chegando á Freguezia da Serra apresentei-me em casa de um dos seus principaes moradores, que era capitão de milicia e pedi-lhe pousada; elle m'a recusou, dizendo-me que não tinha lugar para alojar-me e enviou um escravo para indicar-me uma casa na vizinhança. Durante a auzencia do emissario nos puzêmos a conversar e eu provoqueei uma opportunidade de exhibir-lhe minha portaria. O respeito dos brasileiros aos seus superiores era tal, então, que á simples vista da assignatura do Ministro de Estado Thomas Antonio de Villa Nova e Portugal produziu o effeito de uma palavra magica. Então, a casa foi-me offerecida; estava ás minhas ordens; elle desejava, definitivamente, hospedar-me. Eu affetei importancia e não dei aos meus empregados ordem de descarregar meus animaes antes de saber pelo negro do capitão que a casa a que o haviam enviado já estava alugada. Durante todo esse dia achei o calor insuportavel, provavelmente porque me havia distanciado do mar. Soffri cruelmente dos nervos e á tarde, escrevendo meu "diario", tinha a cabeça tão pesada que a imagem das cousas observadas em camiuho me apparecia obscura.

Antes de deitar-me, demonstrei desejo de encontrar um homem que tivesse disposição de acompanhar-me ao alto do Mestre Alvo e immediatamente meu hospedeiro pediu um guia ao commandante da Villa. No dia seguinte, o guia se apresentou e nós partimos. Eu queria, para acompanhar-me, um homem que conhecesse os caminhos, e que eu pagaria, mas, falando com o que me haviam enviado verifiquei que era um agricultor honesto, pertencente á milicia e percebi que se lhe havia dado ordens de servir-me de guia, porque, disseram-lhe, eu estava encarregado de uma missão, pelo Governo. Esse bravo que era branco, obedecia-me, alegremente, sem reclamar, não se queixando do trabalho, acreditando-o fazelo a sua alteza; assim era chamado o rei, quando ainda principe regente, e um grande numero de brasileiros, de classe mediana, dava-lhe ainda, por habito, esse titulo. A Montanha do Mestre Alvo é muito arredondada no cume; tem bastante largura, do oriente ao occidente, e perto desses dois pontos o seu declive é muito obliquo. A excepção de alguns rochedos que se veem, aqui e acolá, esta montanha é inteiramente coberta de mattas virgens, no meio das quaes fizeram-se plantações de mandioca, algodão e milho. Subimos seguindo a trilha de caçadores que tem o costume de percorrer esses lugares e chegamos ao pé de uma cascata, onde a agua se precipitava no tempo das

chuvas, mas, que, então, só apresentava uma sequencia de rochedos húmidos, quasi a prumo e cobertos de musgo. Meu guia garantiu-me, elogiando minha agilidade, que a maior parte dos caçadores da montanha não ia além da cascata; os elogios desse homem me estimularam e trepei pelos rochedos, com facilidade extrema. Embora houvesse andado muito, sentia-me revigorado; em vez do calor excessivo, que na vespera me havia fatigado tanto, senti, desde o começo do dia, uma agradável temperatura; arvoredos entrelaçados impediam a infiltração mais ampla dos raios solares e por todos os cantos eu encontrava, na sombra, riachos de aguas crystalinas. Em cima da cascata comeccei a ver bambús da grande especie chamada taquarussú (101). Essas granineas immensas necessitam de humidade e de muita elevação; crescem nas montanhas do Corcovado e da Tijuca, perto do Rio de Janeiro, a uma altura analoga á do lugar em que me encontrava então. Não achei, dellas, nenhum exemplar, na costa tão baixa em que viajára, quando da minha partida da Capital. Ora as mattas virgens do Brasil são tão obstruidas de espinhos e de cipós que não se poderia penetrar nellas, sem abrir caminho a machado; ora tambem apresentando difficuldades,

(101) E' principalmente, diz o senhor Martius, a uma altura de 1.800 a 2.000 pés, acima do nivel do mar, que crescem os bambús ("Agrost", 524).

não são absolutamente impenetráveis; as de Mestre Alvo são desta ordem.

Porem, quasi em toda parte, os arvoredos escondiam a campina; foi apenas num lugar que ella se offereceu aos meus olhos. Lá do lado do oriente, descortinei o mar; no occidente avistei, na distancia, as montanhas soberbas da cordilheira marítima, ás quaes se unem outras mais proximas; finalmente, vislumbrei as colinas sobre as quaes estão as casas da freguezia e que, terminando todas por um largo planalto, parecem, da altura em que me achava, formar uma vasta planicie. De um lado e d'outro, columnas de fumaça subiam vagarosamente para o ceu e mostravam o lugar onde os mattos iam ser substituidos por uteis plantações.

Passei toda a jornada na montanha de Mestre Alvo e voltei a casa quasi sem haver colhido nenhuma planta. A vegetação é, sem duvida, muito variada, nas mattas virgens (102); é admiravel, pelo vigor e pelos contrastes que apresenta a cada passo; entretanto, acha-se muito pouca flôr, sob esses grandes arvoredos que privam de ar e de luz as hervas e os arbustos que crescem ao seu

(102) Segundo Freycinet pode-se calcular em 60 ou 80 o numero das especies de grandes vegetaes que, independentemente de hervas e cipós, se acham nos solos do Rio de Janeiro ("Viagem" Ur. Hist. I, 114).

pé (103); as proprias arvores parecem, como n'outra parte disse, florescer bem raramente e são bastante arrojadas para deixar perceber suas flores, em geral menores que as dos vegetaes menos vigorosos. Passarão, provavelmente, muitos annos, antes que se conheça, com algumas excepções, uma outra flóra, brasileira, que a das hervas e a dos arbustos. Só botanicos sedentarios poderiam dar a conhecer as arvores das mattas virgens e, não sei se depois da morte do meu amigo padre Leandro do Sacramento, se haja formado botânico no Brasil (104).

(103) As familias de plantas de que se acha maior especie em flores, sob as grandes arvores das mattas virgens do Brasil intermediario, são as Acantheas e as Rubecias.

(104) O padre Leandro do Sacramento, professor de botanica, director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cultivava com successo a sciencia que era encarregado de ensinar e possuia, ainda mais, conhecimentos de chimica e zoologia. Deve-se-lhe a analyse das aguas mineraes de Araxá (in *Esew Nwue Welt*, I, 74) observações botanicas impressas em compendio nas memorias da Academia de Munich e uma memoria sobre as Archimédias ou Balanophorias que, esperam, será em breve publicada. É um homem de costumes doces, de uma sociabilidade facil, cheio de candura e amabilidade. Acolhia os estrangeiros com benevolencia, e, deve-se confessar, nem sempre se foi grato a elle. Para justificar as reprovções que fazem sempre aos habitantes da Europa, os brasileiros poderiam mencionar a maneira pela qual foi tratado o padre Leandro. Elle orientou, com suas collecções, os nossos navegadores; mandou plantas secas ao Museu de Paris, despachou para o governo Francês seis caixas de

Vi, na montanha de Mestre Alvo, uma grande quantidade desses alçapões chamados *mundéos* (105), que é costume fazer para pegar os quadrupedes. Nos lugares em que a caça passa habitualmente, os caçadores apenas deixam um atalho, ladeado de estacas altas, de cerca de 5 a 7 pés, approximados. Entre as duas estacadas são postos parallelamente, e a 4 pés da terra, taboões pesados, sustentados por 2 varas transversaes.

Aquelles descancam sobre duas varinhas postas horizontalmente, uma fóra de uma das filas de estacas e outra fóra da segunda; uma das varinhas é fixada numa das filas ou estacadas; a

plantas vivas, para a colonia de Cayenna e foi em vão que durante muito tempo o consul da França, no Rio de Janeiro, e eu, solicitamos uma simples carta de agradecimento, a duas de nossas administrações. Os sabios que amassem as sciencias, por ellas mesmas deveriam estimular, por todos os meios possiveis, aos Americanos de quem ha muito que esperar; os sabios, entretanto, foram pouco justos para com o padre Leandro. Como se tivessem desejado fazer desaparecer até mesmo a lembrança deste homem recommendavel, destruiu-se-lhe o genero que formara uma das suas memorias; para justificar essa suppressão, disseram, é verdade, que o genero já existia em manuscrito; mas, não deveriamos nunca perder de vista esta regra tão sabia, estabelecida pelo de Candolle na sua admiravel Theoria elementar, saber que pela anterioridade não se deve ter em conta trabalhos ineditos.

(105) A palavra *mundéo* foi originariamente emprestada dos indios: — *mundé*: segundo o Pe. Antonio Ruiz de Montoya (Thes. long. guard., 232) significa, em Guarany, alçapão para prender os animaes.

outra varinha, cortada pela metade, é apenas pregada no ponto de separação, por um cipó e se reúne a um pequeno laço erigido, entre as estacadas. As caças bravas, passando nos atalhos, puxam o laço que força o cipó; as duas partes retidas da varinha se separam bruscamente: toda a armação desaba e os taboões caem em cima do animal (106). Voltei da Freguezia da Serra pelo caminho que me havia conduzido e fiz alto, á curta distancia do mar, no lugar chamado Caraipe (107). E' uma especie de aldeia que se compõe de algumas casas muito distantes umas das outras e que deve seu nome á pequena ribeira perto da qual fôra construida. A casa onde dormi, fica no alto; pertencia a mulatos pobres e excellentes que pareciam receber-me com prazer.

O caminho que seguí entre Caraipe e a Villa d'Almeida é perfeitamente igual. Ainda que se prolongando parallelamente ao mar elle não costeia senão espaços muito pouco consideraveis e

(106) Seria difficil que se dispuzessem os mundéos exactamente da mesma maneira, em todos os pontos do Brasil. Os alcapões para quadrupedes, que o Sr. Principe de Neuwied viu armar no morro Arara ("Viagem trad. Eyr.", II, 5) na provincia de Porto Seguro, eram differentes dos que vi no Mestre Alvo.

(107) E', provavelmente, este lugar que o sabio principe me indicou sob o nome de Carape-buçú. Caraipe provem talvez das palavras indigenas *carai* — magico, homens brancos, e *pe* — caminho: *caminho dos magicos ou dos homens brancos*.

atravessa, ora terrenos quasi semelhantes ás restingas de Saquarema e do Cabo Frio, ora mattas virgens e capoeiras. Passei algumas ribeiras sem importancia e enfim alcancei a Villa d'Almeida, quasi totalmente construída pelos indios civilisados. Essa villa, fundada pelos jesuitas, antes do anno de 1587, tinha outr'ora o nome de Aldeia dos Reis Magos. Seu novo titulo lhe fôra dado em 1760 e, na mesma epoca, fizeram de Almeida a cabeça de Comarca de uma parochia (108).

Embora este ultimo nome tenha sido consagrado por actos legaes, os de Villa dos Reis Magos e sobretudo de Villa Nova parece terem prevalecido no uso commum.

Os indios de Villa Nova tem hoje, como os de São Pedro, o capitão-mór de sua raça e a administração de todo o districto está em mãos de dois juizes ordinarios, um indio e outro portuguez, que se revesam no serviço mensalmente.

A excepção do provedor (109), todos os membros da comarca ou senado municipal do termo, são, da mesma fórma, indios. Almeida ou Villa Nova é situada na embocadura de um rio numa colina que apresenta no seu cume uma larga plataforma que domina uma vasta extensão do mar. A maior parte das casas são dispostas no alto da

(108) Piz. — "Memorias Hist.", V, 109.

(109) Deveria traduzir esta palavra por *Procurador da Municipalidade*.

colina, ao redor de uma praça regular, cuja forma é a de um longo quadrado e que tem cerca de 140 pés por 260.

O antigo convento dos jesuitas e sua igreja, ficam ao norte da praça e occupam um dos seus pequenos lados. Entre as casas que se vcem de distancia a distancia ha altares destinados ás paradas da semana santa collocados cada um num pequeno nicho, uma especie de caixinha alongada. Atraz das casas situadas sobre a praça, ha outras que, construidas a pouca distancia formam, com as primeiras, una rua de pouca largura. Do lado do occidente se acham ainda umas ruas assáz curtas. Exceptuando-se um pequeno numero de casas occupadas por portugueses, todas as outras não são senão choupanas, sem massa, cobertas com palha de palmeiras.

O rio que corre ao pé de Villa Nova, do lado norte, traz o nome de Rio dos Reis Magos (110); é pequeno e não dá entrada senão a pirogas. Parece que, por essa razão, os jesuitas tinham preferido a posição da Villa Nova á da Aldeia Velha, lugar situado ao norte da embocadura de um rio navegavel. Entrava no seu systema de afastar os portugueses dos indios e tinham o ma-

(110) O Snr. Principe de Neuwied diz que essa ribeira chamava-se tambem Sananha e que os marginaes a chamavam, antigamente, Apyaputang ("Voyage", Trad. Eyr., I, 305).

ximo cuidado de acertar, quando escolhiam, como em Benevente, as margens de um rio, para ali formarem aldeias. Eu havia passado duas vezes em Villa Nova e perguntara muito sobre os jesuitas, aos indios da região, entre outros a um homem cheio de humor e de experiencia que havia conhecido esses padres; deram-me, varias vezes, informações contradictorias; eu me limitarei a consignar aqui o que pude observar como certo. Não tinham chegado, á Aldeia dos Reis Magos, senão dois religiosos professos que se tinha a prudencia de mudar em cada tres annos; mas, era nesse lugar que os noviços vinham aprender a lingua dos indigenas. Durante os duzentos annos, quasi, em que os jesuitas estiveram á testa desta provincia, elles recusaram-se precisamente pôr em uso, segundo as circumstancias, algumas mudanças em seu modo de administrar. Entretanto, quasi quarenta annos antes da extincção de sua Ordem, elles tinham os indios ainda na obediencia a mais estreita. De tres em tres meses faziam vir da campanha á aldeia quarenta familias para lhes ensinar a religião christã, para dar aos homens alguma noção de diversos trabalhos e para que as mulheres aprendessem a tecer o algodão e a fazer o panno. Quando o trimestre se tinha escoado, as quarenta familias eram substituidas por outras. Parece que, por volta de 1720, algumas ideas de independencia eram já introduzidas entre os

indios de Reis Magos. Cansados das regras severas, ás quaes se tinham sujeitado, foram levar suas queixas ao governador da Bahia e este obrigou aos jesuitas dar-lhes mais liberdade. Pelo que diz respeito o natural, esses religiosos não governaram directamente os indigenas, mas, nomearam o capitão-mór e os outros officiaes encarregados de zelar pela manutenção da boa ordem e punir os homens que cometessem qualquer falta. Nenhum portuguez entrava na aldeia sem a permissão dos jesuitas (111) e era prohibido aos indios de falar em outra lingua senão a própria; entretanto elles podiam ir á Villa da Victoria, vender suas mercadorias e ali procurar os objectos de que tinham necessidade. Os jesuitas escolhiam as creanças que evidenciavam disposição, enviavam-n'as ao convento do Rio de Janeiro, para fazelas aprender differentes officios; achavam-se pessoas de todos os Estados na Aldeia dos Reis Magos. Parece que essa aldeia, mesmo a propria igreja e o convento, foram construidos pelos indios. A musica era, como disse, um dos meios de que se serviam os padres da Companhia de Jesus para captivar os indios. Elles enviaram tambem ao Rio de Janeiro as creanças que tinham tendencia para essa arte; faziam-n'as voltar logo

(111) Vimos, anteriormente, que a entrada nas aldeas era interditada aos portuguezes, pelas leis do proprio D. Pedro II.

que estavam sufficientemente ensinadas e affirmase que se ouvia na igreja da aldeia sempre a musicos muito habeis (112).

Não é verdade que as colheitas aqui fossem postas em conunum e em seguida repartidas pelos jesuitas, como succedem no Paraguay; não é verdade tão pouco, que os indios fossem obrigados, como em São Pedro (113), a trabalhar para o convento um certo numero de dias em cada semana (114). O chefe de familia faz a propria cultura e goza livremente dos frutos de suas canseiras.

(112) Um viajante que escreveu sobre os indios da America do Sul, disse que "si aos ensinamentos dos preceitos salutaes do evangelho, os Ios. missionarios houvessem ajuntado a musica, elles conseguiriam abrandar a ferocidade dos seus neofitos". Ve-se que os jesuitas do Brasil tinham esquecido este meio. Os do Paraguay não o esqueceram absolutamente; como disse na minha terceira relação, o conhecimento da musica se perpetua entre os indios das velhas reduções das margens do Uruguay e elles conservaram o uso da harpa (lyra de 5 cordas). A religião christã, disse com razão o Snr. Chateaubriand, realizou nas florestas da America Meridional o que a fabula conta dos Amphiãos e Orpbãos".

(113) Veja-se cap I, do livro.

(114) Southey tem já mostrado que os jesuitas adoptaram o mesmo methodo de colonização, por toda America ("Hist. do Brasil", III, 370). Elles modificaram seu systema, seguindo o caracter das diversas tribus, as circumstancias e as localidades; foram forçados a muitas concessões pelo ciume de autoridades hespanhólas e portuguezas; nem sempre puderam lutar com vantagem contra a cupidez que pedia, sem cessar, a escravisação dos indigenas.

Os jesuitas faziam plantações e quando chegava o momento de trabalhar, toda a Aldeia era convidada a fazel-as e a obra era em pouco tempo concluida.

Logo que faltava um ornamento na egreja, os padres incitavam os indios a cortar madeira; faziam levar as taboas numa prancha que pertencia a sua Ordem e, ao fim de algum tempo, o ornamento desejado chegava á Villa. Em geral, os discipulos de Loyola convenciam os indios com doçura; ensinavam ás creanças; não recebiam nenhuma retribuição pelo baptismo, casamentos e enterros; e todo o mundo é accorde em dizer que elles visitavam os doentes, lhes ministravam os remedios e lhes prodigalisavam os maiores cuidados. Portugueses e indigeuas preteuderam que os jesuitas conduziam a açoites os habitantes da Aldeia dos Reis Magos, como se tratam, ainda hoje, negros escravos. Parece certo que, antes da Extinção da Companhia de Jesus, se pôz á frente da redução um religioso que abuzou muito de seu poder; mas, ao fim de seu governo, tudo voltou á ordem costumeira. Os indios da costa perderam depois de longos annos, os habitos da vida selvagem e quando mesmo tivessem a coragem de voltar ás florestas, ali seriam perseguidos como caça brava.

Como tive occasião de dize-lo (115), o caracter desses homens desvalidos da natureza exigiria que

(115) Ver minha 1.^a relação, I, 33.

fossem tratados com doçura, amor e firmeza, por tutores benevolos e sem interesse, que tivessem sobre elles um grande predominio de reflexão e de intelligencia. Esses tutores, diga-se a bem da verdade (116), elles tiveram nos jesuitas. Entretanto, não se resentiam do governo da Companhia de Jesus porque estavam persuadidos de que ella pretendia destronar o soberano do Brasil e collocar-se em seu lugar, o que aos seus olhos era o maior de todos os crimes.

A accusação que se commenta, ja tem sido, satisfatoriamente, refutada, por um historiador consciencioso, o snr. Robert Southey, que não seria suspeito, porque unido á fé protestante elle se tem opposto fortemente ao catholicismo.

Mas, a falta que os indios têm sentido pelos jesuitas demonstra, sufficientemente, toda a falsidade dessa unica accusação; quem de facto havia inspirado aos indigenas esse respeito idolatra que tinham ao rei, senão os jesuitas? Depois

(116) Eu já disse que fôra conduzido pela força da verdade a admittir esta opinião e fiz ver que ella está provada pelas autoridades menos suspeitas. Como a que citei, passo pintar uma ainda mais grave, a do Snr. Reullin que achei nas reduções fundadas, entre as colonias hespanholas, pelos jesuitas, os traços do bem que elles aqui fizeram. Este sabio recommendavel mostrou que partilhava inteiramente das minhas ideias sobre os serviços que a Companhia de Jesus prodigalisava aos indios. (Veja "O Tempo", de 28 de Novembro de 1832).

da destruição dessa ordem, o Governo portuguez deixou á communiidade dos indios de Villa Nova um territorio que foi declarado inalienavel e que se estende alem do sitio chamado Cababa (117), do lado do sul até Comboio, do lado do norte.

Deram-se sesmarias sobre as terras dos indios aos portuguezes que desejavam estabelecer-se; mas, esses aqui, são obrigados a pagar dois tostões, annualmente, por cem braças, ao senado Municipal da Villa e não podem vender mais que suas colheitas e as construcções que elles levantam sobre o terreno dos quaes são foreiros. Os privilegios dos indios da Villa Nova são, por conseguinte, semelhantes áquelles que originariamente haviam sido concedidos aos habitantes de São Pedro e de Benevente; mas, aqui se teve pouca oportunidade de violar os direitos dos indigenas, porque a região não apresenta, por assim dizer, nenhum attractivo á cubiça: é menos fertil, isolada, visinha dos botocudos; nella as formigas exercem estragos continuos; emfim, o Rio dos Reis Magos pouco offerece em transportes de pequenos recursos.

Mao grado as vantagens de que gozam ainda os indios de Villa Nova, sua villa se acta nas condições as mais desoladoras de decadencia. O convento cahê em ruinas; quasi todas as casas teriam

(117) Eu não garantirei a perfeita exactidão deste nome. Pode ser talvez Capaba.

necessidade de serem concertadas e muitas estão desertas. Conhecendo a inconstancia e preguiça dos índios, os jesuitas os haviam submettido a uma disciplina austera; para que fossem verdadeiramente felizes, queriam que elles trabalhassem e não deixavam o lazer sem punição.

Depois que a Compauhia de Jesus foi destruida, os habitantes da aldeia, livres de uma util vigilancia, foram abandonados á propria indole; elles não trabalharam mais com a mesma regularidade e muitos dentre elles cahiram na indigencia, onde foram procurar, aliás, os meios de subsistir. A emigração dos índios, sua extrema miseria e a distancia em que elles se encontravam da Villa Nova, foram ainda outras causas. A mão de ferro dos governadores da provincia do Espirito Santo aggravou seus infortunios. Todos os meses tirava-se dentre elles (1818) um certo numero de índios casados ou não, para faze-los trabalhar no caminho de Minas, no hospital de Villa da Victoria, na nova villa de Vianna ou Santo Agostinho, etc; alimentavam-se mal; durante muito tempo não se lhes deu nenhum salario e na epoca de minha viagem, era somente depois de dois meses que se começava a juntar á sua alimentação uma retribuição de dois vintens ou cinco soldos por dia (118).

(118) Vê-se que os índios de Benevente eram tratados mais ou menos da mesma maneira.

Enviavam-se amarrados, á Villa da Victoria, aquelles que queriam subtrahir-se a essa tyrania e muitos succumbiram ao meio de rudes trabalhos aos quaes os haviam condemnado.

Transportando suas casas, da Villa, os indios de Villa Nova fizeram logo uma outra, nas terras que cultivaram: foi lá onde se retiraram as mulheres e as creanças privadas de seus maridos e de seus paes e a velha aldeia foi abandonada. Houve mesmo familias que se foram refugiar nas solidões profundas e outras que se distanciaram da provincia. No tempo dos jesuitas contavam-se 3.700 indios em Villa Nova e seus arredores, enquanto que hoje o territorio desta villa englobado tem 1.200 habitantes nuna circumferencia de 9 leguas (119). Os indigenas que permaneceram na região, pescam e cultivam a terra; mas, em geral não plantam mais que o estritamente necessario para a sua familia. Entre os indios de Villa Nova, que recolhem viveres alem do necessario ao seu gasto, uns vendem o excedente aos portuguezes, estabelecidos entre elles ou a commerciantes de

(119) Com seus manuscriptos determinaram uma redução consideravel; sem designar nenhum algarismo, eu accetti os que a respeito dá o Snr. Principe de Neuwied. Na verdade Pizarro assegura que a população da parochia de Villa-Nova de Almeida se eleva de 4 a 5 mil e 200 habitantes, mas elle não determinou o limite e é muita verdade que esse não comprehende a população da nova parochia de Sta. Cruz de Linhares, ou ao menos o de todo o territorio que se estende até ao Rio Doce.

fóra; outros embarcam nas suas pirogas com feijão, algodão ou farinha e vão vendê-los na Villa da Victoria, seguindo sempre a costa que elles conhecem perfeitamente. Os indios do littoral são geralmente eximios no mar. A imprevidencia que os distingue fecha seus olhos para os perigos; os longos intervallos de repouso que permite a navegação, convêm á sua indolencia e a força de que são dotados lhes facilita os trabalhos no mar. Dos tempos mais antigos, a visinhança do oceano os havia tornado pescadores e esse é ainda lá um dos misteres que convem melhor ao seu character. Sempre no presente, não tinham a paciencia de esperar, querendo colher á tarde os fructos do trabalho do dia; elles devem, naturalmente, preferir a pesca aos cuidados da agricultura. Pela mesma razão, não ha nenhuma occupação que elles apreciem tanto quanto a de serrar as arvores. Elles veem logo os resultados desse trabalho, puramente mechanic e enquanto movem os braços de uma maneira uniforme, seu espirito se sólta, nessa divagação propria de sua raça, que faz o encanto de sua existencia (120).

(120) "Os indios do Brasil, disse José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, são excellentes falquejadores e serradores de madeira. Elles são muito habéis, principalmente para tudo que é de imitação ou de manufatura; e, ainda mesmo, para tudo que pede força e agilidade. Para a agricultura, porem, ou para o trabalho continuo de lavar a terra, parecem ter os indios uma repugancia invencivel. Elles não tem a paciencia de

Não se pôde crer, portanto, que os índios de Villa Nova, São Pedro dos Índios, Benevente, etc. sejam sem aptidões e sem intelligencia; elles concebem com mais facilidade que os luso-brasileiros desta mesma parte da America, que aquelles, pelo menos de regiões que se estendem do Rio de Janeiro, até a Parahyba; demonstram menos tristezas e têm mais vivacidade nas suas respostas. Entretanto, essas qualidades não lhes servem para o futuro; elles pertencem inteiramente ao presente; o que elles ganham gastam no mesmo instante, bebem, amam e logo que nada mais tem, soffrem a fome

esperar, querem logo colher o fructo do trabalho do dia e por isso a pesca e a marinhagem será para elles uma manufatura immensa. ("Ens. Econ.", 38)" Tudo neste trecho é perfeitamente veridico. Os indigenas ahí estão descriptos taes como são, com seu amor pela pesca e pelo officio de serradores e sua repugnancia pela agricultura e esta impaciencia de creança, que não lhes permite esperar os lucros de um demorado trabalho. Imaginar-se-á, sem duvida, que depois de haver traçado este quadro, o autor reconheça, como eu, que os índios eram incapazes de alcançar o alto gráu de civilisação de que é susceptivel a raça caucasica. Absolutamente. Elle pretende fazer d'elles homens semelhantes a nós e é pela pesca que elle espera isto conseguir. Vendendo nossas redes, diz elle, os indigenas quererão obte-las. Para fazer a divisação de uma pescaria abundante elles tornar-se-ão mathematicos; seu commercio de pesca, tomando extensão, os obrigará a aprender a leitura e a escripta; dentre estes homens civilisados pela pesca, surgirão marinheiros e pilotos habeis; depois, operarios para a marinha e negociantes, em uma palavra cidadãos uteis... Os pobres índios viram nossas redes; ellas lhes foram inuteis; e elles continuaram indigenas.

sem proferir um lamento. Mostram-se tão cheios de paciência, tão tranquillos quanto desleixados e pôde ser mesmo que as duas primeiras dessas qualidades não sejam senão o resultado da ultima.

Falando dos rudes trabalhos a que os condemnara o governador da provincia, os indios de Villa Nova não deixavam escapar nenhum murmurio; *o serviço do rei o exige* — essas palavras elles as pronunciavam da mesma maneira que um fatalista teria podido dizer: *tal é a sentença do destino*. A falta de bôa-fé é um dos defeitos que se lhes reprova com muita justiça; mas, esse defeito é certamente entre elles bem menos indesculpavel que entre os homens de nossa raça. Como não permanecem elles estranhos á honestidade, humilhados como o são, sem cessar, pelos descendentes europeus? Pôde ser mesmo que, no momento que dão sua palavra, tenham a intenção de mante-la; mas, são muito inconstantes, tem uma noção do futuro muito confusa para poderem ser fieis aos compromissos que tomam; são creanças que não sabem os obstaculos que devem encontrar. O indio velho de Villa Nova, do qual já tenho falado e com o qual eu me distrahi muito tempo, não queria admitir para sua tribu o nome de Tupy e considerava essa palavra como uma alcunha injuriosa, imaginada pelos Tapinjas ou Tapuyos.

Segundo esse velho, sua tribu havia trazido o nome de Moçu; era mesmo, acrescentava, aquelle que se dava ainda entre elles, os indios de Reis Magos (121) no tempo dos jesuitas.

Os habitantes de Villa Nova, de Aldeia Velha e Periquiassú, villas que eu farei conhecer mais tarde, falam absolutamente a mesma lingua, aquella que os jesuitas chamavam lingua geral e da qual haviam feito o dictionario e a grammatica. Nelles eu encontrei palavras que meu velho indio já me havia dito em São Pedro dos Indios; na mór parte ellas eram as mesmas de que se serviram em Villa Nova, entretanto, algumas, e principalmente os verbos, offerecem differenças, sem duvida, introduzidas pelo tempo e pela falta de communicaçõs. O quadro seguinte mostrará, não somente essas differenças, mas tambem algumas das que existem entre os dialectos actuaes de São Pedro, como de Villa Nova d'Almeida e a lingua geral do modo que os jesuitas a escreveram no seu dictionario, obra composta provavelmente, no XVI seculo:

(121) Eu quasi que acredito que *moçu* era menos um nome ou denominação que uma forma ou termo de polidez, como senhor e senhora; pois en encontro no Dictionario Português e Brasileiro a palavra *cunhamoçu* designando uma jovem e *corunimoçu* para indicar um jovem. Seria mesmo possível que a palavra *moçu* fosse uma corruptela do português moço (jovem).

Português	Dic. dos jesuitas	Dialecto de S. Pedro	Dialecto do Almeida
cabeça	açanga	nhacanga	
cabellos	aba	java	ava
olho	ceça	ceca	
nariz	lim	itchi	
bocca	juru	jura	
orelha	namby	namby	
pESCOÇO	ajuru	jajura	
braço	iyba	java	
mãos	po	ipo	
dedos	po	ipoha	
unhas	po open	ipohape	
pé	py	iporangava	
perna	cetyma	cetuma	
Deus	tupana	tupan	
anjo	ara	ara	ara
lua	jaey	jaey	
estrella	jaeytata	jaeytata	
ceu	ybake	yuvaca	
chuva	amana	amana	
relampago	beraba	overapa	
agua	y'g	y'g	y'g
fogo	tata	tata	
vento	ybytû	yuytû	evutû
mar	paraná	paraná	
carne	coô	çôô	çôô
peixe	pyrâ	pyrâ	
passaro	quirâ	vuirâ	
labaco	tumbyra	lunga	
pecari	tayaçu	tayaçu	
cavallo	côburû	cavarû	
arma	moçaba	maçava	
pedra	ita	ita	
areia	yhicui	iocui	
arvore	ymyrâ	vuyrâ	
noite	pituna	pu'tuna	
pae	paya tuba	echeruva	
mãe	maya	chenianha	
homem	apyaba	apnava	
mulher	cunhã	cunhã	

creança	mytanga	pytanga	
casa	oca	joca	
grande	turuçú	tubichava	
pequeno	meri	merim	
extenso, longo	pecú	ipoculete	ipoculete
largo	tepopyr	ipoaçule	ipoaculete
cardapio		ipoite	ipoitefe
varão	apyaba	apuava	
moça	cunhá	cunhá	
negro	pixuna, una	sun	suná
branco	morotinga	morotchim	imorotinga
vermelho	pyranga	pyran	
dormir	ker	teotchake	takerne
morrer	mano	omanon	
cahir	oar	iriate	aare
eu te amo		cheruputa	oropobane
eu bebo		chacauma	ocauma
um	oyepe (o P. Figueira)	oyepenho	ayepe
dois	mocai	mocoi	
tres	moçapyr	moçapu	
egreja	tupanoca	tuparoca	
senhor	jara		andiará
comer		itambain	bein (122)

(122) As diferenças que este quadro indica não são talvez tão grandes quanto pareçam. Com effeito, 1.º ha sons mixtos que podem ser oblidos por duas letras, assim como *h e v*; 2.º é quasi certo que existem erros no dictionario dos jesuitas, publicado muito tempo depois de ter sido composto, e em um paiz em que ninguém sabia a lingua dos indios (Lisboa, 1795); 3.º, esse dictionario muito abreviado contem muito poucos sinonimos, e palavras que não se encontram nelle não eram tambem consideradas correctas, no tempo dos jesuitas; por exemplo: por grande, usaram *turuçú* no dictionario e por chique *tumbyra*: mas, *tubichaba* e *tunga*, em uso hoje em S. Pedro dos Indios, se encontram na grammatica indigena do Pe. Luiz Figueira (Arte da Grammatica da lingua do Brasil) da qual existem 4 edições; 4.º, é possível que um estudo muito aprofundado da lingua geral e dos seus diale-

A' minha chegada á Villa Nova fui ver o capitão-mór indio, para lhe pedir que me indicasse uma casa onde eu pudesse passar a noite. Eu fiz a indelicadeza de não lhe mostrar minha portaria e percebi depois que elle se havia melindrado com esse esquecimento. Recbeu-me mal; deu-me, entretanto, a chave de uma pequena casa destinada aos soldados que veem do Rio Doce ou que para ali vão. Depois do jantar elle teve com o meu tropeiro uma discussão assáz viva; mas o padre que eu havia visto e que era um homem excelente, apaziguou os animos. No dia seguinte, eu reparei minha falta, voltando á casa do capitão-mór; tive então cuidado de lhe mostrar meu pasaporte e elle me fez muitas gentilezas. Esse ho-

ctos actuaes, estudo hoje quasi impossivel, faria desaparecer ou explicaria quaesquer outras differenças. Assim, quando eu perguntei aos indios de S. Pedro, como se dizia pae e mãe, elles me responderam *echeruva* e *chemanha* que parecem differir muito de *tubá* e *maya*; mas, no início daquellas palavras, se acha, evidentemente, o pronome possessivo *che*; para saudar, nas missões do Uruguay e do Paraguay, a um indio de certa idade dá-se-lhe o nome de *cheru* — meu pae — e o padre Luiz Figueira disse expressamente que se traduz pae por *tubá* e meu pae ou eu tenho um pae, por *cherub* porque na formação das palavras compostas o *t* se troca por *r*. Si eu ajuntasse ao quadro que publico o dialecto guarany, ver-se-ia quão pouco elle differe do da costa, posto que falado a uma distancia enorme das provincias do Rio de Janeiro e do Espirito Santo. Como nos vocabularios que já publiquei, eu me conformei com a orthographia portuguesa, que heu melhor que a outra se accomoda com a pronuncia; é mesmo a que os jesuitas seguiram.

mem não tinha a côr bistrada, como a maioria dos outros indios; elle a tinha somente um pouco amarella, sem duvida porque sahia pouco de sua casa; isso tende a confirmar a opinião que os senhores d'Eschwege, d'Olfers e eu, enúttimos sobre a côr dos indios do Brasil (123).

O titulo de capitão-mór indica, ordinariamente, um homem rico e importante; o de Villa Nova não era uma cousa, nem outra. Sua casa se distinguia das dos seus administrados, unicamente porque ella era caiada por dentro e por fóra. Uma cadeira, duas mesas e outro tanto de arcas, formavam todo o mobiliario da sala principal, aquella onde eu fóra recebido. Encontrei na casa do capitão-mór um velho portuguez que o tratava com uma especie de superioridade respeitosa, como o preceptor de um principe tem o costume de tratar seu discipulo; esses dois personagens conjugaram seus conhecimentos para ler minha portaria, que era perfeitamente clara e eu fui obrigado, frequentemente, a ajuda-los.

(123) Ver minha primeira relação, vol. I, pags. 424 e 363.

CAPITULO VI

A REGIÃO SITUADA ENTRE A VILLA D'ALMEIDA E O RIO DOCE

CAMINHO QUE VAE DE ALMEIDA AO LUGAREJO DE ALDEIA VELHA. DESCRIÇÃO DESSA ALDEIA. O RIO DA ALDEIA VELHA. COMMERCIO; TATAGIBA OU PAU AMARELLO; CAL. POSTO MILITAR. CAPITAO DA BARRA. SENHOR MANOEL FRANCISCO DA SILVA GUIMARÃES. PRAIA QUE SE ESTENDE D'OUTRO LADO DE ALDEIA VELHA. CONTRARIEDADE QUE SENTE O AUTOR, DE PARTE DOS SEUS SERVIDORES. POSTO MILITAR CONHECIDO SOB O NOME DE QUARTEL DE RIACHO. RIO CHAMADO RIACHO. QUITARES. A PRAIA QUE SE ESTENDE ALEM DE RIACHO ATE' O RIO DOCE. O AUTOR CHEGA A' EMBOCADURA DESSE RIO. QUARTEL DE REGENCIA. A QUE SE DESTINA ESSE POSTO.

Deixando Villa Nova, atravesssei o Rio dos Reis Magos numa piroga que o capitão-mór havia requizitado e que pertencia aos indios.

Como esta região não mantem, por terra, se não poucas communicacões com o norte do Brasil, a passagem do Rio não tem sido taxada pelo fisco.

O caminho de Villa Nova á Aldeia Velha atravessa quasi sempre bosques que margeam o mar. E é assim toda a região que percorri; mas, um pouco para o oeste, percebem-se elevações do terreno.

Embora estivesse a estação adiantada (16 de Outubro) (124) havia ainda uma secca estrema e eu não achei, durante toda a viagem, nenhuma planta florescendo; áquelle anno, os colonos queixaram-se com amargura da falta da chuva que atrasou todas as suas plantações.

Passei successivamente diante de um grande numero de choupanas habitadas por indios e, depois de haver feito tres leguas, eu me detive na Aldeia Velha. Esse lugarejo se compõe de cabanas construidas em sua maioria na fóz do Rio da

(124) E' preciso não esquecer que nestas regiões a estação das chuvas começa mais ou menos em Outubro.

Aldeia Velha e sobre sua margem meridional. Faz parte da parochia de Villa Nova ou Almeida e é povoada por indigenas civilizados que vivem da pesca e do producto de algumas terras cultivadas. O Rio da Aldeia Velha é formado pela junção de dois riachos, um menos consideravel que vem de sudoeste e traz o nome de Piriquimerim, o outro que vem do norte-ocste e que se chama Piriquiassú (125).

Na sua embocadura, o Rio da Aldeia Velha póde ter a mesma largura do Sena na Ponte Nova e como sua profundidade não tem nesse lugar menos de 8 a 14 palmos, conforme as marés, dá passagem a embarcações muito consideraveis.

De tempos a tempos, chegam barcos de São Matheus, da Villa da Victoria, de Campos, algumas vezes mesmo da Bahia e do Rio de Janeiro e carregam, porem em pequena quantidade, farinha de milho e mandioca.

De Aldeia Velha se exporta ainda para o Rio de Janeiro, pau amarello, de tatagiba (126), a

(125) *Piri* junco, *qui* aqui, em guarany; *peryike* na lingua geral; com o augmentativo *assú*, ou o diminutivo *merim*. O sabio principe de Neuviéd escreve — *pyra kaassu*; mas como elle não passou alem da embocadura do rio da Aldeia-Velha, não é de admirar que este nome não lhe tenha sido perfeitamente indicado.

Em todo o caso me parece que *pyrakaassu* não quer dizer grande peixe e sim o bosque dos peixes: *pyra* — peixe, *caa* — bosque, e o augmentativo.

(126) Por corrupção tataiba ou tataú (ind.).

Braussanetia tinctoria dos naturalistas; antes da chegada de D. João VI ao Brasil, a exportação dessa madeira de tinturaria era aqui inteiramente negligenciada, mas, na época da minha viagem tinha-se vindo arrancar as raízes depois de haver cortado todas as arvores.

Do Rio da Aldeia Velha sac também uma artigo de commercio importante, a cal feita com ostras que se tiram das caieiras visinhas da villa de Piriquiassú, situada sobre a margem do Rio do mesmo nome a tres leguas da povoação de Aldeia Velha. Essa cal vale aqui 4\$000 (25 francos) a media de 50 alqueires (10 hectolitros) e se revende por 8\$000 na Villa da Victoria e *por um dobro* (80 francos) e mesmo um *dobro e meio* (120 francos) em Campos. Quanto aos outros artigos, são comprados dos indios por 3 ou 4 negociantes portuguezes estabelecidos na região e por outros que veem de fóra com embarcações.

Quando de minha viagem, o feijão valia na Villa Nova e provavelmente em todo o districto, 5 patacas (10 francos) o alqueire (o alqueire do Rio de Janeiro é de 40 litros); o algodão, 3 patacas a arroba; a farinha, 2 tostões (1 franco e 25) a quarta (a quarta do Rio de Janeiro é de 10 litros); as taboas de 20 a 25 palmos de comprimento por 1 de largura, meia pataca (1 franco) quando eram de madeira ordinaria e uma e meia pataca quando de madeira propria para marcenaria.

Estabelleceu-se na Aldeia Velha um posto militar com 4 indios que se revejavam todas as 8 horas.

Ha, alem disso, na povoação, um capitão de milicia, portuguez, que, sem ser agregado a nenhuma companhia em particular, é encarregado de velar e manter a ordem e de despachar aos patrões dos barcos os papeis exigidos delles.

Este capitão que se chama Capitão da barra não recebe ordens de ninguem a não ser do governador.

O capitão da barra Manoel Francisco da Silva Guimarães habitava, na embocadura do Rio da Aldeia Velha, uma casa coberta de telhas e me recebeu com muita hospitalidade. Esse homem tinha vindo do Porto ao Brasil sem nenhuma fortuna; á força de trabalho e actividade elle juntou algum dinheiro, commerciando; e tinha uma alma bastante superior para não fazer mysterio de sua origem.

Depois de haver deixado a Aldeia Velha, passei o rio sobre uma piroga que me forneceu o capitão Manoel Francisco e que era conduzida por indios; chegado á margem septentrional do Rio da Aldeia Velha, continuei minha rota, atravessando um bosque; depois, cheguei a uma praia fertil em

Tucus (127) e percorri-a até o Quartel de Riacho. A vegetação que margeia esta paragem, não differre da que eu havia observado em muitos lugares do littoral e apresenta geralmente uma camada rasteira muito igual de feijão da praia (*sophora littoralis* Neuw. Schrad) d'avoeiras (*Schinus The ribintipolius* Radd) e de Bromelias. Naquelle dia não encontrei nenhum viajante e não vi habitação nenhuma.

(127) A nota RR no fim do volume a que se prende a chamada, é a seguinte: Vou dar aqui, sempre seguindo o snr. Greville (I) a nota de *Fucus* recolhidos por mim nas praias proximas de Aldeia Velha e eu juntarei o nome das especies que eu encontrei em Itapacoroia, proximo de Sta. Catharina, Rio de Janeiro, Saquarema. Esta lista, reunida a das algas de Macahé e Manguinhos (II) completará inteiramente a indicação das plantas marinhas que eu trouxe do littoral brasileiro, por onde viajei, e onde, como já disse, estas plantas são pouco abundantes. Eu designarei por um asterisco as especies que não foram apanhadas nas proximidades de Aldeia Velha.

Fucoidéa — *Sargassum steno-phyllum*, Mart. Icon. Select. T. 5.

Dictyotéa — *Padina variegata* Gaill-zanaria variegata; Ag. Syst., pag. 264 — Lecta propé, Rio de Janeiro e Itapacoroia, provincia de Sta. Catharina.

* *Floridéa* — *Laurencia obtusa*. Lam. "Essai", pag. 42, clondria obtusa Ag. Syst., pag. 203. Lecta non submode propé Aldeia Velha, provincia do E. Santo, sed itiam propé Itapacoroia, prov. Sta. Catharina.

* *Gigartina aciculares*, varietas pulchra, bipinnata. Vix. species distincta, Lecta propé Itapacoroia, prov. Sta. Catharina.

* *Gelidium parvulum* (sp. nov.) fronde filiformi, compressa, cartilagineo cornea, ramosissima intricata, dichotoma, ramis apice digitatis, obtusis.

Os maiores desgostos que experimentei durante minhas viagens, devo-os attribuir ás pessoas que me serviram. Deus sabe tudo que me fez soffrer o estado do pobre Prejent, desde o momento em que elle começou a perder a saude, até o da sua morte. Durante muito tempo eu tive motivos para elogiar o almocreve Manoel da Costa; mas, entre o povoado de Aldeia Velha e o Quartel de Riacho elle me declarou que tendo uma peque-

Sphærococcus museiformis Lam. "Essai" pag. 43 — *Sphærococcus museiformis* Ag. Syst., 238 — Lecta non tantum modo, propé Aldeia Velha, sed. propé, Aldeia dos Reis Magos, prov. do Espirito Santo e Itapacoroia, prov. Sta. Catharina.

* *Ulvacææ* — *Enteromorpha clathrata*—Grev. Alg. Brit., pag. 181—*Solenia Clathrata* Ag. Syst. Al., pag. 186. Lecta in salso lacu vulga Saquarema.

* *Ulva Linza*—L. Grev. Alg. Brit., pag. 173—*Solenia Linza* Ag. Syst. Alg., pag. 185—Lecta propé Itapacoroia, prov. de Sta. Catharina.

N. T. — Saint Hilaire chama attenção para Gréville (obs. I) e diz na pag. 423 de *2ième e voyage à l'intérieur du Brésil*: "O Sr. de Greville, tão conhecido pelos seus bons trabalhos, teve a bondade extrema de catalogar todas as minhas algas brasileiras. Vou citar conforme elle o fez, a serie das especies que eu recolhi perto de Macabé e não modificarei, absolutamente, as notas que o celebre cryptogamista escossez me communicou.

Da mesma forma, chama a attenção, na palavra Manginhos (II), na chamada da nota RR., reportando-nos á pag. 435 da *2ième voyage au int. du Brésil*: *Schizocœa trilobalis*, sek. crypt., 137, t. 136 — Grev. Fil. I, t. 54.

S. stipitibus cespitosus, simplicibus, triquetris, imâ-basi subteretibus, summo apice attenuatis, scabriusculis, glaberrimis, fronde pennato-digitala; divisuris (spiculis

na disputa com meu creado, deixar-me-ia no Rio Doce. Eu creio que elle ficaria muito incommodado si eu o tivesse levado a serio, mas, não via senão difficuldades para mim proprio se este homem me deixasse com minhas collecções e minha bagagem, em uma' região deserta onde pessoa nenhuma conhecia o serviço de tropas. Eu me esforçava, portanto, para acalmar a Manoel da

auct) saepius denis, linearibus, intus canaliculatis capsuliferis crinitisque, in duas phalanges dispositis primum invicem (anuum more) applicatas et erectas demum hinc et inde falcato-recurvas (uno latere in speciminibus Grevilleanis). Stipites pedales et ultra, basi nigrescentes, saepe ad medium tortiles. Frons pollicaris — Obs. 1.^o — A analogia prova que a parte que se chama stipes corresponde áquella também chamada pelos autores nas outras, fetos. O Snr. Gaudichaud mostrou ("Voyage Ur. Bot.") que elle partilhava desta maneira de ver, pois descreveu o *S. australis* da mesma forma que todos os botânicos e indica assim, nas suas observações, a parte inferior da espiga como sendo um verdadeiro stipe. 2.^o, — Quando a figura publicada pelo Dr. Greville não me tivesse convencido da identidade da sua especie e da minha, esta identidade teria ficado sufficientemente demonstrada pela excellentes descripção do sabio escossez. Existe, entretanto, uma differença sensivel entre a planta do Snr. Greville e a recolhida por mim em Manguinhos: porque na primeira as divisões fructíferas se inclinam todas do mesmo lado e na segunda umas se inclinam para a direita e as outras oppostas, para a esquerda. 3.^o, Como o Snr. Sprengel attribue (Syst. IV, 30) a seu *S. Trilateralis* das divisões fructíferas lanciolladas linearis — elle duvidaria que esta planta fosse a de Schkuhr e por conseguinte a minha.

Eu ainda indicarei, aqui, conforme determinações do Snr. Greville, alguns *fucus* que encontrei, como o *S. Trilateralis*, perto de Manguinhos.

Costa e consegui sahir bem succedido. Fiz alto num posto militar (Quartel de Riacho) (128) que se acha na embocadura do rio chamado Riacho e que é destinado a proteger, contra os botocudos, os viajantes e alguns indios civilisados estabellecidos neste districto.

O posto compõe-se de 4 pedestres e um commandante, que apesar de nomeado pelo governador não é senão um simples pedestre do qual o sôlido não é maior do que o dos outros. Este destacamento occupa uma grande choupana isolada, onde se recebem os viajantes; ahí passei a noite.

Sabindo de Riacho encontrei a uma meia legua de sua embocadura vastas pastagens e um lugarejo habitado por indios civilisados que cultivam a terra e criavam gado.

Depois do lugarejo de que venho de fallar e que se chama Cañpos do Riacho (pastagens do Riacho) o rio do mesmo nome toma o de Rio da Lagoa; e se subissemos por elle ainda mais, chegaríamos a um posto militar de indios e lá começa um caminho que leva á villa de Linhares, situada sobre a margem do Rio Doce. Eu teria podido seguir essa estrada, mas, como os botocudos ahí apparecem de tempos a tempos e a tornam perigosa, achei melhor continuar a costear o mar. Emquanto eu estava no posto militar de Riacho, vi

(128) A palavra portugueza quartel significa uma caserna ou casa que serve de habitação a um posto militar.

uma piroga chegar do Oceano á embocadura do rio. Ella era conduzida por índios que tinham ousadamente embarcado na Villa da Victoria e que, sem demora, se puzeram a subir o rio para ir a Campos do Riacho. Nesse districto os índios civilizados fazem viôla para seu uso com a madeira do genipapeiro e uma outra madeira branca e estreitamente leve, da qual o nome é tajibibuia (129). Vi um desses instrumentos e fiquei admirado do capricho com que elle havia sido trabalhado.

No dia em que dormi no quartel de Riacho foi que a chuva começou a cabir. Fazia vento sul, cousa extraordinaria nesta estação e que provocava frio extremo.

Deixando, no dia seguinte, o quartel do Riacho, passei o rio nuna piroga que me forneceu o commandante do posto. Naquelle dia fui obrigado a fazer duas vezes mais de caminho que ordinariamente, porque, desde Riacho até a embocadura do Rio Doce, onde cheguei, á tarde, não se acha agua doce, nem casas. Segue-se, constantemente, uma praia arenosa, marginada de florestas, onde crescem, misturados, mas em grupos, os quiris (Allagoptera pumila Neww Schrad) ananases e diversos arbustos entre outros uma rubiacea chei-

(129) Conforme Marcgraff (Hist. Nat. Braz., 222) *tagibi* era o nome da sarigne entre os Polyguaras ou Pitiguares, tribu da sub-raça tupy. Eu não conseguí saber o que quer dizer *buia*.

rosa (Gardenia Richardū Var. B. rugosissima N 2) e sobretudo a clusia rosea "Flora Bras" med. Lin" de que as folhas, largas, são vermelhas no fundo e brancas nas extremidades. Lá se encontram ainda em abundancia a Remirea maritima Aub 3, Cyperacéa de folhas duras e espinhosas e uma mixta (vernómia rufo-grisea N. 1) que tem o aspecto e a côr cinzenta dos nossos salgueiros pequenos, das altas montanhas. Mas, ainda que esta praia offereça algumas plantas curiosas, não é menos verdade que ella é de uma monotonia fatigante. A falta d'agua afasta inteiramente os passaros e os insectos e nós ahí percebemos apenas os vestigios de alguns quadrupedes, os de tatú, de tamanduá e de um cabrito. Um tempo sombrio, o vento frio e violento do sul á agitação das aguas do mar, allivavam-se ainda á tristeza peculiar a esta região deserta. Durante toda a caminhada, o sol ficou encoberto pelas nuvens e eu não soffri mais dos nervos, o que me havia acontecido raramente desde o inicio de minha viagem; entretanto, uma melancolia profunda acabou por me vencer; pensei na minha familia, da qual havia muito tempo não recebia noticias e negros pensamentos vieram preoccupar-me.

O aspecto do quartel da Regencia, que era fim desta longa marcha, não me alegrou. E' uma grande cabana isolada que havia sido construida no meio da areia, um pouco aquem da emboca-

dura do Rio Doce e que descortina o mar. Ahí se escuta, sem cessar, o estrondo das ondas; ao oeste, a vista é limitada por immensas florestas; e ao norte vislumbra-se entre as brenhas o rio do qual a margem norte é tambem coberta de florestas.

A caserna de Regencia tinha sido construída por um destacamento de pedestres (130) destinado a proteger a foz do rio. Esse destacamento se compõe de cinco homens, incluído o commandante que é aqui, como em Riacho um simples soldado.

A administração mantem junto do posto de Regencia muitas pirogas, de que se servem os pedestres, para trazer as ordens do governador da provincia ou de seus delegados. E' assim, nessas pirogas, que se transpõe o rio, quando se vae por terra, do Espirito Santo a Provincia da Bahia.

Pagava-se, então, \$160 (1 franco) por pessoa e outro tanto pelos cavallos; os soldados do posto, fazendo o trabalho de remadores, repartem entre elles o producto da portagem. As pessoas que querem ir a Linhares, são obrigadas a esperar que venham pirogas dessa villa ou que a ella se enviem alguns pedestres. Quanto aos viajantes, munidos de recommendações ou ordens do governador, se lhes fornecem, para subir o rio, soldados e pirogas. Os postos, muito proximos, que se en-

(130) Já citei esta milicia, pag. 186 — "*2ième voyage à l'interieur du Brésil*".

confram entre Villa Nova e o Rio Doce, fazem parte da primeira divisão militar do Espirito Santo, commandada por um alferes do qual a moradia é em Linhares. O estabelecimento desses postos data do governo de Antonio Pires da Silva Pontes Leme e não é, por conseguinte, muito antigo.

Antes dessa epoca, toda communicação por terra, entre Villa Nova e a embocadura do Rio Doce, ou si se quizer, entre as provincias de Porto Seguro (131) e da Bahia, devia ser impossivel. E' preciso, então, reconhecer que a administração de Pontes Leme, geralmente tão cruel, foi, sob esse ponto de vista, util a esta região.

(131) A Provincia de Porto Seguro confina com o Espirito Santo.

CAPITULO VII

O RIO DOCE — A NOVA COLONIA — A LAGOA JUPARANAN

O RIO DOCE; SUA EMBOCADURA; SEU CURSO; SUAS CASCATAS; SUA NASCENTE. HISTORIA DA NAVEGAÇÃO DO RIO DOCE. OBSTACULOS A ESSA NAVEGAÇÃO. INSALUBRIDADE DO RIO. O AUTOR NAVEGA NO RIO DOCE. DESCRIPÇÃO DA PARTE DESSE RIO, PROXIMA DA EMBOCADURA. O COLONO ANTONIO MARTINS. FLORESTAS VISINHAS DE SUA HABITAÇÃO. INSECTOS. DESCRIPÇÃO DA PARTE DO RIO COMPREHENDIDA ENTRE A MORADA DE ANTONIO MARTINS E A POVOAÇÃO DE LINHARES. O QUANTO SERIA UTIL FUNDAR ESTABELECIMENTOS A'S MARGENS DO RIO DOCE. POVOAÇÃO DE LINHARES. SUA SITUAÇÃO. SUA EGREJA. FORÇAS MILITARES. CULTURA E COMMERCIO. HISTORIA DE LINHARES; A DE JOÃO FILIPPE CALMON E SUAS DESGRAÇAS. RIBEIRA QUE VAE DO RIO DOCE AO LAGO JUPARANAN. DESCRIPÇÃO DESSE LAGO. O TENENTE CORONEL GUIDO THOMAS MARIERE E A CIVILISAÇÃO DOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE.

O senhor príncipe de Neuwied avalia que, um pouco antes de se reunir ao mar, o Rio Doce tem, durante a estação das chuvas, o dobro da largura do Reno, nos lugares onde este mais se estende. Um banco de areia se prolonga obliquamente, diante da embocadura do Rio Doce. O canal pelo qual as aguas deste ultimo rio se lançam no Oceano, muda muitas vezes de lugar, porém se forma apenas na parte sul do banco de areia; elle tem cerca de duas braças de largura e nunca mais de 5 a 6 pés de profundidade. Mesmo nas altas marés ou durante a estação das aguas elle não permite entrada senão a pequenas embarcações. Numa distancia de 22 leguas, desde a fóz até o Rio Guandú, os barcos de fundo chato podem subir o rio navegando a vela; nesta mesma extensão, sua largura mais commum é de $\frac{1}{4}$ de legua a $1\frac{1}{2}$, porem, seu leito, obstruído pelos residuos das "lavagens" da provincia de Minas, tem pouca profundidade, sobretudo no tempo da secca. Um pouco antes do Rio Guandú se encontra o posto militar chamado Posto do Souza, o ultimo que pertence á provincia do Espirito Santo. Depois desse lugar, até á confluencia do Grandú, o Rio Doce, muito estreito, corre com violencia e não pode

ser vencido senão com auxilio de reboque de terra.

Este Rio Guandú nasce na montanha chamada Serra da Costa; e do lado do sul elle se lança no Rio Doce, servindo, com a ilha da Esperança, de limite entre o Espirito Santo e Minas Geraes.

Acima do Guandú começam as famosas *Escadinhas*. E' um seguimento de rapidos e de pequenas cascatas que embaraçam, por completo, a navegação do rio. Ellas se prolongam numa extensão de $\frac{3}{4}$ de legua. Diz-se que seria facil fazer um canal lateral do lado do sul. Do mesmo lado e mais alto que as *Escadinhas*, se acha a confluencia do Moemaçú ou Manhuassú que nasce nas montanhas desertas do Itapemirim, tão abundantes, dizem, em ouro em pó quanto foram outr'ora as de Villa Rica.

O senhor D'Eschwege pensa que a differença de nivel entre o Oceano e um ponto tomado 10 leguas acima das *Escadinhas* seria de 1.165 pés inglezes, o que faria, termo medio, uma queda de 28 pés por legua (132). Cinco leguas alem do Manhuassú estão os rapidos chamados Cachoeira do Inferno que não permitem aos barcos subir senão com o auxilio de reboque de terra. N'um espaço de 10 a 12 leguas a navegação é ainda diffi-

(132) O Rio Doce é tão pouco conhecido que eu creio dever dar sobre seu curso os detalhes de sua extensão.

cultada por pedras isoladas, mas, com um pouco de trabalho poder-se-ia torna-la menos difficil. Mais acima acham-se os rapidos de Eme; estes devem seu nome ás rochas que, formando no rio 3 angulos agudos, apresentam, aproximadamente, a figura de um M (133); não se poderia faze-las desaparecer sem muito trabalho. Entre o Eme e a confluencia do Rio Cuiaté ou Cuité, que reune suas aguas ás do Rio Doce, vindo do sul, existem tambem, numa media de 6 leguas, algumas rochas faccis de destruir. Subindo sempre o rio, encontram-se a 3 leguas de Cuiaté os rapidos chamados Cachoeirinha onde a navegação, ainda uma vez embaraçada, poderia tornar-se facil com algum trabalho.

E' de notar que desde esse lugar até o Oceano, nenhum rio venha do norte reunir suas aguas ás do Rio Doce. A tres leguas de Cachoeirinha encontram-se os rapidos de Ibiturunas; elles não interrompem os canoeiros, no tempo das enchentes, mas trazem alguns obstaculos, nas seccas. Subindo de Ibiturunas á confluencia do Rio de Antonio Dias ou Santa Barbara, afastado 22 leguas, acham-se as cachoeiras dos Maguarys e Escura que apre-

(133) E' este o Eme que eu já indiquei com alguma alteração, com o nome de Uemi, na minha primeira Relação, vol I, pag. 418. O que eu digo do Curso do Rio Doce, completará ou recluirá o que já escrevi sobre este Rio, em uma epoca em que não tinha sob minhas vistas todos os manuscritos de que hoje faço uso.

sentam muitas difficuldades e que os barcos não franquearão senão com meios mechanicos.

Nessa extensão de 22 leguas, de que acabo de fallar, é que as ribeiras chamadas Sussuhy pequeno, Sussuhy grande, Corrente e Santo Antonio (134) se reúnem ao Rio Doce; ellas vêm do norte, sendo navegaveis numa parte de sua extensão; poderiam ser muito uteis á Comarca do Serro do Frio da qual ellas fertilizam os campos. A 9 leguas acima da confluencia do Rio Santa Barbara se acha Antonio Dias, a primeira villa da provincia de Minas Geraes que é situada sobre a margem do Rio. Esse intervallo de 9 leguas não offereceria nenhum obstaculo á navegação, se não fosse ainda o lugar chamado Cachoeirinha, onde bastaria quebrar um rochedo chato para dar passagem aos barcos. Calcula-se que, desde Antonio Dias até o mar, o rio que descreve muitas sinuosidades tenha um curso de cerca de 90 leguas; acredita-se, entretanto, que em linha recta seria apenas de 40 leguas.

Acima de Antonio Dias, o Rio Doce recebe as aguas do Percicaba, que eu vi em São Miguel de Matto Dentro, cuja embocadura forma o limite da comarca de Sabará.

Disseram-me que, maugrado os obstaculos que muitas vezes retardaram os canoeiros, pode-

(134) Já citei em minha primeira relação varios afluentes do Rio Doce.

se, com pirogas, ir em 8 dias da embocadura do Percicaba ao oceano. Mais acima que o Percicaba (135) se acha a confluencia do Rio Bombassa, e mais acima ainda, a dos Gualachos. E' depois de ter recebido as aguas desses ultimos, que o Rio Doce deixa a direcção norte e nordeste que vinha seguindo até então e toma a de leste. Acima dos Gualachos as aguas do Piranga se unem ás suas e então elle toma o nome de Rio Doce, que conserva até o mar (136). Em Marianna, elle recebe o nome de Ribeirão do Carmo e em Villa Rica, quer dizer, algumas leguas mais acima, tinha o de Ribeirão do Ouro Preto (137). Ali elle é apenas um insignificante regato subdividido sem cessar pelos mineradores e se seguirmos suas margens chegaremos á sua nascente (138) que se

(135) Depois de haver relacionado os botocudos aos luso-brasileiros, o Snr. Guido Tomaz Marlière fundou na matta, 10 leguas acima da embocadura do Percicaba, a nova colonia de Petersdorff.

(136) Casal diz (Cor., I, 366) que é somente acima do Percicaba que o Rio Doce toma seu verdadeiro nome. Segui aqui a opinião d'Schwege que reside ha muito tempo neste lugar (Voyg. Journ. Braz., I, 52).

(137) Achar-se-ão, na minha primeira Relação, Vol. I, Capt. VI e VII, os detalhes sobre o Ribeirão Ouro Preto e Ribeirão do Carmo, cabeceiras do Rio Doce.

(138) Casal diz (Corogr., I, 366) que o Rio Doce nasce na serra da Mantiqueira. Si dali elle alcança os contrafortes da Grande Cadeia Occidental de Minas Geraes (Serra do Espinhaço) a asserção é exacta, porque as montanhas de Villa Rica fazem parte desta cadeia. Mas elle se enganou, si por Serra da Mantiqueira elle

acha nas montanhas visinhas da Capital de Minas Geraes (139). Quando nem um filho de europeu habitava ainda o interior das terras e que tribus de indios ferózes percorriam as vastas flo-

designa a porção da cadeia chamada Mantiqueira, no proprio logar. De resto, é raro que se encontrem erros a corrigir em Cazal e eu não pude deixar de me surpreender com a severidade com que o julgaram ao N. da Europa. Antes de Cazal, nada havia ainda impresso sobre numerosas provincias do Brasil, e não se possuia, sobre outras, sinão documentos incompletos ou antiquados. Este escriptor reduziu, por assim dizer, a zero a Geographia Brasileira e poder-se-ia citar tal obra sobre a França, que, embora impressa em nossos dias, é talvez menos exacta que a sua.

Cazal percorreu algumas partes do imperio brasileiro; enquanto residiu no Rio de Janeiro ia ver todos os estrangeiros que chegavam do interior para esta cidade; interrogava-os, comparava cuidadosamente suas proprias notas com os apontamentos que obtinha delles, e no fim de 20 annos, quando acreditou saber a verdade, publicou seu livro. Eis o autor eminentemente original que não se temeu de chamar um compilador. Cazal, pelo seu trabalho, não poupou suas forças nem seus meios pecuniarios. Ignoro que elle tivesse recebido dos brasileiros nenhuma prova de reconhecimento nem que nenhum soberano o tivesse jamais recompensado; e hoje elle vive em Lisboa, na indigencia, sem poder publicar a 2.^a edição de sua chorographia. Os europeos, para os quaes este trabalho não foi inutil, deveriam ao menos prestar ao autor um pouco mais de justiça.

(139) Não tendo subido o Rio Doce, acima da Aldeia de Linhares, transcrevo o que digo sobre o curso do Rio Doce, de uma memoria manuscripta do Snr. João Vieira de Godoy Alvaro Leme que, como eu já disse anteriormente, (vol. I, p., 123) navegara innumeradas vezes sobre o rio. Consultei tambem Cazal, Pizarro e von Eschwege.

restas da provincia de Minas Geraes e as margens do Rio Doce, alguns homens emprehedores tentaram subir esse rio. Existiam, affirmava-se, minas de pedras preciosas entre o territorio de Porto Seguro e a provincia do Espirito Santo. O Governador Geral do Brasil, Luiz de Brito d'Almeida, quiz saber se essa opinião tinha algum fundamento e encarregou Sebastião Fernandes Tourinho de fazer pesquisas nos desertos onde a imaginação ardente dos portuguezes collocava tantas riquezas. Tourinho embarcou em 1572 sobre o Rio Doce e depois de alguns meses de penosa navegação elle voltou trazendo, dizem, esmeraldas e safiras que, provavelmente, não eram mais que crystaes coloridos, turmalinas ou pedaços de enclases. Alguns aventureiros seguiram a trilha de Tourinho e muito mais tarde Marcos de Azeredo, ousando como elle navegar sobre o Rio Doce, mostrou á sua volta prata e esmeraldas. Foi tambem depois de ter subido o mesmo rio, que Rodrigues Arzão trouxe em 1695 as primeiras amostras de ouro que foram encontradas em Minas Geraes (140).

Conforme as instrucções que Arzão havia deixado, seu sogro Bartholomeu Bueno de Siqueira conseguiu chegar onde é hoje Villa Rica, e os procuradores de ouro que chegaram depois de Bueno

(140) Veja minha 1.^a relação (vol. I, p. 76).

no paiz das minas, passaram sem duvida, egualmente, pelo Rio Doce, porque tinham com elles escravos aprisionados na visinhança desse rio.

Entretanto, communicações mais faceis foram desde logo abertas entre as paragens auríferas e o littoral e parece que, durante muitos annos, ninguem pensou mais na navegação do Rio Doce, cujas margens continuaram a ser asylo de diversas tribus de indios selvagens. Porem, já no fim do seculo 18 os mineiros lastimavam o esgotamento de suas minas e o de suas terras em cultura. Dom Rodrigo José de Menezes, governador da provincia, se comoveu com as lamentações dos seus administrados e quiz entregar a estes novas florestas. Era um homem corajoso e emprehendedor; elle proprio se internou, em 1781, nos desertos onde correm os afluentes do Rio Doce e deu ao seu ajudante de campo, José Joaquim de Siqueira e Almeida, ordem de descer esse Rio até aos rapidos chamados das *Escadinhas*. Cerca de 25 annos mais tarde, foi o Rio Doce, explorado de maneira mais regular, pelo governador Pontes, que, maograde suas bizarrias, prestou ao Brasil, sua patria, relevantes serviços (141) por seus sabios trabalhos.

(141) Antonio Pires da Silva Pontes Leme nasceu na provincia de Minas e contribuiu para fixar os limites do Brasil nas provincias do Pará e de Matto-grosso. Eu

Pontes afrontou todos os perigos, subiu o Rio Doce e começou o mappa desse rio, cuja continuação se deve a seu sobrinho e a Antonio Rodrigues Pereira Taborda, alferes do regimento das Minas (142). O ministro de Estado, Dom Rodrigo Coutinho, conde de Linhares, tinha muita instrução e uma imaginação muito ardente, para não ser interessado na utilidade que podia existir no commercio da provincia de Minas Geraes e o do littoral do Rio Doce, tornado, enfim, navegavel. Elle fez, pois, esforços para afastar muitos dos obstaculos que se oppunham a que se subisse esse rio; fundou, proxima á sua foz, a villa de Linhares e publicou um decreto pelo qual o Governo isentava de direitos as mercadorias que passassem por agua, da provincia do Espirito Santo para a de Minas Geraes. Encorajados por esse decreto, aventureiros audaciosos começaram a subir e a descer o Rio Doce; logo depois, entretanto, appareceu, ás margens do Rio, uma tropa de fiscaes alfandegarios. Estes homens que foram tomados como agentes de um poder desleal ás suas pro-

não sei ao certo em que anno Pontes foi nomeado governador do E. Santo, mas seu sobrinho Manoel José Pires da Silva, que o acompanhou na perigosa viagem ao Rio Doce, me disse, em 1818, que tinha sido cerca de 10 annos antes.

(142) South., "Hist. of Braz.," I, 312; II, 46, 50; Cazal, "Chorogr.," II, 357; Piz., "Mem. Hist.," III, 20, VII, 2.º, 48.

messas, não prejudicaram muito tempo os canoicos; atingidos pelas febres que causam tantas desgraças em regiões visinhas ao Rio Doce, morreram e o Rio se tornou livre como o era antes.

O governo louvara muito as vantagens que se tirava, dizia elle, da navegação do Rio Doce e quando o sal, transportado no costado dos animaes, na provincia das Minas se vendia ahí sempre a preços excessivos se imprimia na *Gazeta* do Rio de Janeiro que essa substancia, graças á navegação do Rio Doce, podia, enfim, ser comprada pelos Mineiros por quantias as mais modicas.

O facto é que na epoca da minha viagem, alguns mulatos de Minas Geraes ousavam apenas descer o Rio Doce, em pirogas, afim de comprar sal na Villa de Linhares, ahí deixando queijo, toucinho, e outros generos de suas regiões. Em 1819, o Governo concedeu diversos privilegios a uma companhia que se tinha fundado para tornar mais facéis o commercio e navegação do Rio Doce. Mas esta sociedade não deu resultados e foi logo dissolvida, pois o francees Marliere, inspector das divisões do Rio Doce e director geral da Civilisação dos indios, me escrevia em Dezembro de 1824 que não existia realmente nenhuma companhia para a navegação do Rio e que provavelmente não se crearia nenhuma (143).

(143) Ver-se-á pela nota junta no fim deste capitulo que, desde 1824, a navegação do Rio Doce foi concedida pelo governo a uma companhia Anglo-brasileira.

Os rochedos que se erguem no meio do Rio Doce oppõem um grande obstaculo á navegação deste rio, mas, como se viu, alguns desappareciam com pouco trabalho e outros seriam evitados, cavando-se lateralmente canaes de pouca extensão. Tornados amigos dos luso-brasileiros pelos cuidados do generoso Marliere, os botocudos não devem inspirar, hoje, mais inquietude aos navegantes. Porem, existe um perigo que numerosos desbravamentos poderiam dominar ou diminuir e que por conseguinte subsistirá muito tempo: é a insalubridade de diversas regiões vizinhas do rio. Essa insalubridade é causada não só pelas aguas delle, como pelas de seus afluentes que, nas estações de chuva, transbordam de seu leito, empossam e infectam o ar de vapores perigosos. E' raro que aquelles que descem e sobem o Rio Doce não sejam atingidos pelas febres malignas ou intermitentes e ellas podem deixar signaes duradouros, pois, o senhor Manoel José Pires da Silva, que eu tive a felicidade de encontrar em Minas Geraes (144), se resentia, ainda em 1818, de uma doença que havia adquirido 8 ou 10 annos antes, descendo o Rio Doce, sob o Governo de seu tio Antonio Pires da Silva Pontes Leeme. As margens do São Francisco não são absolutamente insalu-

(144) Vide minha 1.^a relação, vol. I, pag. 269.

bres, num periodo de 2 a 3 annos, porque esse tempo basta para a evaporação das aguas do Rio, transbordadas sobre um terreno descoberto (145). Não é assim no Rio Doce. As florestas expessas que sombreiam suas margens impedem a acção do sol; a evaporação das aguas transbordadas se opera lentamente, continua de um anno para outro e em qualquer estação é perigoso descer ou subir o rio. Para se preservar, tanto quanto possível, das febres ás quaes estão sujeitos os navegadores do Rio Doce, é preciso não passar a noite nas pirogas, nem mesmo dormir nas margens do rio, sem se precaver, cuidadosamente, contra o sereno e a humidade; é preciso ter cuidado, e alimentação substancial, e não se expôr ao ardor do sôl, nas visinhanças do leito do rio. Chegando ao Posto de Regencia eu tinha mostrado ao commandante o desejo de embarcar no Rio Doce, para ir á Villa de Linhares. No dia seguinte, uma piroga e dois remadores estavam ás minhas ordens. Era forçoso fazer essa viagem por agua, pois, nenhuma estrada conduz á Linhares ou pelo menos sobre a margem esquerda do Rio, fóra um trilho pouco aberto e embaraçado de galhos e espinhos. Deixei no Posto algumas de minhas malas, com Manoel da Costa que tinha funcção de tropeiro, e embarquei com Préjent e o botocudo

(145) *Idem, idem*, vol. II, pag. 389.

Luiz da Silva que me serviu de guia, desde a Capital do Espirito Santo.

Toda a parte do Rio que eu percorri, no primeiro dia de minha viagem, não tinha mais de 3 ou 4 pés de profundidade; mas, durante a estação das chuvas ella augmenta de uma maneira consideravel. Quasi na sua fóz, suas aguas são muito doces podendo ser bebidas; entretanto, na epoca das aguas, ellas chegam carregadas de limo avermelhado que não é outra cousa senão o residuo da mineração da provincia de Minas.

Até onde fiz alto, quer dizer, provavelmente numa extensão de um par de leguas, as margens do Rio são perfeitamente planas. Cobertas inteiramente de arvores, que são tanto mais vigorosas quanto mais se afastam da fóz. Esta perfeita igualdade do solo é devida, sem duvida, á differença que observei entre o aspecto do Rio Doce e o do Jequitinhonha. As margens deste ultimo são muitas vezes dominadas por montanhas; ora parecem um bello lago perfeitamente tranquillo, ora rochedos negros de forma muito variada se levantam no meio de suas aguas; nunca, porem, elle é bastante largo para que não se possa, ao atravessa-lo, distinguir perfeitamente os diversos effeitos da vegetação que mostram as arvores das

margens (146). Não é assim no Rio Doce. As florestas que o margeam me parecem menos elevadas que as do Jequitinhonha e, quando eu navegava no primeiro destes rios, não via á direita e á esquerda senão uma massa de vegetação quasi uniforme. Entre a embocadura do Rio Doce e o lugar onde eu estava, não percebi sobre o Rio, ao sul, nenhum signal de desbravamento; e, sobre a margem esquerda, contei somente 4 miseraveis cabanas habitadas por índios civilizados, que haviam derrubado um pouco da matta para poder plantar mandiôca, aboboras e melancias. Estes índios se achavam retirados nesse lugar deserto, para fugir ás perseguições de que sua raça era victima em Benevente, Villa de Nova Almeida e alem. Os maridos iam á caça, pescavam no Rio ou se louvavam em casa dos colonos luso-brasileiros, enquanto que as mulheres cultivavam a terra para o sustento da familia. Assim, mesmo civilizados, os índios, ou muitos d'entre elles, conservaram, com seus caracteres, muitos dos seus antigos habitos (147). Hospedei-me na quarta dessas cabanas, construidas á margem esquerda do Rio.

(146) E' desnecessario dizer que me refiro, quanto ao Jequitinhonha, só na parte que nelle naveguei. V. minha 1.^a relação, vol. II, pag. 121 e seguinte.

(147) Sabe-se que nos lares das antigas tribus selvagens do littoral eram as mulheres que plantavam e faziam as colheitas,

Ella pertencia a um branco, o primeiro colono que contemporaneamente se sabe estabelecido nas margens do Rio Doce. Este homem chamado Antonio Martins, fixara-se primeiramente, um pouco mais abaixo; porem, casando seu filho, cedeu-lhe o primeiro estabelecimento e veio desbravar um outro trato de terra mais perto de Linhares. As margens do Rio Doce são de tal modo fertéis que quasi tres quartas de terra são bastante para fazer viver a familia de Martins composta de 12 pessoas e sobra ainda a essa boa gente abundancia de farinha de mandiôca para poder vende-la. Todos me asseguram que se exaggeraram muito os perigos da insalubridade do Rio e me dizem que nunca adocceram. Quando cheguei á casa de Antonio Martins, sua mulher e seus filhos se apresentaram a mim, porque, como eu já disse, as mulheres em toda essa região do littoral não fogem ao estrangeiro. Perguntei á mulher do meu hospedeiro si ella não se aborrecia de viver numa solidão tão profunda. Não tenho eu, respondeu-me, minha familia, os cuidados de meu mistér e esta companhia? ajuntou ella, mostrando-me um pequeno oratorio que guardava a imagem da Virgem.

Nesse dia quasi não pude distrair meus hospedeiros porque a longa marcha da vespera muito me tinha fatigado. Os soffrimentos do pobre Prêjênt augmentavam os meus e comecei a achar que

esta viagem estava acima de minhas forças. Depois de ter chegado á casa de Antonio Martins, percebi que esquecera no Posto de Regencia uma pasta de plantas que não estavam completamente seccas. Não querendo perder essas plantas eu dei, no dia seguinte, Prejént e o botocudo em casa de meu excellente hospedeiro e parti na piróga com meus dois remadores e o bom camarada Luis para voltar ao Posto. Durante essa pequena viagem tivemos chuvas, muitas vezes, e com ella nos regosijamos pelos pobres lavradores que viam com ansiedade o tempo das seccas se prolongar alem do que era commum.

Voltei bastante cedo para ter ainda tempo de fazer no mesmo dia uma herborização e penetrei nos bosques visinhos da casa do meu hospedeiro. Os do Jequitinhonha teem, talvez, como ja disse, maior altura; porem ao mesmo tempo são, eu creio, menos expessos e menos sombrios. Como em todas as florestas primitivas, a vegetação é aqui muito variada, mas, eu encontrei poucas plantas floridas. Em muitos lugares, entretanto, o chão estava juncado de corollas roxas e de suas folhas novas que são purpurinas. Essas florestas servem de refugio a um grande numero de animaes selvagens, como veados, onças, pecaris, tapir e innumeradas especies de macacos. Nessa epoca ellas eram também asylo de tribus errantes de

botocudos, dos quaes os colonos só falavam com pavor. Mais de uma vez, Antonio Martins achara suas pegadas perto de sua morada, mas, elle nunca fôra atacado por esses indios. No decurso do passeio que fiz aos arredores da casa de Antonio Martins, encontrei quasi tantos insectos quanto em todo o resto de minha viagem no littoral. A estação das chuvas é, como eu disse anteriormente, a em que esses animaes reapparecem. Elles fogem, geralmente, á secca e ao sol, gostam da humidade, e se dão bem nas sombras espessas. Dois dias depois da minha chegada á casa de Martins, embarquei com meus tres pedestres, Prejént e o indio Firmiano, para continuar minha viagem a Linhares. Os 3 soldados conduziram a piroga; o pobre Prejént, entregue completamente aos seus soffrimentos e á sua melancolia, não tinha para mim nenhum prestimo e achei-me obrigado a conversar unicamente com o botocudo, que nem sempre se fazia entender muito bem. Para me distrair, puz-me a escrever, apezar dos balanços da canoa, que, sem cessar, atrapalhavam minhas mãos e me collocavam na quasi impossibilidade de traçar caracteres visiveis. Entre o Posto de Regencia e a cabana de Antonio Martins eu tinha, durante muito tempo, visto o mar e os bancos de areia que fecham a entrada do Rio. Chegando á casa de Martins, em Linhares, vi apenas o rio, as innumerás florestas que se estendem em suas mar-

gens; durante toda essa viagem, nenhuma habitação se apresentou aos meus olhos. As pequenas ilhas que, como as margens do rio, são cobertas de mattas que se elevam aqui e alli, do meio das aguas, offerecem alguma variedade na paisagem. Nenhum barulho fére nossos ouvidos, senão o murmurio dos ventos que agitam a folhagem das arvores, o canto alegre da araponga e o do pavão, semelhantes aos sons de uma flauta que se ouve ao longe.

Não existe, talvez, região mais favoravel aos estabelecimentos da agricultura que a parte das margens do Rio Doce, visinha ao mar. Com effeito, a terra produz, com igual fecundidade, milho, feijão, arroz, canna de assucar, algodão, mandioca; de todos os lados se elevam mattas magnificas e o rio fornece um meio facil de exportação. Da embocadura do Rio Doce, pode-se chegar, em 4 dias, ao Rio de Janeiro e a brevidade dessa travessia, assim como a vizinhança da Villa da Victoria, asseguram prompta venda de todas as mercadorias. Entretanto, até a epoca de minha viagem, dois motivos contribuiam para afastar dessa região aquelles que desejassem nella se estabelecer: o pavor das doenças e dos botocudos.

E' incontestavel que as terras da provincia de Minas, banhadas pelo Rio Doce, são insalubres, como ja o disse; é incontestavel, tambem, que chegando á embocadura do rio, os estrangeiros são

quasi sempre atacados pelas febres; mas, isto é um tributo que se paga somente uma vez; ellas cedem, ao que parece, ao menor vomitorio e posso dizer que entre o Rio de Janeiro e o Rio Doce, não vi nenhuma mulher de tés mais fresca e de côres mais bonitas, quanto as filhas do cultivador Antonio Martins. Quanto ao medo que havia, antigamente, dos botocudos deve estar agora inteiramente afastado porque, pelos cuidados do senhor Guido Thomas Marliere, esses indigenas se tornaram amigos dos luso-brasileiros; e mesmo na epoca da minha viagem elles não deviam ser tão perigosos quanto se suppunha, pois não haviam feito nenhum mal a Antonio Martins estabelecido nesta região a tanto tempo. Emquanto eu me entregava a reflexões, a canoa subia o Rio Doce com lentidão e quando nós ainda estavamos muito longe de Linhares o sol quasi que desaparecia.

Durante todo o percurso o tempo estivera sombrio e chuvoso, porem, para a tarde clareou e então do lado oeste percebi no horizonte as montanhas de Juparanan; o rio corria magestosamente entre as sombrias florestas que o margeiam. Uma calma completa reinava em toda a natureza e o silencio do deserto era apenas perturbado pelo canto de algumas pequenas cigarras e pelo barulho dos remos de que se serviam meus canoeiros. Estas vastas solidões teem qualquer cousa de imponente e eu me sentia humilhado deante desta

natureza tão possante e tão austerá; minha imaginação se assustava, quando eu pensava que as mattas immensas que me cercavam se estendiam para o norte, muito além do Rio Grande de Belmonte; que ellas occupam toda a parte leste da provincia de Minas Geraes; que ellas cobrem, sem nenhuma interrupção, as do Espirito Santo e do Rio de Janeiro, uma porção da provincia de São Paulo, completamente a de Santa Catharina, o norte e o oeste da provincia do Rio Grande do Sul e que, além das Missões, ellas irão, possivelmente, se unir ás do Paraguay septentrional. Como meus canoeiros lutavam muito, por vezes, para fazer avançar a canoa, chegamos a Linhares somente ás 11 horas da noite. Descembarquei em uma fazenda, a de Bom-Jardim, que se acha sobre a margem direita do rio, em frente da villa e que pertencia então, ao fallecido senhor João Felippe Calmon. Eu conhecera esse agricultor no Rio de Janeiro; apresentei á sua mulher uma carta de reconunicação que elle me havia dado para ella e fui perfeitamente acolhido. Acompanhado pelo jovem Anselmo, filho de João Felippe, fui, no dia seguinte, a Linhares onde me demorei até á noite. Diante da fazenda de João Felippe ou nas suas immediações, o Rio Doce, descrevendo uma curva, se dirige um pouco para o norte. No meio dessa especie de bojo a margem se eleva á pique acima do rio, e se arredonda para formar uma meia lua, perfeitamente regular que de longe parece uma

fortaleza e cujo alto semelha uma larga plataforma. Foi onde se teve a feliz idéa de construir a aldeia de Linhares ou Santa Cruz de Linhares. Só existem ahí choupanas; porem, são dispostas com symetria e descemham os 4 lados de uma praça perfeitamente quadrada, coberta de grama; na epoca de minha viagem, estavam acabando a egreja, que será muito bonita; ella occupa o centro, do lado norte da praça; é, entretanto, um pouco afastada das casas e atraz della as mattas formam uma cortina magnifica. Na frente da plataforma que se escolheu para nella se construir Linhares, aprecia-se uma vista inponente e bastante alegre. O rio corre magestosamente em baixo da villa, muitas illias se elevam no meio d'elle e do outro lado da margem se avista o engenho de Bom-Jardim rodeado de terrenos cultivados que contrastam com as florestas virgens. Posto que situada sobre a margem esquerda do Rio Doce, Linhares fórma uma parte integrante da provincia do Espirito Santo (148).

Esta villa é séde de uma parochia, a ultima da diocese do Rio de Janeiro, do lado norte (149).

(148) Calcula-se, na região, em 4 leguas a distancia de Linhares á embocadura do Rio Doce. O Snr. Principe de Neuwied eleva-a a 10 leguas.

(149) Linhares foi erigida em parochia no mez de Agosto de 1810, mas, durante muito tempo esta aldeia ficou sem pastor e sem egreja. Os adultos viviam em vergonhosa concubinagem, e as creanças nem era bapti-

Ella é tambem a da primeira divisão militar da provincia, e lá reside, como eu disse, o alferes ou o 2.º tenente encarregado do commando da divisão. As forças desta ultima se compõem apenas de cerca de 50 homens; entretanto, ha para elles um hospital militar em Linhares, dirigido por cirurgião-major que percebe 400 reis por dia (2 francos e 50 centimos). As insignificantes tropas da região militar estão espalhadas nos differentes postos, mas o destacamento principal fica em Linhares. Alguns homens estão tambem acantonados em dois lugares da floresta, a pouca distancia da Aldeia e protegem-n'a contra os botocudos. As cazernas occupadas por esses dois destacamentos são grandes choupanas e em volta dellas os soldados cortaram arvores para plantar mandioca, para o seu sustento. Este vegetal é o que mais se cultivava nos arredores de Linhares; elle produz ahí em abundancia e dá uma excellente farinha. Os habitantes, para gozarem de maior segurança contra os indios, fazem, em geral, suas plantações juntas umas ás outras; eu percorri, perto da villa,

sadas. Numa de suas visitas diocesanas, o respeitavel Bispo do Rio de Janeiro, José Cactano da Silva Coutinho, foi até Linhares, espalhou allí consolação, fez um grande numero de casamentos, e ergueu uma cruz onde mais tarde se construiu a igreja. (Piz., Mem.", V. 302). Citei anteriormente (3.ª Relação) um nobre gesto do prelado que acabo de nomear. Nunca esquecerei das bondades com que me distinguuiu, nem das palestras interessantes com que este amigo sincero do Brazil me entretinha, enquanto percorriamos bellas paragens desertas.

um terreno de cerca de um quarto de legua, que fôra cultivado por differentes particulares e estava inteiramente coberto de mandiôca. Colhe-se bastante para poder vender a farinha e poucos dias antes de minha chegada a Linhares (22 de Outubro de 1818) sahira do Rio Doce uma pequena embarcação carregada com 30 alqueires de feijão e 250 de farinha de mandioca que, depois de ter sido ali comprada por duas patacas o alqueire, fôra revendida em Victoria por 4 ou 5 patacas. Essa embarcação era a primeira que vicia fazer seu carregamento no Rio Doce, porem não tinha podido completa-lo, senão no fim de um mês, porque, a excepção de João Felippe, os habitantes de Linhares são pobres e sem escravos e fôra preciso comprar entre esses e esperar que os vendedores tivessem preparado seu fornecimento. E' de suppôr, entretanto, que os beneficios obtidos por esse pequeno commercio tenham encorajado os negociantes da Villa da Victoria, a renova-lo e, sem duvida, os colonos de Linhares tinham augmentado seu trabalho na esperança de adquirir um bem estar do qual não tinham gozado ainda.

A fundação da villa data, como eu disse, de um pequeno numero de annos, e é devida ao ministro que lhe deu o nome. Dom Rodrigo Coutinho, Conde de Linhares, havia sonhado que o Rio Doce podia garantir perfeitamente uma com-

municacão facil com o mar e a provincia de Minas; esse não tomou as providencias efficazes para prodigalizar essa communicacão e julgou, pelo menos com muita razão, que era preciso começar por tornar habitavel a proximidade da embocadura do rio e ahí procurou um ponto que pudesse logo depois tornar-se um entreposto para o commercio maritimo e o do interior das terras. O local foi assim perfeitamente escolhido e começou-se por collocar-se ahí um destacamento de soldados. Tovar era então governador da Capitania do Espirito Santo. Querendo secundar as intenções do ministerio, procurou interessar os cultivadores da provincia para se estabelecerem sobre as margens do Rio Doce. João Felipe Calmon foi o unico que attendeu ao seu convite. Este colono emprehendedor vendeu o dominio que possuia perto de Itapemirim e veio para Linhares com toda sua familia. O rio estava muito alto e não se poderia subi-lo sem risco. Foi preciso, portanto, fazer vir por Campos do Riacho, atravez de florestas impenetraveis, todas as provisões necessarias. A febre atacou João Felipe, parte de sua familia, mas, nada o desencorajou. Chegado ás margens do rio, elle escolheu, para ahí formar um estabelecimento, o terreno que fica em frente á villa de Linhares, evitando assim o inconveniente de estar muito proximo de uma população nascente que deveria naturalmente ser

mal composta, podendo ao mesmo tempo aproveitar as numerosas vantagens que apresentaria essa vizinhança. Entretanto, o exemplo de João Felippe não seduziu a ninguém; figuravam-se as margens do Rio Doce, como uma região pavorosa, onde se era devorado pelos insectos, atacado por molestias perigosas e onde, sem cessar, se corria risco de ser massacrado pelos botocudos.

Desesperando de conseguir povoar Linhares, a administração mandou para ali camponeses hespanhoes, que vieram da Ilha das Canarias para alcançar Montevideo e naufragaram perto de Victoria; perdoou-se tambem a desertores, sob condição de irem fixar-se no novo lugarejo; alguns aventureiros, mulheres de má vida, indios que fugiram ás persecuções do governador, juntaram-se neste nucleo e eis o que forma hoje a população de Linhares. Mineiros se aventuraram, como eu disse, a descer o Rio Doce.

Trouxeram a Linhares toucinho, assucar, queijo, fumo, carne-secca; e em seguida, voltaram, levando sal. Encorajados pelos beneficios conseguidos nessa viagem, os mesmos homens repetem-n'a, uma vez por anno; havia pouco tempo que elles haviam chegado a Linhares, quando visitei essa aldeia e então os productos de Minas Geraes ahi tinham um melhor mercado que na Capital da provincia. Taes são os insignificantes inícios de um commercio que pela sua continuida-

de será, sem duvida, para o Brasil, da mais alta importancia. Enquanto se formava, pouco a pouco, a população de Linhares, João Felipe Calmon auxiliava, com a maxima boa vontade, os colonos que vinham estabelecer-se ahí, tornando-lhes os transportes mais facéis, recebendo-os em sua casa, procurando-lhes viveres. Ajudava, igualmente, aos mineiros no seu commercio, fornecendo-lhes canoas com remadores. Assim, todo o tempo em que Tovar foi governador da provincia, João Felipe continuou tranquilamente sua util actividade. Rubim, no começo de sua administração, se entendia tambem muito bem com este pres-tativo colono, tendo o cuidado de consulta-lo em tudo que dizia respeito ao Rio Doce e a Linhares. Sem demora, entretanto, uma dessas intrigas obs-curas, communs entre os brasileiros, afastou dois homens cujo entendimento constante trazia tanto beneficio. João Felipe veio a ser objecto de perseguição do governador, foi ao Rio de Janeiro pedir justiça e creio que morreu sem nada conseguir.

Quando da minha viagem, a administração da villa de Linhares estava inteiramente nas mãos do alferes encarregado do commando da 1.^a divisão. Este homem me recebeu muito bem, mas, infelizmente elle era estranho á finalidade do governo, fundando Santa Cruz de Linhares porque elle dizia dos Mineiros que tinham a coragem de

navegar sobre o rio: “eu não gosto daquella gente e nada farei em seu favor”. No dia seguinte da minha chegada á casa de João Felippe, fui visitar o bello lago de Juparanan que está situado a alguma distancia de Linhares.

Depois de haver atravessado o Rio Doce nós entramos num pequeno riacho cujas aguas se reúnem ás do rio immediatamente abaixo da villa. Esta ribeira parecia não ter nenhum curso e reflectia a côr escura dos massissos de arvores que appareciam nas margens. Algumas estendem seus ramos, formando abobada por cima da ribeira, outras se reclinam inteiramente no seu leito.

Cipós espessos se elevavam, por assim dizer, de uma a outra arvore e formavam, em se reunindo, densas massas de verdura, impenetraveis ao sol. Algumas vezes se notam largas aberturas no meio das brenhas e conhece-se logo, que ellas são trabalho de animaes ferózes dos quaes as trilhas ficaram marcadas na lama. A ribeira forma innumeras voltas, tem talvez cerca de meia legua e é embaraçada, constantemente, por troncos derubados.

Experimenta-se uma surpresa agradável, quando, ao sair desse canal estreito e sombrio, encontra-se, de repente, um bello lago que mostra uma vasta extensão d’agua, cujo limite escapa ao

olhar. Parece que a lagoa Juparanan (150) deve a sua origem a um corrego do qual não se conhece a nascente. As aguas deste ribeiro, muito pouco inclinadas para a confluencia, ter-se-iam espalhado sobre a terra e formado o lago.

Este, muito menos largo que comprido, se estende, mais ou menos, de norte a sul; é limitado por mattas virgens, mas, sendo suas margens muito afastadas, as florestas o embellezam sem o tornar sombrio.

Do meio das suas aguas se ergue uma grande ilha que contribue para embelleza-lo e que eu vi ao longe. O lago Juparanan é muito abundante em peixe, como as suas margens o são de caça, principalmente em mutuns (craxalctor), pecaris e crocódilos (151). Os habitantes de Linhares vão constantemente caçar e pescar nessa região, mas não fizeram ainda nenhuma derrubada sobre as margens do lago. Dia virá em que ellas se anima-

(150) Snr. principe de Neuwied pareceria levado aqui a crer que o lago que cito poderia bem ser aquelle que Sebastião Tourinho pretendia haver descoberto em 1572, ao oeste do Rio Doce; mas o sabio ornithologista fez, elle mesmo, as objecções melhor fundadas contra esta opinião que é absolutamente inaceitavel. Juparanan vem das palavras da *lingua geral*: *ju* — espinho, dardo; *paranan* — mar, grande agua, *mar dos espinhos*.

(151) Trata-se aqui do *tiú*, cuja carne é, como se sabe, boa para comer.

rão com a presença do homem e se embellezarão com habitações numerosas; esse lugar será, certamente, então, um dos mais bellos do imperio do Brasil.

Nossa volta á fazenda de Bom-Jardim foi deliciosa. Era noite; porem, um ceu estrellado clareava tanto a ribeira que os nossos remadores, acostumados com a vegetação, puderam evitar, sem trabalho, os troncos derrubados. Ouvimos o canto da cigarra e o barulho confuso produzido dentro da matta pelos animaes selvagens. Fóra disso, nenhuma briza agitava as folhas das arvores e o ceu estava sem nuvens.

Estendi-me na canoa, esqueci todas as fadigas de minha viagem e experimentei esse bem estar que Rousseau tão bem descreveu numa das suas divagações.

Trouxemos deste passeio um pevari, um macaco, algumas lagostas e o mais bonito dos palmipedes. Matando esse passaro, meu criado experimentou um momento de alegria.

Como lembrança do pobre Prejent, rapaz muito recommendavel, eu havia promettido a mim mesmo conservar sempre o encantador palmipede do lago Juparanau. Durante a longa doença de que fui victima em minha volta, o passaro teve a

mesma sorte do resto das minhas collecções zoológicas (152).

(152) Eu disse, mais acima, que, pelos cuidados do Sr. Guido Thomaz Marlière, director geral da civilização dos indios, os Botocudos, habitantes das terras de Minas Geraes, vizinhas do Rio Doce, se tinham aproximado, depois de minha partida, dos luso-brasileiros. Alguns detalhes sobre este notavel acontecimento não serão, talvez, sem interesse. O Sr. Guido Marlière, depois de ter sido militar na Europa, chegou ao Brasil em 1808 e foi aproveitado em um importante regimento, em Minas Geraes. A qualidade de francez atrahiu primeiro sobre o Sr. Marlière perseguições absurdas, mas logo lhe renderam justiça completa e desde esta epoca elle consagrou sua existencia inteira á felicidade dos indigenas. A civilização dos coronados de Caiapés e dos Purys foi objecto de seus primeiros trabalhos (Vide Eschewege — "*Journal von Bras.*", II). Era muito difficil extinguir o odio que tinham aos luso-brasileiros os botocudos irritados por uma longa guerra e barbaros tratamentos. A philantropia de Guido Marlière venceu todos os obstaculos. As primeiras tribas que se entregaram a elle foram as da margem meridional do Rio Doce (fins de 1823). Estas tribas conhecidas sob o nome de Zamplan viviam num estado de terrivel hostilidade com as da margem norte, chamadas Naknenuk. Tornados amigos dos portuguezes os Zamplan tentaram obter que Guido se reunisse a elles para tomar de assalto, por traição, aos seus inimigos, exterminar os homens e aprisionar as mulheres e as creanças; porem, como é facil imaginar, essa proposta foi recusada com horror (Marlière, compilados mineiros, pag. III). Pouco tempo depois (fim de 1824) os Naknenuk começaram a se submeter, voluntariamente, aos portuguezes (Marlière *in litt*). Elles mandaram as mulheres adiante, e estas, com o desejo de despertar a compaixão dos brancos, lhes mostraram os miseraveis machados de pedra de que se serviam os indigenas, que ainda não entraram em contacto com os brancos de nossa raça. Afim de interessar mais e mais os botocudos, Marlière

mandou fazer plantações para elles. Elle empregava nesses serviços soldados das divisões militares, e teve muitas vezes o prazer de ver estes ultimos abraçar os selvagens, que elles pouco antes exterminavam, como animaes selvagens. Um dos primeiros cuidados de Marlière foi severa vigilancia entre os soldados das divisões. Elle conseguiu a reforma dos velhos *amansadores de indios*; são essas as suas expressões; e os havia substituido por homens menos barbaros e estabeleceu, como regra geral, que não haveria promoção facil para os soldados cuja conducta tendesse a afastar os indigenas. Marlière fixou seu quartel general no sitio chamado Galho, acima da confluencia do rio de Sto. Antonio e fez ali plantações de bananeiras, de mandioca, de milho, de arroz, de abacaxis, de cafeeiros, etc., das quaes os resultados foram alem da sua expectativa. Elle fundou ainda outras colonias, principalmente a que recebeu o nome de Petersdorff e, esta, situada acima da confluencia do Percicaba. Em pouco tempo, mais de 400 sesmarias foram distribuidas nos desertos do Rio Doce. Uma circumstancia particular interessava os mineiros a se estabelecerem nesta região. O governo commettera o erro de conceder, por 20 annos, a uma sociedade anglo-brasileira, a navegação do Rio Doce e a pesquisa do ouro neste rio e nos seus affluentes. Ciumentos de verem os estrangeiros despojalos de suas riquezas, para ir usufrui-las, rapidamente, na Europa, os naturaes se apressavam em evita-los e se espalhavam nestas florestas immensas, apesar de povoadas apenas por bolocudos. Pelo que respeita a estes ultimos, o ministerio e o governo provincial de Minas Geraes, é fôrçoso que se lhes faça justiça, favoreciam, por todos os modos, as bemfazejas intenções de Marlière. Convidaram-no a expor suas ideas sobre as medidas que se deveriam tomar afim de consolidar seus trabalhos e apressar a civilisação dos indigenas. Marlière respondeu com uma nobre franqueza, não temeu em assignalar os abusos e indicou meios que lhe pareceram mais proprios para assegurar a felicidade dos indigenas. Suas memorias dedicadas aos administradores mostram uma ingenuidade cavalheiresca, que não pertence mais á nossa epoca. Na minha correspondencia com este homem de bem, eu lhe

submittera algumas idéas que mereceram sua approvação e não pude ler, confesso, sem um profundo enternecimento as palavras seguintes que achei numa de suas cartas; ellas foram para mim uma recompensa bem lisonjeira e que eu absolutamente não mereci: "Eu me afflijo pela vossa má saude, como si vós fosseis um irmão; vós não sereis chorado apenas pelos que se dedicam á sciencia; o sereis tambem, pelos meus pobres indios; elles aprenderam que, noutro hemispherio, tem um amigo que pleiteia sua causa no tribunal da humanidade; eu serei vosso interprete junto a elles, logo que elles me possam comprehender". Marlière propoz ao governo de Minas encorajar os casamentos mixtos, chamar para ministrar a instrucção moral e religiosa aos botocudos alguns padres estrangeiros, que não fossem imbuidos dos mesmos preconceitos que os padres mineiros, embora muito poucos regulares, compartilham com o resto de seus compatriotas, afastar das aldeias os desertores e os vadios que roubam aos indios, os maltratam e offendem ás suas mulheres; prohibir aos commandantes dos districtos mandar indios longe de sua região, entre homens que os fazem trabalhar com pancadas, nas grandes estradas; restringir o commercio de aguardente nas aldeias, conceder indemnizações aos mestres de officios que se queiram encarregar de os ensinar aos indios moços (aqui o sr. Marlière cita o tenente-coronel Joaquim dos Reis, que, embora muito pobre, criara um grande numero de moços indios); substituir por officiaes da reserva os actuaes directores das aldeias, geralmente ignorantes, preguiçosos e sem dignidade; fazer restituir aos indios as terras roubadas, etc. Amor e lealdade para com elles, meus amigos, exclamava Marlière, e teremos homens!" Mas, para executar os planos do bom Marlière seriam necessarios homens que se lhe assemelhassem. Onde os encontrar?

"Cincoenta e oito annos balem á minha porta — escrevia-me elle — tenho dois ferimentos: tenho 40 annos de luctas; viajei innumeradas vezes e quasi sempre tinha de me contentar com má alimentação. Teria necessidade de algum repouso, mas procuro em vão um successor; ser-me-á necessario morrer por esta pobre gente e entre

elles". Marlière deu aos luso-brasileiros a posse de uma extensão immensa de florestas e fez aos indios todo o bem que lhes podia fazer; procurou para elles alguns annos de paz. Entretanto, o vestigio de seus nobres beneficios se apagará dentro em breve; e não terão conseguido, realmente, sinão o resultado de accelerar a destruição daquelles de quem elle queria fazer a felicidade.

"Não ousou esperar a felicidade de ver estes meninos outra vez", escrevia elle ao governador de Minas, fallando de alguns jovens botocudos dos quaes elle custeava a educação no Rio de Janeiro; "mas elles guardarão na sua lembrança o capitão Nherame (o capitão velho) e virão pagar o tributo das lagrimas de sentimento, onde descansarem meus ossos, porque sou um amigo destes homens da natureza". Oh! Sem duvida elles terão muita razão de prantear o velho capitão; porem, estes homens fracos soffrerão e não lastimarão o velho chefe. (*)

(*) Devo dizer, entretanto, que o joven indio Pedro Telle, que eu levei das missões do Uruguay para a França, e que serve hoje na Legião Estrangeira, em Algeria, escreveu, do seu proprio punho, aos seus benefactores, logo que chegou em Africa, testemunhando seu agradecimento.

CAPITULO VIII

OS EMPREGADOS DO AUTOR ADOECEM NA EMBOCADURA DO RIO DOCE — O POSTO DE COMBOIOS — A ALDEIA INDIGENA DE PIRIQUIASSÚ

O AUTOR DESCE O RIO DOCE. REFLEXÕES SOBRE A SOLIDÃO. OUTRA LAGOA JUPARANAN. ADOECEM OS EMPREGADOS DO AUTOR, NA FÓZ DO RIO DOCE. FALTAM PROVISÕES. PROSEGUE A VIAGEM. COMBOIOS. HISTORIA DESTE POSTO. O AUTOR VIAJA SOBRE O RIO DA ALDEIA VELHA. OSTREIRAS. ALDEIA DE PIRIQUIASSÚ: SUA HISTORIA, SUA SITUAÇÃO, SUAS CASAS; INDIOS QUE A HABITAM; SUA POBREZA, SEU COSTUME, SUA PREGUIÇA, E SEU DESCUIDO; DE QUE MANEIRA SÃO TRATADOS. O CAUIM: COMO SE PREPARA ESTA BEBIDA. O AUTOR VOLTA A ALMEIDA. CURIOSIDADE DESPERTADA ENTRE OS HABITANTES DESSA VILLA PELO BOTOCUDO FIRMIANO. CRIANÇAS INDIGENAS. TROPEIROS.

Parti de Linhares, em uma canoa que pertencia a João Felippe. O tempo não estava nublado, como no dia em que subi o Rio, e eu gozava saúde perfeita; o aspecto da região me agradou muito mais. Não ha lugar que não receba nenhum encanto de um ceu sereno e as cousas não nos apresentam os mesmos aspectos quando gozamos saúde perfeita e quando estamos cansados ou sofremos. Não é preciso, pois, se admirarem, quando aconteça que os viajantes não descrevam sempre os mesmos lugares de uma mesma maneira. Nós parámos ainda um instante na casa de Antonio Martins. Não foi sem real sentimento de pena que fiz minhas despedidas a esse homem respeitavel. Distante de todas as creaturas, sem vizinhanças, sem sociedade, sob um tecto coberto de palha, privado de todas as commodidades da vida, Martins passava dias felizes no seio de sua familia. Eu não trocaria pelos thesouros de meu rei as consolações que isto me offerece, exclamava elle mostrando-me seu pequeno oratorio; e era por certo dizer muito, porque nessa epoca os brasileiros, que viviam distantes das cidades, tinham uma idea bem magestosa do seu soberano e de suas riquezas.

A solidão embrutece ainda mais o individuo ja corrompido; os sertões do Brasil offerecem muitos exemplos; entretanto, ella acaba por apurar aquelles que já possuem algumas virtudes; na carencia de motivos, suas paixões se extinguem; nada tendo de esperar dos homens, elles elevam seus pensamentos para a fonte de todo o bem e se esforçam por se tornarem, suavemente, melhores, dia a dia. Não pensarei nunca, sem saudade, no bom Antonio Martins e naquelle respeitavel colono que me recebeu com tanta hospitalidade nas margens do São Francisco e mostrara tanta resignação no meio de suas misérias (153). Antonio Martins, que tinha 60 annos, me contou que no tempo do seu avô haviam apparecido sobre as margens do Rio Doce algumas tribus de indios que se haviam mostrado amigos dos portuguezes, deixando perceber, ao mesmo tempo, um odio implacavel aos indios civilizados que elles chamavam tupís.

Os Macunis (154) pretenderam atacar estes ultimos, mas, logo se retiraram porque souberam que seus inimigos seriam apoiados pelos portuguezes.

(153) Encontram-se na minha 3.^a relação os detalhes sobre as nascentes do Rio S. Francisco, até hoje desconhecidas.

(154) Dei na minha 1.^a Relação, vol. II, pag. VI, os detalhes sobre esta tribu indigena.

E' difficil que este facto não seja verdadeiro, porque, onde o bom Martins, que não sabia geographia nem historia, iria achar os nomes *tupis* e *macunis*... A narrativa deste colono tendia a provar, assim me parece, que a palavra *tupi* era, como me havia dito o velho indio da Villa d'Almeida, um cognome injurioso, imaginado pelas tribus do interior para tornar ridiculos os indios da costa. A alguns tiros de espingarda da casa de Antonio Martins, começa nas mattas virgens um lago que se chama Juparanan, mas que se deve evitar de confundir com o grande lago de Juparanan, visinho de Linhares. Bem differente daquelle, o primeiro tem uma agua suja e lamacenta, onde nascem milhares de mosquitos.

No tempo das aguas, esse lago transborda e vae desaguar no mar, no lugar chamado Barra Secca (155). Ali está um posto militar e mais distante começa o arcebispado da Bahia. Não é só a diocese do Rio de Janeiro, que acaba em Barra Secca; lá acaba, tambem, a jurisdição administrativa do Espirito Santo.

Durante todo o tempo que nós descemos o rio, Firmiano teve febre e logo que cheguei ao posto de Regencia soube que Manoel da Costa havia soffrido dois ou tres accessos dessa doença.

(155) Este é o erro de Pizarro em pensar que este 2.º lago Juparanan é um braço do Juparanan de Linhares.

No dia seguinte, o botocudo estava muito peor e esteve continuamente prostrado. Minha posição tornava-se embaraçosa. Prêjent havia perdido sua saúde, irremediavelmente. O pedestre Luis, que me servia de guia, era corajoso e prestativo, mas, depois de ter adoecido experimentou successivas recaídas; enfim, os unicos individuos de minha expedição, que desfrutaram boa saúde durante toda minha viagem, estavam então peores que os outros dois. Claro que eu não podia afastar-me do Rio Doce e sob as mesmas influencias que minha gente, corria os mesmos riscos de ficar, como elles, attingido pela febre. De outro lado, minhas provisões estavam quasi esgotadas e eu não tinha nenhum meio de renova-las, pois que eram necessarios, pelo menos, tres dias para fazer a viagem a Linhares e os soldados do posto não podiam estar continuamente á minha disposição. Essas pobres creaturas eram tão boas que teriam de boa vontade partilhado tudo que possuissem, porém a elles mesmos faltava quasi o necessario. Sua physionomia amarellada e anemica attestava a insalubridade do sitio que elles habitavam e pôde ser mais ainda a insuficiencia de sua alimentação habitual. Elles não viam, effectivamente, senão de farinha de mandioca, que iam procurar na casa de Antonio Martins e do producto muito casual da caça e da pesca, principalmente de lagarto, tatús e ovos de

tartaruga. Eu fui forçado a reduzir nossa ração de feijão e toucinho e, aproveitando a boa vontade dos pedestres do posto, comeccei a compartilhar com elles os fracos resultados de sua caça. No primeiro dia mataram um desses grandes tatús que se chamam na região — tatú-assú, (*Dasypus gigas* cuv) (156). Mas, foi-nos impossivel supporlar a carne, por causa do cheiro de almiscar extremamente forte que a impregnava. Durante dois dias eu tive apenas uma insignificante ração de feijão e um pouco de tatú verdadeiro, embora com sabor detestavel; em seguida fui mais feliz, pois comi um pedaço de cotia que os pedestres haviam apanhado no mundeó e da qual a carne me pareceu semelhante á dos nossos coelhos. Eu resolví fazer cada um dos meus doentes tomar um vomitorio. A febre deixou immediatamente Manoel da Costa; mas, Firmiano não teve a mesma felicidade. Entretanto, como esse tinha ainda força de manter-se a cavallo, eu tomei a decisão de abandonar a embocadura do Rio Doce, para voltar á Villa da Victoria, esperando que melhor agua e mudança de ar produziriam sobre meus doentes um effeito mais salutar que todos os remedios. E nos foi absolutamente impossivel percorrer em um só dia a longa distancia que sepa-

(156) Depositei este especimen no Museo de Paris; não sei, entretanto, dizer si ainda está lá.

ra o Rio Doce do posto do Riacho. Tomei, pois, a resolução de ir dormir no quartel de Comboios (posto de condução) situado na matla, a alguma distancia do mar. Depois de haver percorrido tres leguas sobre uma praia abandonada, que já descrevi, cheguei a uma grande cruz, perto da qual começa o caminho que leva a Comboio. A trilha é tão pouco frequentada que foi preciso, em um certo lugar, empregar o machado para abrir uma passagem. Emfim, depois de haver caminhado meia-legua na floresta, chegamos a Comboio. Ali eu vi apenas uma cabana. Esta é situada á margem esquerda de um correjo de largura mediocre, que serpenteia, agradavelmente, entre duas margens lamacentas, orladas de mattas virgens. O Rio dos Comboios, como é chamado esse correjo, nasce a pouca distancia do posto e se lança acima da povoação dos Campos do Riacho. O unico caminho que vae directamente da praia ao quartel é o que eu percorri; porem, atravessando o correjo, encontra-se um outro que conduz á povoação no qual falei ha pouco. Todavia, esse posto é distante de todas as habitações e os botocudos nunca apparecem nas suas proximidades; e a sua utilidade é apenas para os viajantes que não fazem em uma só etapa o caminho de Riacho á Regencia, tendo, apenas, a serviço, dois homens; um era um negro livre e outro um

mulato, casados cada um com uma indigena. Essa boa gente, que vivia separada de todo mundo, recebeu-me muito bem e prestou-me innumerados favores.

Eis aqui a historia do quartel de Comboios:

Ha cerca de cincoenta annos (escripto em 1818) um homem perseguido pela justiça foi estabelecer-se sobre as margens do Rio Doce, no lugar onde está hoje o Quartel de Regencia e ali fez uma plantação bastante consideravel. Esse homem havia imaginado transportar em carro de boi até ao Rio dos Comboios as mercadorias que elle queria vender e lá elle as embarcaria sobre canoas, para faze-las descer, em seguida, até a povoação de Riacho. No lugar onde descarregavam os carros, construiu uma choupana a que deu o nome de comboio, o que indica bastante sua utilidade; e é ali que é hoje o quartel. Esse mesmo homem, logo que chegou ao Rio Doce, foi acolhido amigavelmente pelos botocudos e durante muito tempo viveu com elles amistosamente. Entretanto, um dos chefes indigenas enamorou-se da filha do portuguez e pediu-a em casamento ao pae. Este adiou a questão, mas, como o indio renovasse, sem cessar, suas importunações, o branco imaginou para desembaraçar-se delle e dos homens de sua tribu de lhes presentear com quin-

quilharias infectadas de virus variolico (157). Muitos botocudos foram victimas dessa horrivel perfidia; os outros, suspeitando da verdade, destruíram a casa do branco e una capella que della dependia; e depois dessa epoca. os portuguezes do Rio Doce têm sempre estado em guerra com os selvagens. A cabana de Comboios foi abandonada; mas, logo em seguida, sob o governador Pontes estabeleceram-se differentes postos para a protecção dos caminhos e das casas expostas aos ataques dos botocudos; fez-se dessa cabana uma pequena caserna.

As florestas que a cercam, pouco frequentadas pelos caçadores, eram muito fartas de caça. Prejent que havia ido caçar voltou pouco tempo depois com um pecari; um grande lagarto e muitos passaros entre os quaes uma galinacea boa de se comer.

Durante a viagem de Regencia a Comboios, Firmiano, apezar de montado, tinha dormido sempre. Elle chegou ainda muito doente, mas para a noite a febre declinou e elle ficou completamente bom.

(157) O Snr. Principe de Neuwied conta que em uma outra parte do Brasil se usou o mesmo processo para se desembaraçarem dos indios selvagens.

Chegado á Aldeia Velha (158) fiquei ali um dia, para ir visitar a Aldeia de Piriquiassú. O capitão Manoel Francisco Guimarães, do qual já fallei, deu-me uma canoa e dois indios para conduzi-la. Esperamos a maré cheia e eram onze horas quando embarquei. Antes de partir, meus indios me pediram algum dinheiro para ir beber e eu fui muito generoso pois, quando embarcamos, um desses se achava de tal maneira embriagado que era incapaz de suster o remo. Felizmente eu havia trazido meu camarada Luis; sem elle, teria passado os maiores embarços. Como disse, a ribeira de Aldeia Velha póde ter na sua foz a mesma largura, talvez, que o Sena na Ponte Nova. Até a Aldeia de Piriquiassú, e talvez mais longe, a maré se faz sentir e nesse espaço as aguas do rio são salgadas como as do oceano. Até a fóz, a margem sul, muito elevada, apresenta um amphiteatro de arvores que se differenciam entre si pelo tamanho e folhagem. Do lado do norte, ao contrario, o terreno é baixo, coberto de mangues, assim como de outras arvores amigas dos alagadiços visinhos do Oceano. Cerca de um quarto de legua da Aldeia Velha, passei deante da con-

(158) Pode-se consultar sobre esta povoação a descripção que eu dei em um dos capitulos precedentes (Aldeia Velha).

fluencia do correjo que vem do Sul (159) e continuei minha viagem sobre o outro braço. Pouco acima desse lugar até a Aldeia de Piriquiassú, as duas margens do correjo são igualmente planas e tambem inundadas no tempo das marés e cobertas de mangaes extensos e outras arvores de paúes salgados. Nos lugares onde essa vegetação deixa entre si espaços descobertos, os índios teem o costume de fazer armadilhas com folhas de palmeiras, onde o peixe entra quando a maré sóbe, para apanha-lo sem trabalho quando as aguas descem.

Atraz dos mangaes o terreno se eleva sensivelmente. Continuando minha viagem ouvi a distancia o barulho do tambor e logo encontramos uma canoa cheia de índios rebocando uma outra que se inaugurava. Por occasião desse acontecimento, celebrava-se uma festa. No centro da canoa nova havia uma cruz erguida, mas, só havia duas pessoas alli. A outra canoa, ao contrario, estava cheia de índios, homens e mulheres que, apertados, gritavam e cantavam, acompanhados por uma flauta e um tambor.

Cérca de legua e meia ou duas leguas de Aldeia Velha, chegamos ás ostreiras de que já fallei; estas são colinas que se elevam nas duas margens

(159) Veja o que eu disse no Cap. VII sobre o Riacho de Aldeia Velha.

do rio e que são quasi inteiramente compostas de conchas, apenas misturadas com uma e outra especie de conchas bivalvas. Estas ostreiras são abandonadas e cada um pôde procurar nellas a quantidade de material que necessitar para fazer cal. Outr'ora construíram fornos junto das caieiras; mas, como os botocudos apparecessem na vizinhança transportaram-se (1818) as conchas para Aldeia Velha e é ali que se faz a cal que é, como já disse, para essa villa um importante (160) ramo do commercio.

(160) Eis aqui o que, segundo o Pe. Gaspar de Madre de Deus, Southey conta das ostreiras do Brasil: "Esta face da região é abundante em conchas e, em uma certa época do anno veem indigenas do interior para, no littoral, se alimentarem dellas. Elles construíam abrigos nos lugares menos humidos, no meio dos mangaes. Enquanto durava o tempo da pesca, elles comiam os moluscos fechados nas conchas e faziam secar grande quantidade destes animaes, para leva-los para suas aldeias. Este costume durou tanto tempo que as ostras amontoadas formaram pequenas colinas; terra vegetal foi se accumulando sobre estes montes e ali nasceram e se ergueram arvores. Estas colinas chamadas ostreiras forneceram toda a cal que foi necessaria na Capitania de S. Vicente (S. Paulo) desde sua fundação até agora. Em quasi todas ellas as conchas se transformaram em pedra de cal, não tendo em outras soffrido menor modificação. Entre ellas, soterrados, se encontram muitas vezes vasos quebrados e ossadas humanas. São esqueletos dos indios que morriam durante o tempo da pesca, os corpos dos quaes ficavam nos montes de ostras (H. do Braz., I, 36)". Eu me absterci de toda e qualquer reflexão sobre este commentario; dirci apenas que não creio que as ostreiras de Piriquissú estejam inteiramente fossilifi-

Navegando sempre, percebi, para oeste, as montanhas ainda deshabitadas de Taquatiba (161) que, sem duvida, se prendem á grande Cadeia Maritima. No lugar chamado Lameirão, vi a ribeira se alargar e formar uma especie de lago. Emfim, ás 4 horas, mais ou menos, cheguei a Aldeia de Piriquiassú. Ha pelo menos 40 annos (1818), essa villa não existia ainda. Os indios tinham, na verdade, suas moradas sobre as margens do corrego, mas, essas eram distanciadas uma das outras. Os botocudos fizeram uma excursão na região e, aproveitando-se do isolamento dos colonos, destroçaram muitas plantações e mataram muitos individuos. Para evitar a repetição de tamanha desgraça, Bom Jardim, que era então Capitão-mór da provincia do Espirito Santo, ordenou aos indios espalhados que se reunissem no lugar em que hoje é a Aldeia de Piriquiassú e ahí construissem casas. Deu-lhes um capitão de sua raça; e como tivessem estado afastados da população de Villa de Almeida e de Aldeia Velha, determinou que elles deveriam viver como os soldados, attendendo as ordens que lhes fossem dadas e a Aldeia tomou, então, o nome de Desta-

zadas. Sabemos que existem tambem grandes montes de ostras no Egypto, em Saintange e nas proximidades de Nice.

(161) Taquatiba quer dizer em guarany "lugar plantado de espinhos".

camento que conserva até hoje. Destacamento ou Piriquiassú, fica situado no alto de uma colina alongada que domina o correço. Descobrem-se na margem opposta outras colinas cobertas de matas. A oeste veem-se as montanhas de Taquatiba das quaes fallei ha pouco e a noroeste as de Araçatiba (162). Para o norte, acima do aldeamento, acha-se um valle profundo, cujas encostas são cultivadas pelos habitantes de Piriquiassú. Para alem da aldeia, para o lado de oeste, existem apenas florestas que servem de retiro aos botocudos e nas quaes os luso-brasileiros não ousam penetrar. As casas de que se compõe Piriquiassú ou Destacamento, são em numero de sessenta e tres. Muito chegadas umas ás outras, ellas cercam uma praça que tem o aspecto de um rectangulo. Todas são construídas de madeira e barro, não são caiadas e teem uma cobertura de palha, que, como a de todas as cabanas deste paiz é mais alta do que as paredes. Muito mal tratadas, essas casas denunciam indigencia e seu interior é tambem assim pobre. Não existem outros moveis senão uma rede, um banquinho e uns pótes de barro. Os habitantes de Destacamento, todos indios civilizados, não mostram, em sua roupa mais

(162) Provavelmente de *Araqua* especie de passaro (é o cracuan dos luso-brasileiros) e *andibe*, junto. Encontram-se detalhes sobre este passaro, no 4.º volume dos *Beiträge*, do sabio principe de Neuwied.

magnificencia que em sua casa. Os andrajos que os cobrem, são apropriados, mas quasi sempre em farrapos. Uma camisa e uma saia constituem toda a vestimenta das mulheres; os homens usam calça e camisa, e quando trabalham algumas vezes supprimem esta ultima. Alguns dentre elles trazem uma veste de lã escura e um boné vermelho. Se os habitantes de Piriquiassú são pobres é preciso apenas accusar disso a preguiça e o relaxamento natural aos de sua raça. Suas terras, na verdade, são pouco convenientes ao algodão; são porem muito favoraveis á cultura da mandioca; é na visinhança das suas florestas, que elles exploram as terras; e exportariam, sem difficuldade, os productos do solo, porque a entrada do Rio da Aldeia Velha não apresenta nenhuma difficuldade; as embarcações sobem quasi até a Aldeia.

A pobreza dos cultivadores de Piriquiassú não tem sido prejudicial á população do lugar. O chefe dos indios me assegurou mesmo que, desde a fundação da aldeia, o numero de habitantes tem augmentado consideravelmente.

Os indios de Piriquiassú estavam subordinados, como os de Benevente e de Almeida, ao desagradavel chamado de Trabalho que lhes fazia mensalmente o governador da provincia; mas não havendo entre elles nenhum branco, tinham ao menos a sorte de fugir a uma serie de pequenas humilhações. Eu lhes achei o ar de contentamento

tão natural entre os primitivos a quem não preoccupa o dia de amanhã.

Esta pobre gente acusava os subalternos das injustiças de que era victima e falava sempre da maneira mais commovedora do Rei. O Rei, diziam elles, quer que todos os homens sejam tratados igualmente; si elle soubesse do que se passa aqui, elle não o permittiria; mas nós não somos ricos para ir ao Rio de Janeiro e nossas queixas não chegariam até elle.

Os portuguezes, tornando estes desgraçados quasi escravos, não lhes tinham dado nenhuma compensação. Ninguém pensa em lhes ministrar a menor instrucção; não havia entre elles nem padre nem professor; era preciso, para se casarem, que fizessem uma viagem de 2 dias e os doentes morriam privados do consolo que a religião concede a seu filhos. Os indios de Piriquiassú guardam, entretanto, uma tradição confusa das verdades fundamentaes do christianismo; mas a veneração que elles têm por certos bemaventurados, é identica á que elles têm pelo proprio Deus, acontecendo a mesma entre um grande numero de luso-brasileiros, cuja creuça é bem semelhante á dos indios de Piriquiassú.

No dia seguinte ao em que visitei a aldeia, devia celebrar-se a festa de Todos os Santos, e todos os habitantes haviam preparado cauim ou cauaba, bebida embriagante que se prepara com

raizes de mandiôca. Cosinham-se raizes raspadas e depois reduzem-n'as a pasta, mistura-se-lhe uma certa quantidade d'agua e no dia seguinte pode-se beber o cauim. Taes são, pelo menos, os processos que os indigenas ensinavam; porem, os portuguezes garantem que os indigenas mastigam a raiz ao em vez de soca-la; o padre da Villa de Almeida parecia ser um homem veridico e me garantiu que muitas vezes encontrou indigenas sentados em roda de um grande vaso occupados em preparar, juntos, o licor favorito, ajudando-se com os dentes.

Seja lá como fôr, eu quiz ver e provar o cauim. Notei a côr turva e esbranquiçada do leite desnatado e um gosto de sôro, porem bem mais acido (163).

(163) Sabe-se que á sua chegada ao Brasil os europeos encontraram o uso do cauim espalhado entre os indios do littoral e que este era preparado pelas mulheres moças que neste preparo recorriam á mastigação. Antigamente, os indios faziam o cauim não só com a raiz da mandiôca, mas, com diversas outras substancias alimentares, e o snr. Principe de Neuwied diz que ainda hoje os moradores de S. Pedro dos Indios empregam mandiôca, batata ou milho. Eu escrevi a palavra *cauim* da mesma maneira que o autor muito antigo do Diccionario Portuguez e Brasileiro. No dialecto guarany, o Pe. Ruiz de Montoya escreveu *cagûl*, e seguindo este ultimo escriptor, *caguaba* identico a *cauaba* quer dizer — *muita bebida*, embriaguez. Quando os europeos trouxeram a aguardente para os selvagens, estes a chamaram *cauim tata* ou *cauim de fogo*. A palavra *cauim* parece ser radical.

Embarquei, com a maré alta, para voltar a Aldeia Velha. A noite nos surpreendeu logo; mas o tempo estava tranquillo, havia luar e não havia difficuldade em nos conduzir. A agua brilhava como a do mar, com uma luz phosphorecente, toda a vez que era ferida pelos nossos remos; ouvimos de um lado o estrondo dos tiros de Piriquiassú, para a festa do dia seguinte e do outro, os gritos alegres dos indios que continuavam a festejar o terem lançado na agua uma nova canoa.

Cheguei no dia de Todos os Santos á Villa de Almeida, onde se havia reunido um numeroso bando de indios. Excitei com minhas roupas, novamente, a sua curiosidade; mas era, sobretudo, Firmiano que chamava a attenção.

Cada um queria ver o tapuic; vinham contempla-lo como se examinassem um animal feróz, que tivesse, por fim, encontrado um senhor, depois de muita luta e não escondiam mesmo o odio e o desprezo que a sua raça inspirava nesta região. Eu me aborreci de tanta importunação e acabei, sem paciencia, botando-os pela porta a fóra. Os pobres indios são tão humildes e doces que nenhum delles se permitiu nem uma brincadeira nem um murmúrio.

Numerosas crianças indigenas brincavam na villa de Almeida, muito diferentes das crianças luso-brasileiras, desta e de outras provincias: saltavam e riam, de todo o coração. Notei, ao mesmo

tempo, que nos movimentos destes pequenos indígenas havia alguma cousa de brusco que não se observa nas crianças de outra raça.

A festa de Todos os Santos não foi um dia feliz para os indígenas da vizinhança. Os soldados da companhia de linha tinham vindo buscar 20 homens que deviam no dia seguinte partir para a Villa de Vianna ou S. Agostinho e tomar o lugar dos outros — 20 cujo mes de trabalho havia terminado. Eram os capitães indígenas que estavam encarregados de designar as victimas de penosa tarefa e á medida que estes chegavam á Almeida eram guardados na cadeia pelo receio de que elles cedessem á sua natural inconstancia, e depois de terem obedecido ás ordens de seus superiores tentassem fugir; o contingente de trabalhadores não devia partir no dia de Todos os Santos e esperava na prisão o instante da partida. Uma chusma de mulheres e crianças se agarravam ás janellas da cadeia, mas não pensavam em se affligr. Os prisioneiros e seus amigos riam, cantavam e tinham exclamações de alegria. Sem pensar no futuro, não havia para elles motivo de desolação — ainda estavam juntos!

E' bem verdade que os infelizes requisitados iam deixar mulher e filhos sem recursos e perdiam o momento opportuno de fazer suas plantações, unica esperança de suas familias.

CAPITULO IX

A NOVA COLONIA DE VIANNA — O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA — O AUTOR RETORNA AO RIO DE JANEIRO

O AUTOR VOLTA A CIDADE DE VICTORIA. VAE A COLONIA DE VIANNA. HISTORIA DESTA COLONIA E DO CAMINHO DA VILLA DA VICTORIA A MINAS GERAES. POSIÇÃO DE VIANNA; SUA IGREJA; PALACIO DO GOVERNADOR. ADMINISTRAÇÃO. CANÇÃO DE UM INDIGENA. CULTURA. PAVOR AOS BOTOCUDOS; MASSACRE DE UM GRUPO DE HOMENS DESTA NAÇÃO. O AUTOR VOLTA DE VIANNA PARA VICTORIA E CHEGA A BEIRA DA BAHIA DO ESPIRITO SANTO. ODIOS DOS LUSO-BRASILEIROS AOS BOTOCUDOS. EXCURSÕES A VILLA-VELHA. HISTORIA E DESCRIÇÃO DESTA PEQUENA VILLA. CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA. VISTA ADMIRAVEL. HISTORIA DO MONASTERIO DA PENHA. FORTALEZA. O AUTOR EMBARCA, EXPERIMENTA UMA TEMPESTADE E CHEGA AO RIO DE JANEIRO.

Regressei felizmente á Villa da Victoria e fui recebido pelo capitão-mór Francisco Pinto com tanta amabilidade quanto da primeira vez. Fui logo visitar o Governador. Recebi novos testemunhos de interesse e benevolencia e elle me prometteu um pedestre para acompanhar-me até a nova aldeia de Vianna (164), que eu desejava conhecer. E foi ainda o bom camarada Luis da Silva que o Governador me enviou como guia. Eu vim a cavallo de Jucutaquara, residencia do Sr. Francisco Pinto, até Victoria, onde tomei um barco do Governo conduzido pelo patrão-mór da barra. Como os indigenas, que ordinariamente serviam de remadores neste barco, eram empregados fóra, foram requisitados outros marinheiros. Nós costeamos as ilhas chamadas do Penedo e do Principe, passamos diante da embocadura do rio Jecu e desembarcamos no fundo da bahia do Espirito Santo. O Governador havia dado ordem para que eu encontrasse neste lugar um cavallo, e fiz montado cerca de tres leguas no meio de uma região muito desigual coberta antigamente de

(164) Todos, no paiz, dão a Vianna o titulo de villa; mas, eu devo dizer que Pizarro não lhe concede sinão o de povoação.

grandes mattas virgens, mas, que hoje em sua maior extensão apenas é capoeira (165). Nas cercanias de Vianna, distante cerca de 3 leguas e meia de Victoria, as mattas virgens são muito mais communs e a região se torna montanhosa.

(165) Não sei ainda a etymologia dessa palavra (capoeira) que apparece tantas vezes na minha 1.^a relação e nesta, e, que, como disse, indica as mattas que nascem nas plantações deixadas em abandono ou repouso. Como se observa muito bem em José de Sá Betencourt ("Mem. alg.", II) capoeira vem da palavra indigena *co-cuera* ou (Dic. Port.-Braz.) *cóquera*, *plantação antiga*. Em minha primeira Relação, fiz com algumas duvidas derivar do portuguez a palavra *catanga* que designa estas mattas de uma ordem inferior, cujas folhas cahem, todos os annos.

A etymologia indicada pelo Snr. José de Sá Betencourt parece-me mais verdadeira que a minha. Elle fez originar *catanga* das palavras indigenas *coa tanga*, matta branca, como são, diz elle, as que crescem nas terras menos fortes. Sabios allemães acreditam dever escrever *caalinga* e *caapim*. Esta orthographia pode ser muito racional, mas não é a que adoptaram os jesuitas, aos quaes se deve a fiscalização dos dialectos tupy e guarany. Elles escreviam *capim* em tupy (Dic. Braz.) e *capym* em guarany (Aut. Ruiz de Montoya); em geral, elles não separam por traços de união as palavras compostas; o naquellas elles eram guiados pela analogia, porque não se lhes separa mais na lingua allemã. Supponho, entretanto, que se escrevendo o tupy ou o guarany se use a orthographia *caapim* e *caalinga* e que não será necessário usar a mesma grafia quando estas palavras forem tomadas como brazileiras, ou para maior clareza. Com effeito, no Brazil estas palavras fazem parte da lingua portuguesa e são escriptas *capim* e *catanga*, *capoeira*. E seria tão estranho quanto escrever em francês *Rheims*, *burg* ou *landsknechte* com *Rhin*, *bourg* e *lansquenets*.

Ha 7 ou 8 annos (escripto em 1818) havia neste lugar, que se chamava Sto. Agostinho e onde é hoje Vianna, apenas 2 ou 3 cabanas. Durante muito tempo o governo havia prohibido toda a communicação entre as Capitánias de Minas Geraes e Espirito Santo, querendo assim tornar mais difficil o contrabando do ouro. Depois da chegada do Rei D. João VI ao Brasil, abriram-se os olhos e viram quanto era absurdo sacrificar á mesquinhas precauções, os interesses que deviam resultar do commercio de dois povos limitrophes, dos quaes um é visinho do Oceano e o outro póde fornecer ao primeiro ferro e outros artigos uteis. O Governo tomou pois a louvavel resolução de fazer um caminho que fosse da Villa da Victoria á Villa de Mariana. O caminho foi começado do lado da provincia do Espirito Santo, na aldeia de Sta. Maria, sobre o ribeiro do mesmo nome, ribeiro este, que, como eu já disse, desagúa na bahia de Victoria.

Entretanto, como é necessario fazer 6 leguas por agua, de Sta. Maria á Villa da Victoria, e os mineiros, cavalleiros habeis, recusam embarcar, tiveram a idéa de abrir um segundo caminho, sem, entretanto, renunciar ao primeiro. Preferiram o que conduzia a Sto. Agostinho, que se prolongou até alcauçar o de Sta. Maria que, como já se viu, devia chegar perto de Villa Rica. Começaram a fazer, por entre as florestas virgens, uma picada

que ia até a Capitania de Minas; quando de minha viagem, o verdadeiro caminho estava totalmente acabado, numa extensão de 10 leguas.

Viajavam neste caminho pedestres e indios e para que os muladeiros encontrassem durante a viagem viveres e abrigo, havia o projecto de collocar, de 3 em 3 leguas, soldados que seriam suprimidos logo que os colonos se estabelecessem á beira do caminho (166). Santo Agostinho, embora muito proximo de Victoria, era entretanto o ponto mais afastado, onde se acha terra cultivada.

Eu tomei a resolução de dar importancia a esta povoação e seis por que meios o consegui. A população dos Açores é como se sabe muito consideravel e um grande numero dentre os seus habitantes vive em extrema miseria.

O Governo havia feito vir de Açores para o Brasil cerca de 50 familias, promettendo-lhes

(166) Do lado de Minas, eserevia-me, em 6 de Dezembro de 1824, o Snr. Guido Thomaz Marlière: o caminho fôra feito sob minha inspecção; fôra completamente acabado e frequentado, durante algum tempo, por caravanas e muladelros. Entretanto, os mineiros não conseguindo vender seu gado e outras mercadorias na villa da Victoria, onde os habitantes, em sua maioria, se alimentavam de peixe e mariscos, acabaram renunciando a todo commercio com o Espirito Santo; e agora o caminho está obstruido por troncos cahidos, cipós e galhos de arvores. E' bem difficil, acrescentava o Snr. Marlière, de accordo com Pizarro, que os habitantes tão apathicos da Prov. do Espirito Santo, façam florescente sua região. Os proprios botocudos conhecem a differença que ha entre esta gente e os mineiros.

terras; mandaram-n'as para Sto. Agostinho, que tomou então o nome de Vianna, que era o do intendente geral da policia.

Cada familia tinha sua casa, uma porção consideravel de terra, alguns animaes e instrumentos agrarios. Havia necessidade de dinheiro para custear estas despezas; tomaram-no, então, sobre os fundos distribuidos á policia, negociação bizarra que só se póde explicar pelas ligações de amizade e parentesco que havia entre o Governador da Provincia e o Snr. Paulo Fernandes Vianna, o intendente da policia geral.

Em uma escala que os ilhéos fizeram em Cabo-Verde, alguns apanharam (dizem) germens de uma doença perigosa; por outra, o ar de Vianna antes dos desbravamentos que foram iniciados logo depois, estava longe de ser salubre; os colonos não estavam acostumados a trabalhar sob o ceu ardente dos tropicos, e tiveram, logo que chegaram, a imprudencia de formar arrozaes nos alagadiços visinhos ás suas moradias. Muitos homens adoeceram e morreram. As mulheres foram menos sacrificadas; sabiam menos que seus maridos, não tinham assim as mesmas occasiões de beber aguas más e não iam nos lugares pântanosos. Hoje que a região está muito mais descoberta e é tambem mais saudavel não me parece que haja em Vianna mais doenças que em outro qualquer lugar.

Logo que os ilhéos viram morrer alguns patricios se apavoraram e pretenderam retirar-se. O Governo se oppôz a isto, alguns fugiram mas foram trazidos pela força armada para Vianna, e quando de minha viagem era ainda prohibido aos novos colonos irem estabelecer-se allures.

Elles se queixavam de uma tal medida, mas o Governo tinha perfeitamente, ao que me parece, o direito de impôr quaesquer condições a homens que elle tinha tirado da miseria e cumulado de beneficios. As queixas delles, ilhéos, eram fundadas, na razão unica de que lhes tinham prometido terras em Minas Geraes, Rio Grande, Sta Catharina e não na provincia do Espirito Santo.

Vianna se compunha de cerca de 60 casas, porem não eram reunidas em um só grupo. Algumas dellas construidas de terra e cobertas de palha foram feitas dentro das proprias posses e outras sobre uma colina separada. Ao redor das casas a matta foi derrubada e substituida por plantações de milho, de arroz, de feijão e de mandioca. No extremo de toda a zona cultivada ha uma ligeira elevação cujo alto apresenta uma larga plataforma onde se construiu a igreja, o presbiterio e tambem uma grande casa destinada ao governador.

Deste ponto se avista a leste uma parte das casas de Vianna e do lado de oeste uma grande caserna destinada aos soldados que protegem os

colonos contra os ataques dos indígenas. Por toda parte, menos a leste, montanhas bastante elevadas e cobertas de florestas espessas dominam o horizonte e dão-lhe limites estreitos. Este conjunto tem algo de simples e magestoso, eleva a alma, transportando-a ao recolhimento.

A igreja de Vianna não é muito grande, mas é bem illuminada e ornada com muito gosto. É certamente uma das mais bonitas que eu vi desde que estou no Brasil. Não poderci fazer o mesmo elogio da casa do Governador, grande construção de janellas perfeitamente quadradas, pesadas, mal distribuida, com entrada ao lado e á qual não se pensou nem em juntar um jardim. O governador Rubin, que foi o creador de Vianna, passava tempos nesta casa á qual se dava o pomposo nome de palacio, mas é de crer que ella tenha sido abandonada pelo seu successor.

A administração de Vianna era confiada a um tenente de linha que commandava o destacamento acantonado perto da nova colonia e os vizinhos. Era elle quem dirigia os trabalhos e era obrigado a prestar conta de tudo ao governador que em seguida dava suas ordens pormenorizadas. Quando de minha viagem, estavam acabando a torre da igreja. Eram os indios que transportavam terra e faziam todos os trabalhos pesados. O tenente Bom-Jardim, commandante de Vianna, me contou que um dos seus homens tocava guitarra

todas as noites, cantando na sua lingua as palavras seguintes: "É bem contra minha vontade que eu estou aqui; quando verei os lugares onde nasci?" (167). Como é muito raro que os indios civilizados cantem na sua propria lingua eu pedi ao tenente que me escrevesse a canção que elle me tinha repetido. Elle o fez com complacencia porém temendo comprometter-se poz sob o texto a traducção seguinte que differia da primeira e é evidentemente infiel: "Estou bem aqui, porém gostaria mais de estar nos lugares em que nasci".

As terras de Vianna são favoraveis a qualquer genero de cultura; mas as grandes formigas (sauvas) são infelizmente muito communs neste districto e fazem terriveis estragos. Tem-se procurado adoptar aqui algumas plantas da Europa, taes como o linho e o fermento (especie de trigo). Estes ensaios não tem sido felizes; eu creio, todavia, que isto cabe menos ao clima e natureza do solo que á inexperiencia dos colonos acostumados á agricultura das regiões equinoxiaes.

Os agricultores de Vianna tem a felicidade de possuir em suas cercanias um pequeno rio, que

(167) Esta canção indigena é a mais poetica de todas as que recolhi. Nada é em geral mais simples e menos figurado que a linguagem dos indios; por conseguinte, é necessario considerar como absolutamente imaginoso o que a respeito pretendem poetas, romancistas e até historiadores (Veja m. 1.^a Rel., II, 166).

si bem que estreito, é navegavel pelas pirogas desde a colonia até a bahia de Victoria e facilita a exportação das mercadorias do lugar.

Todas as numerosas vantagens que usufruem os habitantes de Vianna eram na epoca de minha viagem, bem tristemente compensadas pelo temor que sem cessar havia pela visinhança dos indios inimigos.

De resto, tão barbaros se mostravam estes ultimos que era bem justificado o pavor. Pouco mais ou menos 20 dias antes de minha chegada ao lugar, o tenente Bom-Jardim soube que elles haviam massacrado um colono e raptado um dos filhos. Elle pôz-se a perseguir os selvagens, seguindo dias e dias suas pegadas no meio das florestas; no fim do terceiro dia, elle descobriu barracas de folhas de palmeira onde elles deviam passar a noite.

Elle ali se escondeu com a sua tropa e ao nascer do dia cahiu sobre os inimigos que nem tiveram tempo de agarrar suas flexas. Os homens e as mulheres foram mortos a golpes de faca pelos luso-brasileiros, sem se poder defender; foram poupadas apenas duas crianças muito pequeninas, um menino e uma menina que o tenente Bom-Jardim levou consigo. Encontraram nas barracas numerosos objectos pertencentes aos portuguezes, principalmente facas, machados e chapéus, cuja descoberta causou tanto mais admiração,

quanto desde algum tempo não se ouvia dizer que os selvagens houvessem pilhado nenhum lugar. Observou-se muito, também, que os dois meninos aos quaes o tenente conservara a vida se chamavam Antonio e Anna que são nomes portuguezes (168).

O tenente Bom-Jardim teve a bondade de me fazer presente de um bonito collar que havia sido tomado a uma índia selvagem e se compunha de duas voltas ou ordens de pequenos grãos negros separados por dentes de *cabiai*.

No Rio Doce, me haviam dado também 2 instrumentos de musica roubados aos selvagens e que attestavam bem a barbaria delles; eram apenas cordões no meio dos quaes estava preso um enorme amarrado de cachos de peçaris entreineados com alguns pedaços de pelle de veado bem ressecada (169).

Como os indigenas, que foram mortos nas florestas de Vianna pela tropa de Bom-Jardim tinham o labio inferior e as orelhas furadas, era

(168) Si Anna não é precisamente um nome portuguez é pelo menos uma palavra desta lingua, ligeiramente alterada.

(169) O Sr. Principe de Neuwied falou em *coteas* semelhantes aos que eu descrevi acima. Quanto aos instrumentos de musica, foram-me dados no paiz como colares. Porem Firmiano me esclareceu sua verdadeira utilidade, e, custa a crer, de facto, que elles possam ter outra, que não seja produzir barulho.

evidente que pertenciam á nação dos Botocudos. Mas este nome é pouco conhecido na provincia do Espirito Santo, onde os selvagens são geralmente designados pelo nome de Bugres ou Genticos.

Eu fora recebido em Vianna pelo tenente Bom-Jardim que me acompanhou por todos os lugares e respondeu com extrema complacencia ás minhas perguntas. Como era muito tarde, quando acabamos nossos passeios e o tempo não estava bom, eu me decidi a passar a noite na nova colonia.

Pondo-me a caminho, no dia seguinte cedo, cheguei logo á margem da bahia do Espirito Santo e soube que o patrão-mór da barra havia vindo procurar-me na vespera e me esperara até 11 horas da noite. Muito lastimei ter perdido esta occasião, porque me era necessario perder todo o dia antes de encontrar uma barca. Depois de ter esperado muito tempo na praia, eu penetrei em uma casa para me abrigar do sol e encontrei diversas pessoas que, como eu, queriam voltar para Victoria. Falou-se muito dos indios selvagens; era naquelle paiz um assumpto inexgotavel de conversação e nunca era iniciado sem mostrar contra estes desgraçados um odio que chegava até ao delirio. Um pedestre que ali se achava não se cansava de testemunhar sua admiração pelo official que guardava em sua casa um filho do Genticos e jurava que em lugar do tenente Bom-

Jardim estrangularia a criança. Tentei em vão fazer comprehender a estas bravias creaturas que taes sentimentos não estavam perfeitamente de accordo com a religião que ellas pretendiam professar. A seus olhos os gentios não pertenciam á especie humana; eram animaes ferozes (170).

Ao anoitecer appareceu, enfim, uma pequena canoa de indios e eu me apressei em toma-la. Mas todos os homens que estavam commigo na venda quizeram aproveitar a mesma occasião. O barco estava muito carregado; começou a ventar e foi com grande prazer, eu o confesso, que cheguei á Villa da Victoria.

Antes de retornar ao Rio de Jaueiro, eu quiz ver Villa Velha e o famoso mosteiro de Nossa Senhora da Penha, na entrada da bahia do Espirito Santo, do lado sul.

O Capitão-mór Pinto, que tinha para mim todas as gentilezas possiveis, offereceu-se para meu guia. Embarcamos em uma piroga e indo primeiro ao sitio de Santinhos, onde alguns azares me chamavam, tivemos o prazer de contemplar a vista magnifica que eu havia admirado ao chegar á Villa da Victoria e que já descrevi.

(170) Na epoca de minha viagem, os colonos da parte de Minas Geraes, visinha ao Rio Doce, mostravam tanto odio aos Botocudos, como os habitantes do Espirito Santo e não praticavam menores barbaridades em suas vinganças.

Logo depois tomamos nossa canoa e nos dirigimos para a entrada da bahia; depois de haver contornado as montanhas que a circundam do lado do sul, chegamos a um ancoradouro dominado pela montanha da Penha e no fundo do qual está situada a captivante aldeia de Villa Velha, onde desembarcamos.

Villa-Velha foi, como eu disse, o primeiro estabelecimento que os portuguezes fundaram na provincia e se chamou primitivamente Villa do Espirito Santo.

Os ataques dos selvagens, originariamente muitos repetidos, forçaram logo os europeos a se retirarem para a ilha de Duarte de Lemos. Porem, outras razões ainda contribuíram para impedir que a Villa do Espirito Santo ou Villa Velha adquirisse alguma importancia: as aguas são alli de má qualidade, o ancoradouro, á beira do qual a villa foi construida, é raso e as embarcações não podem navegar nelle; e por ultimo as terras da vizinhança são por demais arenosas para serem cultivadas. Villa Velha se conservou séde de uma parochia e de um termo administrado por 2 juizes ordinarios e um senado municipal (camara). Comtudo, esta supposta villa é apenas um aldeamento formado quasi exclusivamente de cabanas meio arruinadas. Si bem que visinhas das montanhas, essas cabanas são construidas sobre um ter-

reno plano e são apenas cerca de quarenta (171). As menos estragadas se alongavam mais ou menos juntas até o mar e o lado opposto a este é tomado pela igreja.

Não podendo aproveitar suas terras, os habitantes de Villa Velha vivem apenas da pesca; são muito pobres e o seu numero diminue dia a dia. A parochia de Villa-Velha, disse Pizarro, se prolonga para o norte, numa extensão de tres leguas até a da Villa da Victoria; para o poente tem menos $\frac{1}{4}$ de legua; a oeste mais de 5 leguas, ao sul quatro e nesta extensão de territorio tem apenas 700 a 800 adultos (172).

A pouca distancia de Villa Velha, do lado de leste, se acha a montanha da Penha, que termina por um rochedo enorme sobre o qual se construiu o convento e a igreja consagrados á Virgem, sob o nome de Nossa Senhora da Penha. Vista dos arredores esta montanha apresenta um pittoresco aspecto.

O rochedo nú, o mosteiro e a igreja que a eneimam parecem, de longe, uma fortaleza e contrastam com as mattas espessas que cobrem os flancos da montanha.

Para se chegar á igreja, se passa primeiro por um arco e depois se galga um caminho ladeado

(171) Algarismos tomados a Pizarro.

(172) Pizarro — "Mem. Hist.", II, 8.

por dois muros, calçado por pedras grandes e chatas e sombreados por copadas arvores. Na extremidade deste caminho, exactamente em baixo do rochedo, se encontra uma plataforma sobre a qual se levantou uma construcção estreita, baixa e comprida, dividida em pequenos aposentos destinados aos peregrinos que a devoção attrae para a montanha. Desta plataforma se sóbe uma escada estreita cortada no rochedo e alcançando o convento se descortina uma vista de immensa extensão. Veem-se o mar, a parte oriental da bahia com suas ilhas, e do lado do sul e do sudoeste em frente ao morro da Penha, está o do Moreno que ao S. da bahia forma a ponta mais avançada para o Oceano; entre estas duas montanhas se acha a fôz do ribeiro da Costa do qual as aguas, após terem serpenteado por terrenos baixos e arenosos, visinhos do oceano, vão entulhar a bahia com as areias que carregam.

Depois de me haver extasiado com a vista da qual tentei dar um ligeiro bosquejo, fui visitar a capela e o convento da Penha. A fundação deste edificio remonta a uma epoca muito anterior. Cerca de 1553, um frade hespanhol chamado Pedro Palacios, passou pelo Brasil, procurando encaminhar os selvagens para o christianismo. Este homem se isolou na montanha da Penha que já era então coroada por duas palmeiras de grandeza notavel e construiu sua choupana á meia encosta

do morro. Acreditando, entretanto, que o Ceu lhe indicara por signaes sobrenaturaes que um edificio devia ser erguido em honra á Virgem, no alto do rochedo, elle não demorou em ali construir uma capella, onde collocou uma imagem á qual uma lenda attribuia uma origem miraculosa.

Pedro Palacios morreu muito venerado em toda a região. Depois d'elle, um homem piedoso se encarregou de zelar a capella, mas em 1591 as municipalidades reunidas de Villa da Victoria e Villa do Espirito Santo deram-na aos Franciscanos (173). Em 1637 a igreja foi muito augmentada, anexando-se a ella um convento capaz de receber 12 a 13 religiosos. Nessa epoca, o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correa de Sá e Benevides, tinha-se posto em campo para ir descobrir minas de esmeraldas e outras pedras preciosas; tendo passado pela provincia do Espirito Santo contribuiu muito para as despezas da construcção do convento da Penha e adjudicou a este monasterio um tributo annual de 25 cabeças de gado, provindas de suas terras em Goytacaz (174). A capella do Convento da Penha é muito pequena, mas, muito honita e bem ornamentada; não pude percorrer detalhadamente o convento; o que eu vi,

(173) Vê-se que não é, absolutamente, como se suppunha, aos beneditinos do Rio de Janeiro que pertence o convento da Penha. Concorde neste ponto com Casal e Pizarro.

(174) Pizarro — "Mem. Hist.", II.

entretanto, me pareceu muito notavel. Os religiosos que residem nelle são enviados do Rio de Janeiro pelos seus superiores; quando de minha viagem, elles eram apenas dez. Entretanto, a Virgem da Penha continua a gosar de grande fama e, de muito longe, principalmente de Campos, lhe enviam offerendas por vezes consideraveis.

Um pouco antes da festa da padroeira, os frades fazem peditorios nas immedições; no dia da festa, inumeros peregrinos sóbem a montanha e os religiosos lhes offerecem uma refeição custeada pelas esmolas recolhidas. Existe junto ao convento uma grande sala destinada a esse banquete publico.

Depois de haver visitado Nossa Senhora da Penha nós fomos, o capitão-mór e eu, a um pequeno fôrte construido na base da montanha, sobre um terreno plano, quasi ao nivel do mar. Esta fortaleza é destinada a defender a entrada da bahia, mas, penso que ella desempenharia mal este objectivo.

Um destacamento da companhia de linha, commandado por um tenente, constitue a guarnição do forte. Os commandantes dos barcos que entram e sahem são obrigados a mostrar seus papeis ao governador militar.

Como existe apenas um caminho para ir de Victoria ao Rio de Janeiro -- aquelle pelo qual eu já tinha vindo e que não chega a ser realmen-

te caminho, resolvi voltar por mar á capital do Brasil e enviar por terra minha caravana, com Prejent e Manoel da Costa.

Uma sumaca estava prestes a abrir velas para o Rio de Janeiro. O Governador teve a bondade de aplinar quaesquer difficuldades que se apresentaram e eu combinei com o patrão da barca que elle tomaria como passageiros eu e Firmiano e mais 4 caixas pela quantia de 20\$000 (125 fr.). O mau tempo retardou, infelizmente, minha partida, obrigando-me assim a prolongar minha estadia na casa do Capitão-mór, cuja benevolencia não se desmentiu nem um só instante. Emfim, o tempo melhorou. No momento em que iamós deixar o porto eu soube que o barco estava em más condições, porem eu havia tomado minha passagem e resolvi seguir. A embaração estava muito carregada; eu tinha apenas um lugar para me mexer, e para dormir eu era obrigado a me deitar curvado entre amarrados de tamanhos desiguaes no camarote do patrão, onde havia um mau cheiro bem desagradavel. Um enjão terrivel tornou inuteis as provisões que me foram dadas pelo capitão-mór; ellas não foram, entretanto, totalmente perdidas. Na altura de Cabo-Frio fomos colhidos por uma tempestade que durou uma noite inteira. O proprietario do barco, tremendo e desesperado, fazia promessas a Nossa Senhora da Penha e a todos os santos do Paraizo. O patrão, occupado

com suas manobras, parecia não o ouvir; quanto a mim, refugiei-me numa especie de buraco que me haviam dado por lugar e tive a felicidade de alli adormecer.

O capitão me disse, depois, que em vista do mau estado da embarcação nós corremos serios perigos. Este homem era de uma profunda ignorancia; mas fizera 22 vezes a viagem de Victoria ao Rio de Janeiro e o longo habito desta navegação dava-lhe sabedoria e no fim de 4 dias nós ancoravamos na bahia do Rio de Janeiro.

Este livro foi cômposto e impresso na
Empreza Graphica da «Revista dos Tri-
bunaes» a Rua Xavier de Toledo, 72,
para a Companhia Editora Nacional a
Rua dos Gusmões, 140, em Setembro
de 1936.